



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GUSTAVO DAL'BÓ PELEGRINI

A SELEÇÃO BRASILEIRA EM *A GAZETA ESPORTIVA* E *JORNAL DOS SPORTS*: OS
DEBATES DE DENTRO E FORA DO CAMPO NA COPA DO MUNDO DE 1954

THE BRAZILIAN NATIONAL TEAM ACCORDING TO *A GAZETA ESPORTIVA* AND
JORNAL DOS SPORTS: DISCUSSION WITHIN AND OUTSIDE THE GAME IN THE
FIFA WORLD CUP'54

Campinas

2024

GUSTAVO DAL'BÓ PELEGRINI

A SELEÇÃO BRASILEIRA EM *A GAZETA ESPORTIVA* E *JORNAL DOS SPORTS*: OS
DEBATES DE DENTRO E FORA DO CAMPO NA COPA DO MUNDO DE 1954

THE BRAZILIAN NATIONAL TEAM ACCORDING TO *A GAZETA ESPORTIVA* AND
JORNAL DOS SPORTS: DISCUSSION WITHIN AND OUTSIDE THE GAME IN THE
FIFA WORLD CUP'54

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de Campinas para o exame de
Qualificação, sendo parte dos requisitos exigidos para a
obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área
de Educação Física e Sociedade.

Orientador: Sérgio Settani Giglio

ESSE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
APRESENTADA PARA O EXAME DE DEFESA DA
DISSERTAÇÃO DO ALUNO GUSTAVO DAL'BÓ
PELEGRINI, E ORIENTADA PELO PROF. DR.
SÉRGIO SETTANI GIGLIO

Campinas

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Andréia da Silva Manzato - CRB 8/7292

P362s Pelegrini, Gustavo Dal'Bó, 1994-
A Seleção Brasileira em A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports : os debates de dentro e fora do campo na Copa do Mundo de 1954 / Gustavo Dal'Bó Pelegrini. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Sérgio Settani Giglio.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação Física.

1. História do esporte. 2. Jornalismo esportivo. 3. Esportes e Estado. 4. Copa do mundo (Futebol). 5. Jogadores de futebol. I. Giglio, Sérgio Settani. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: The Brazilian National Team according to A Gazeta Esportiva and Jornal dos Sports : Discussion within and outside the game in the FIFA World Cup'54

Palavras-chave em inglês:

History of sports
Sports journalism
Sports and State
World cup (Soccer)
Soccer players

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestre em Educação Física

Banca examinadora:

Sérgio Settani Giglio [Orientador]
José Paulo Florenzano
André Alexandre Guimarães Couto

Data de defesa: 28-06-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0007-6069-6272>
- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0840748252154972>

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

Orientador

Prof. Dr. José Paulo Florenzano

Prof. Dr. André Alexandre Guimarães Couto

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Jair e Isabel, pelo exemplo diário de amor, companheirismo e trabalho.

À Marina, Henrique e Gabriel, por tanta amizade, apoio e felicidade em cada encontro.

À Karina, por acreditar em mim em todos os momentos e me aconselhar diariamente.

Sem vocês esse trabalho não existiria. Vocês têm todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças para desenvolver este trabalho, principalmente nos momentos em que duvidei que conseguiria.

Agradeço a minha esposa, Karina, por todo amor, todo apoio, todo suporte e todo companheirismo, tão importantes em nossa caminhada.

Agradeço a minha mãe, Isabel, e a meu pai, Jair, que me apoiaram em minhas escolhas e trabalharam incansavelmente para proporcionar à nossa família a oportunidade de estudar em uma universidade pública.

Agradeço a minha irmã, Marina, e a seu esposo, Henrique, pela amizade, pelas risadas, pelos conselhos, e pelo maior presente que nossa família já recebeu: meu sobrinho, Gabriel. Os momentos passados juntos nos enchem de força e alegria para todas as horas.

Agradeço a meus avós, Clarice, José (in memoriam), Laura (in memoriam) e Pedro (in memoriam) por serem a base de uma família abençoada. Agradeço também aos meus tios, tias, primos e primas, membros tão importantes de nossas vidas.

Agradeço aos meus amigos de Jaguariúna José Cláudio, Letícia, Lucas e Maristela, por estarem comigo em todos os momentos, compartilhando as melhores risadas e as melhores histórias.

Agradeço aos amigos do Futebol 012, Eduardo, Gabriel, George, Jônatas, Leonardo, Lucas, Renan e Vitor, por tantos debates e risadas, ainda que poucos encontros presenciais.

Agradeço ao time de futebol da Faculdade de Educação Física da UNICAMP por me permitir praticar a atividade que mais amo.

Agradeço às equipes e atletas dos times de futsal e futebol da Ligas das Humanidades da UNICAMP e do Instituto de Geociências da UNICAMP pela oportunidade de ter sido treinador universitário, uma das experiências mais empolgantes da minha vida.

Agradeço ao meu professor e orientador, Sérgio Settani Giglio, por todas as dicas, indicações, conversas, cobranças e correções, assim como pela paciência e serenidade com minhas mudanças e dificuldades pessoais durante a escrita do trabalho. Agradeço também pela oportunidade de ter sido PED duas vezes em suas disciplinas de graduação, proporcionando uma experiência extremamente valiosa em minha vida acadêmica.

Agradeço aos meus colegas de GEPEH pelas importantes contribuições no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos professores José Paulo Florenzano e André Alexandre Guimarães Couto por me honrarem ao aceitarem nosso convite para participarem da banca deste trabalho, contribuindo com valiosos apontamentos em relação à pesquisa. Agradeço também à professora Leda Costa e ao professor José Carlos Marques pela generosidade ao aceitarem serem suplentes da minha banca.

Agradeço a todos os professores e professoras que tive em minhas disciplinas na pós-graduação, tanto na FEF como no IFCH e na UNESP Bauru, assim como todos os colegas que muito contribuíram com o desenvolvimento das disciplinas e, conseqüentemente, com este trabalho.

Agradeço aos funcionários da Faculdade de Educação Física da UNICAMP pelo empenho sempre demonstrado em atender as nossas demandas, tanto relacionadas à pesquisa, quanto às relacionadas às disciplinas oferecidas.

Por fim, agradeço à equipe do Museu do Futebol, e especialmente à equipe Centro de Referência do Futebol Brasileiro, por abrirem as portas de seu acervo para que pudesse realizar a pesquisa e serem sempre extremamente solícitos quanto aos meus pedidos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

A dissertação analisa a forma com que a Copa do Mundo de 1954, realizada na Suíça, foi retratada em dois dos mais importantes jornais esportivos brasileiros: *A Gazeta Esportiva*, de São Paulo, e o *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro. A partir de pesquisa bibliográfica e de consultas aos acervos de ambos os jornais entre os meses de fevereiro e setembro de 1954, realizamos uma análise que relaciona a maneira com que os diários noticiaram, interpretaram e reagiram aos diferentes temas que apareceram nos momentos que antecederam e sucederam a realização da competição, além, é claro, do momento da Copa em si. O trabalho realiza inicialmente uma análise histórica comparativa entre os próprios jornais, estabelecendo suas principais similaridades e distanciamentos. Dessa forma, observamos quais interesses e motivações os jornais e seus cronistas atendiam e de que forma se relacionavam com as próprias notícias, e com os outros atores do campo esportivo. Após esse momento, realizamos uma análise documental por meio da ferramenta de análise do discurso, a partir da investigação dos conteúdos publicados pelos diários, agrupando-os a partir de três diferentes chaves de compreensão: 1) o jogo propriamente dito; 2) as leituras que se utilizavam de elementos do futebol para extrapolar sua interpretação para a sociedade como um todo; e 3) o extracampo. Em cada uma dessas chaves de compreensão foram debatidas as crônicas e notícias a partir de referenciais teóricos pertinentes, comparou-se a forma com que os mesmos fatos foram retratados e interpretados pelos jornais, analisando as aproximações e os distanciamentos encontrados e buscando compreender suas motivações. A partir de tais análises, conseguimos perceber como o *Jornal dos Sports* se configura como um jornal mais adepto ao debate e discordância interna do que *A Gazeta Esportiva*, tendo também uma maior predominância de textos opinativos do que o diário paulista. Vemos também que, dentro da primeira chave de compreensão, as principais análises se concentram na comparação de dois estilos de jogo, que seriam o futebol brasileiro (*futebol-arte*) e o futebol europeu (*futebol-força*), com diversos debates derivando dessa primeira temática. Já na segunda chave de compreensão, temos como principais assuntos abordados o nacionalismo/patriotismo, a força moral e psicológica de jogadores e do povo brasileiro em geral e os componentes raciais da sociedade brasileira. Por fim, na terceira chave de compreensão, vemos as disputas entre dirigentes pelo controle das entidades esportivas e também pelo domínio do próprio discurso, assim como as disputas entre paulistas e cariocas pelo protagonismo e controle do futebol brasileiro.

Palavras-chave: *História do esporte; Jornalismo esportivo; Esporte e Estado; Copa do mundo (Futebol); Jogadores de futebol.*

ABSTRACT

This dissertation analyzes the way in which the 1954 World Cup in Switzerland was portrayed by two of the most important brazilian sports newspapers: São Paulo's *A Gazeta Esportiva* and Rio de Janeiro's *Jornal dos Sports*. Starting with our bibliographic researches and consultations of both journal's collections relative to the months of february and september of 1954, we investigated the manner in which both daily journals reported, interpreted and reacted to the relevant themes before, after and during the realization of the event. This paper, initially, carries out a comparative historical analysis between the journals establishing their main similarities and differences. Thereby we observed the interests and motivations that the journal's columnists adhere to and how they related their news articles to themselves and to the other actors of the sports field. Then, we analyzed documents grounded on discourse analysis to group the content published by the journals, based upon our investigation, dividing them into three different understanding frameworks: 1) the game proper; 2) the readings that utilized elements of soccer to extrapolate their interpretation about the society as a whole; and 3) the extrafield. In each of these frameworks we reflected upon the chronicles and news articles applying pertinent theoretical references, comparing the way in which the same facts were portrayed and interpreted by the newspapers, analyzing their resemblances and disparities, aiming to understand their motivations. From these analyses we noticed how the *Jornal dos Sports* is a newspaper more apt to debate and internal disagreements than *A Gazeta Esportiva*, at the same time that It has a higher rate of opinion articles than the latter. We noticed as well that in the first framework the main analyses are focused on comparing two styles of play, those being: the brazilian soccer (artful soccer) and the european soccer (strength soccer); with debates deriving out of this first theme. In the second framework the main topics discussed were nationalism/patriotism, moral and psychological strength of brazilian players as well as people overall and the racial components of brazilian society. Lastly, in the third framework, we observed disputes between directors over the control of sports entities and to dominate the discourse by itself in addition to the dispute between paulistas and cariocas (people from São Paulo and Rio de Janeiro respectively) over the protagonism and control over brazilian soccer.

Keywords: *History of sports; Sports journalism; Sports and State; World cup (Soccer); Soccer players.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>AGE</i>	<i>A Gazeta Esportiva</i>
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Atléticos
APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CND	Conselho Nacional de Desportes
COI	Comitê Olímpico Internacional
CTF	Conselho Técnico de Futebol
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DNP	Departamento Nacional de Propaganda
DOP	Departamento Oficial de Propaganda
DPDC	Departamento de Propaganda e Difusão Cultural
FBF	Federação Brasileira de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FMF	Federação Metropolitana de Futebol
<i>JS</i>	<i>Jornal dos Sports</i>
LAF	Liga dos Amadores de Futebol
LCF	Liga Carioca de Futebol
PRP	Partido Republicano Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. MÉTODO.....	25
2 O <i>JORNAL DOS SPORTS</i> E A <i>GAZETA ESPORTIVA</i>	27
2.1 Surgimento e contexto político nacional	27
2.2 Os jornais e a política esportiva.....	32
3. A COPA DE 1954 DENTRO DAS QUATRO LINHAS.....	38
3.1 Eliminatórias e início da preparação	38
3.2 A disputa da Copa do Mundo: estilos de jogo em debate	54
4 O FUTEBOL COMO SIGNIFICANTE DA SOCIEDADE	65
4.1 A Seleção Brasileira e a Sociedade no pré-Copa do Mundo	65
4.2 A Copa do Mundo de 1954: “raças” e patriotismo em disputa	70
4.3 Hungria 4x2 Brasil: Os debates psicológicos	73
4.4 Hungria 4x2 Brasil: As outras explicações.....	75
5 EXTRACAMPO.....	83
5.1 As eliminatórias e a preparação para a Copa do Mundo	83
5.2 As disputas pelo poder no futebol brasileiro, a busca por maior representatividade perante a FIFA durante a Copa de 1954 e as consequências da derrota	87
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

As Copas do Mundo de Futebol são momentos ímpares do esporte mundial, sendo um acontecimento global que ganha grande importância dentro da sociedade brasileira. O futebol é tradicionalmente considerado, em nosso país, uma importante expressão de nossa identidade nacional, tendo as Copas do Mundo como momentos máximos de sua definição e constantes atualizações (GUEDES, 2002). Esse caráter definidor da identidade é dado pelo fato de o esporte confrontar os selecionados nacionais que, por sua vez, como representantes simbólicos de seus países e seus povos, mostrariam através da disputa suas características, valências e fraquezas. Nesse sentido, as Copas do Mundo de Futebol e também os Jogos Olímpicos ganham destaque e fazem com que esses sentimentos sejam expostos ao máximo.

A produção acadêmica nas ciências humanas acerca do esporte possui grande relevância atualmente, seja nas áreas de história, sociologia, antropologia, educação física ou comunicação¹. Pierre Bourdieu, importante sociólogo francês, já havia demonstrado como o esporte pode ser visto como um “campo” específico da sociedade, ou seja, como um espaço relativamente autônomo com sua lógica, história e evolução próprias, ainda que existindo dentro de um macrocosmo maior e, assim, sujeito também a interferências externas a esse campo (BOURDIEU, 2003, p. 183). A história do esporte tem se mostrado uma área de estudos cada vez mais consolidada, muito por conta da possibilidade de utilização de diversos tipos de fontes para suas pesquisas (MELO et al, 2013). Gebara (2002), ao tratar sobre a construção do campo da história do esporte, aponta para a importância do tratamento de tais fontes, ressaltando que a confiança ilimitada no documento pode levar a uma posição enganosa, sendo de fundamental importância buscar compreender e contextualizar tais documentos para além do que eles apresentam por si sós.

Nesse contexto, vemos os periódicos como um dos principais tipos de documentos a serem utilizados pelos pesquisadores em seus trabalhos. Muito mais do que apenas um retrato da realidade, os periódicos devem ser encarados como uma fonte inserida e produzida dentro de um tempo específico, que registra uma realidade conveniente para o grupo que domina a sua produção. Como nos mostra Luca, a imprensa atua na produção do campo ao selecionar, ordenar, estruturar e narrar determinados fatos de uma determinada maneira, escolhendo “o

¹ Sobre o futebol nas ciências humanas, ver Giglio e Proni (2020).

quê” e “como” algo deve chegar ao público (2008, p. 139)². Assim sendo, parte fundamental da pesquisa com periódicos é a pesquisa sobre os próprios periódicos, buscando entender questões que podem passar despercebidas em um primeiro momento, tal como quem escreveu, para quem escreveu, quando escreveu e quais são os motivos em escrever ou não escrever algo.

A importância dos estudos dos periódicos se fundamenta também pelo papel de autoridade exercido pela imprensa, tanto tradicional como esportiva, interpretando e produzindo os sentidos dos acontecimentos. Como afirma Barbosa (2007, p. 152 - 153), a partir do veículo de mídia, o jornalista detém o poder de transformar em senso comum aquilo que poderia ser apenas sua própria experiência individual, sendo que seu poder é proporcional à sua relevância perante seu grupo e ao público. Assim, mesmo dentro do campo esportivo, relevantes cronistas e jornalistas deteriam o poder criar consensos a partir de suas próprias experiências particulares.

A partir dessa ideia, podemos refletir sobre o conceito de “representação”, notadamente desenvolvido pelas discussões de Pierre Bourdieu e de Roger Chartier. Como nos mostra Coelho (2014), o conceito de representação tem a ver com a forma com que grupos da sociedade enxergam a si mesmos e, também, a outros grupos, criando representações da realidade a partir da própria visão e posição no mundo. Estas representações são baseadas nas experiências sociais e nos interesses de tais grupos, de forma que compreender as representações dos grupos significa também compreender a construção social do mundo dos mesmos (COELHO, 2014, p. 169). O conceito de representação pode ser grande valia para debatermos a forma com que jornalistas e veículos de imprensa narram e interpretam os acontecimentos, inclusive no esporte, e criam narrativas a partir de determinadas visões de mundo, que encontram sentido ao passo que esta mesma visão de mundo passa a ser compartilhada pelas pessoas a quem o discurso atinge.

Segundo Guedes (2011), o campo de futebol é, antes de tudo, um campo de debates, no qual diferentes discursos disputam uma hegemonia sobre a narrativa a ser produzida, tanto nas vitórias quanto nas derrotas. Ainda segundo a autora, esses discursos não se restringem às quatro linhas. Pelo contrário, por se tratar de um tema que desperta intensas emoções no público, o futebol será interpretado muitas vezes como metáfora da vida cotidiana, como se

² Um tema que pode ser explorado a partir do debate do surgimento, papel e importância da imprensa dentro das sociedades modernas, com destaque para a sociedade urbana, é em relação ao conceito de Modernidade. Sobre a Modernidade de forma mais ampla, ver Ianni (1989). Sobre a Modernidade a partir da ótica brasileira, ver Domingues (1998), Rodrigues (2004) e Tavoraro (2011; 2013).

seus acontecimentos não coubessem no jogo em si, produzindo-se narrativas que tentarão explicar o povo brasileiro, suas características, anseios, qualidades, mazelas e significações, ainda que de forma estereotipada, a partir deste esporte.

Esse campo de disputas de discursos produzirá, portanto, as autoridades no trato do futebol e suas interpretações, ou seja, indivíduos com grande reconhecimento em seu grupo e perante o público, que serão os responsáveis pela produção dos chamados discursos autorizados (GUEDES, 2011). Tais autoridades dão ao próprio discurso essa imposição de interpretação fiel à realidade, oficial e verdadeira, ao passo que são eles mesmos agentes muito significativos dentro do campo esportivo. Nesse sentido, jornalistas e cronistas são as autoridades máximas nessa produção de discursos autorizados, fazendo-se com que seja fundamental que não apenas os jornais sejam estudados, mas também seus autores e escritores. Como demonstra Ribeiro (2007), até pelo menos a primeira metade do século XX, muitos dos cronistas, jornalistas e editores dos jornais eram dirigentes de clubes e federações, além de pertencerem a círculos próximos com membros importantes de diferentes instâncias governamentais, tendo assim influência direta nos rumos do futebol brasileiro.

Como afirma Melo (2012, p. 24), demonstrando como se constrói essa autoridade a partir dos meios de comunicação, os sentidos e significados do esporte foram aqueles produzidos pelos jornalistas a partir de uma negociação entre seus interesses próprios, os interesses da empresa e o que eles consideravam interesse público, sendo que tais interesses diversos muitas vezes se misturavam. Dentro desse contexto, as crônicas se mostram um gênero de escrita ainda mais relevante para a produção de sentidos, haja vista que se trata de um texto curto de opinião que tematiza elementos cotidianos, porém buscando muitas vezes realizar comparações e metáforas profundas e significativas em relação ao tempo em que se é produzida (ANTUNES, 2004, p. 20 - 21).

Portanto, a utilização de periódicos para o estudo da história e das disputas que envolvem o esporte e, em especial, o futebol mostra-se de grande valia. Nesse cenário, as Copas do Mundo podem ser consideradas momentos de alta relevância, nas quais diversos debates eclodem nas páginas dos jornais, tanto em questões relativas ao jogo em si – como estilos de jogo e sistemas táticos –, como em questões extracampo – disputas de poder em órgãos de comando e críticas ou elogios a dirigentes –, além das visões do “futebol como metáfora da vida cotidiana e do brasileiro”, e consequentes buscas por essas definições. A cobertura da imprensa esportiva nos anos 1950, recorte da pesquisa que será melhor delimitado mais adiante, acontecia de forma diferente da cobertura da mídia atual, com diversos dirigentes do esporte e

de órgãos do governo brasileiro tendo espaço para escrever crônicas e análises em muitos jornais. Assim, os períodos de Copa do Mundo ganhavam ainda mais relevância pois eram momentos em que tais discursos e debates eram potencializados.

Em relação ao futebol como metáfora da vida cotidiana, podemos dizer que se buscava produzir discursos que validariam determinadas visões de mundo defendidas pelos autores e veículos que as propagam, muitas vezes atribuindo sentidos socialmente complexos para ações quase aleatórias como as produzidas em um jogo de futebol, ou mesmo justificando os resultados das partidas a partir de análises sociais que não necessariamente sejam correspondentes aos fatos do jogo.

Tais momentos de Copa têm sido cada vez mais estudados, mas sem abranger todas as Copas em si. As Copas do Mundo em que o Brasil sai vitorioso costumam ser as mais exploradas nos trabalhos acadêmicos, junto de algumas outras em que a Seleção não sai com o título, mas que o contexto em que foi disputada e seus acontecimentos levam a um destaque maior³. Como mostra Guedes (2002, p. 10), as derrotas da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo, principalmente a partir de 1950, são de grande importância de estudo pois, a partir de análises aparentemente neutras sobre questões táticas e técnicas, são discutidos ideias e valores que permeiam a sociedade como um todo.

Mas as Copas também não existem apenas em si mesmas. A partir de seus acontecimentos, sucessos e fracassos, são definidos e disputados por diferentes grupos os rumos do futebol visando o próximo grande evento. Ainda que a competição em si dure não mais do que um mês a cada quatro anos, todo o intervalo entre a última e a próxima Copa do Mundo pode ser considerado um tempo de avaliação, planejamento e preparação. Ainda que diferentes amistosos e competições de seleções ocorram no período e tenham sua importância, a Copa do Mundo e seus resultados são os fins e as justificativas dos acontecimentos. Portanto, ao estudarmos uma Copa do Mundo, para uma compreensão mais precisa, devemos levar em conta os acontecimentos da Copa anterior e de todo o período de quatro anos de intervalo que culminou no grande evento, abarcando assim todo o ciclo.

A primeira edição da Copa do Mundo de Futebol foi realizada no ano de 1930, com sede no Uruguai. A realização da competição é o resultado da disputa interna pelo poder sobre o controle do futebol internacional, colocando em evidência o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e o debate sobre amadorismo e

³ Sobre derrotas e vilões do Brasil nas Copas do Mundo, ver Costa (2020).

profissionalismo. O COI, organizador dos Jogos Olímpicos, era uma instituição altamente restritiva em relação ao amadorismo dos atletas participantes de sua competição, permitindo que disputassem os Jogos apenas atletas que não recebessem compensações por perda de salário pelos dias que deixaria de trabalhar, pois tal condição caracterizaria o profissionalismo. Assim, atletas que recebessem ou já houvessem recebido tal compensação, em seu esporte ou em qualquer outro, estavam proibidos de disputarem os Jogos Olímpicos (GIGLIO; RUBIO, 2014; GIGLIO, 2018).

A FIFA, porém, era menos restritiva em sua concepção de amadorismo, e buscava garantir meios de ressarcir os indivíduos que perdessem dias de trabalho participando de suas competições. O COI, ao não permitir tal tipo de ressarcimento, buscava garantir que apenas atletas pertencentes à elite participassem das Olimpíadas, excluindo a classe trabalhadora. Dessa forma, após um grande número de debates relacionados aos Jogos Olímpicos de 1928, em Amsterdam, ficou decidido que o futebol não estaria presente nas Olimpíadas seguintes, em 1932, em Los Angeles. Assim, em outubro de 1928, a FIFA declara sua intenção de criar sua própria competição internacional de futebol, na qual seriam aceitos tanto atletas amadores como profissionais. (GIGLIO; RUBIO, 2014; GIGLIO, 2018).

É importante salientar, como afirmam Giglio e Rubio (2014) e Giglio (2018), que tal ruptura se dá por uma disputa de poder entre as entidades que buscavam, pelo lado do COI, afirmar seu poder perante o esporte mundial e as federações internacionais das diferentes modalidades, e, pelo lado da FIFA, não se subordinar a outra instituição esportiva. O futebol retornou ao Programa Olímpico nos Jogos de 1936, em Berlim, seguindo a regra do COI de participação de atletas sem reembolso pelo tempo de serviço perdido, porém já tendo havido duas edições da Copa do Mundo da FIFA. Se até a década de 1930, os vencedores da competição de futebol dos Jogos Olímpicos eram considerados verdadeiramente os campeões mundiais, celebrados como melhores equipes do planeta, como no caso da Seleção Uruguaia campeã olímpica de 1924 e 1928⁴, esta correlação muda a partir do início das Copas do Mundo, ganhando ainda mais força no período pós Segunda Guerra Mundial.

A primeira Copa do Mundo foi realizada em 1930, no Uruguai. A escolha do país como sede da competição se deu por diferentes fatores: 1) a força do futebol uruguaio, então bicampeão olímpico; 2) as comemorações do centenário de constituição do país; 3) o

⁴ Por conta de suas vitórias nas Olimpíadas na década de 1920, até hoje a Seleção Uruguaia de futebol carrega o apelido de Celeste Olímpica.

comprometimento do governo uruguaio de construir um grande estádio para celebrar a realização da competição, que ganhou o sugestivo nome de Estádio Centenário (SILVA, E. 2004, p. 100).

O país sul-americano era a grande potência do futebol da época, tendo sido campeão das duas últimas edições dos Jogos Olímpicos, como já dito anteriormente, em 1924 (Paris) e 1928 (Amsterdã). A competição contou com 13 selecionados participantes, todos eles convidados, sendo nove das Américas, e apenas quatro europeus. As dificuldades da travessia da Europa para a América do Sul foram utilizadas como justificativa para a baixa adesão das equipes europeias do torneio. Ao final da competição, no dia 30 de julho de 1930 no Estádio Centenário de Montevideo, os anfitriões venceram os argentinos pelo placar de 4 a 2, conquistando a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol.

A participação brasileira na competição foi bastante breve, durando apenas dois jogos na fase de grupos. Na primeira partida, o Brasil foi derrotado pela Iugoslávia pelo placar de 2 a 1 no dia 14 de julho. O segundo jogo, com as duas equipes já eliminadas, foi contra a Bolívia, resultando numa vitória por 4 a 0 para os brasileiros no dia 20 de julho.

A preparação brasileira para a competição foi totalmente comprometida desde o momento da convocação dos jogadores. A disputa política existente entre a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), de São Paulo, e a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), do Rio de Janeiro, fez com que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), também sediada no Rio de Janeiro, acabasse convocando apenas atletas da capital federal para a Copa do Mundo, enfraquecendo substancialmente o selecionado brasileiro (SILVA, E. 2004, p. 90 – 91).

Segundo consta no site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)⁵, no artigo dedicado a Copa de 1930, 15 jogadores de equipes paulistas seriam chamados para a disputa da competição, enquanto do Rio de Janeiro, apenas oito atletas seriam convocados. Com a negativa da APEA de liberar seus atletas, a convocação acabou sendo feita apenas com jogadores vindo do Rio de Janeiro, com a exceção de Araken Patuska, atleta do Santos Futebol Clube que, por estar sem contrato, foi registrado pelo Clube de Regatas do Flamengo.

Quatro anos após a realização da primeira Copa do Mundo, a competição desembarca na Europa. A Itália, sob o regime fascista de Benito Mussolini, sediou o certame

⁵ <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/o-brasil-na-primeira-copa-do-mundo>>. Acesso em 11 de setembro de 2023.

que, diferente do que aconteceu na disputa anterior, foi disputada majoritariamente por equipes do Velho Continente. Das 16 seleções classificadas para o torneio, que pela primeira vez contou com sistema de eliminatórias, 12 eram europeias, enquanto ainda havia três americanas e uma equipe africana pela primeira vez. Por fim, a anfitriã Itália bateu a Tchecoslováquia na final pelo placar de 2 a 1 na prorrogação, conquistando seu primeiro título no dia 10 de junho de 1934.

A participação brasileira foi, mais uma vez, bastante tímida. A Seleção foi derrotada pela Espanha logo no primeiro jogo pelo placar de 3 a 1, dando adeus à competição de forma brevíssima. Assim como ocorreu em 1930, a preparação da equipe ficou bastante aquém do necessário para tal competição, na qual um novo embate dentro das estruturas de poder do futebol brasileiro acabou prejudicando qualquer possibilidade de um maior êxito. Segundo Eliazar Silva, duas consequências importantes da participação do Brasil na Copa do Mundo de 1930, ainda que obtendo uma campanha ruim, foram o desenvolvimento de uma maior discussão acerca da necessidade de profissionalização dos clubes de futebol brasileiros, fato já mais comum no exterior e, também, do nascimento de um interesse do governo brasileiro de um maior controle e atrelamento de sua imagem à Seleção Brasileira (2004, p. 97 – 98).

Segundo o artigo referente ao mundial de 1934 do site da própria CBF⁶, buscando, então, a modernização do esporte no país, foi criada a Liga Carioca de Futebol (LCF), defensora do regime profissional, assim como a APEA passou a também adotar integralmente o profissionalismo. Criou-se, então, a Federação Brasileira de Futebol (FBF), entidade que deveria reunir sob seu guarda-chuva os clubes e federações que aderissem ao profissionalismo. Porém, a FBF não era filiada a FIFA, sendo, portanto, a antiga CBD a entidade que mantinha o controle da Seleção Brasileira.

No momento da convocação para a Copa do Mundo da Itália, entre as equipes que possuíam os principais jogadores do futebol brasileiro, apenas o Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro, se manteve atrelado ao amadorismo e a CBD. A entidade, ainda que se mantivesse amadora na teoria, buscou contratar jogadores profissionais e filia-los aos clubes que permaneceram sob sua influência (MACHADO, 2014, p. 30 – 31). Apesar dos esforços, a preparação da Seleção ficou distante do necessário para fazer um melhor papel na competição,

⁶ <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/mundial-da-italia>>. Acesso em 11 de setembro de 2023.

como podemos perceber pelo fato de o último jogo realizado pela Seleção Brasileira antes da Copa do Mundo ter sido realizado apenas em dezembro de 1932.

A Copa do Mundo permaneceu na Europa em sua terceira edição, e a França, do presidente da FIFA Jules Rimet⁷, foi escolhida como sede da competição. Acreditando que deveria haver um rodízio entre Europa e América do Sul na escolha das sedes do mundial, a Argentina se candidatou para sediar o torneio e, ao ser preterida pela França, liderou um boicote dos países sul-americanos para que estes não comparecessem à Copa. Assim, o Brasil foi o único concorrente da região a se interessar pela disputa, classificando-se sem a necessidade de disputar as eliminatórias⁸. Das dezesseis seleções presentes na Copa do Mundo, treze eram europeias, duas americanas e uma asiática.

Antes do início da competição, porém, um fato marcante causou uma alteração na competição: a anexação do território austríaco pela Alemanha Nazista fez com que a Áustria não mais participasse da competição, com alguns integrantes de sua seleção atuando pela própria equipe alemã. O sorteio dos confrontos já havia ocorrido e, assim, a Suécia avançou diretamente da primeira para a segunda fase. Por fim, a Copa do Mundo acabou mais uma vez consagrando a seleção italiana como campeã mundial, repetindo a Copa anterior de 1934 e, também, a medalha de ouro olímpica de 1936. Na grande final disputada em Paris, a Itália derrotou a Tchecoslováquia pelo placar de 4 a 2.

Diferente das competições anteriores, em 1938 a participação brasileira foi bastante positiva, sendo esta a primeira grande campanha do Brasil em Copas do Mundo. A Seleção Brasileira, comandada por Adhemar Pimenta, estreou com vitória frente a Polônia na prorrogação pelo placar de 6 a 5. Na fase seguinte, o Brasil bateu a Tchecoslováquia por 2 a 1 no jogo desempate após ter empatado a primeira partida por 1 a 1⁹. Na semifinal, a equipe brasileira acabou derrotada por 2 a 1 pela seleção italiana, que conquistaria o título dias depois. Por fim, o Brasil conquistou uma última vitória ao bater a Suécia pelo placar de 4 a 2 na disputa de terceiro lugar. Além da conquista da terceira colocação, os jogadores brasileiros obtiveram grande destaque na campanha da seleção. O atacante Leônidas da Silva foi o artilheiro da

⁷ Jules Rimet foi o terceiro presidente da FIFA, ocupando o cargo de 1921 até 1954, sendo o responsável por encabeçar a criação da Copa do Mundo.

⁸ <<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-do-mundo-1938-franca.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2023.

⁹ O regulamento previa que, em caso de empate nos noventa minutos, uma prorrogação de 30 minutos seria disputada. Se o empate se mantivesse, uma nova partida seria marcada para os próximos dias. A disputa por pênaltis foi introduzida nas Copas do Mundo a partir de 1978.

competição, com sete gols marcados, sendo o grande nome da campanha brasileira junto do zagueiro Domingos da Guia.

O sucesso brasileiro se deu, primeiramente, por um processo de pacificação das entidades dirigentes do futebol nacional, especialmente a CBD e a FBF a partir da iniciativa de dirigentes de clubes e pressão da imprensa (MACHADO, 2014). Com o envolvimento crescente do governo brasileiro no controle do esporte e em sua utilização como ferramenta a serviço da pátria, também foram lançadas diferentes campanhas e iniciativas que visavam atribuir à população a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso que a seleção porventura obtivesse em sua empreitada (Idem). Podemos observar, portanto, pela primeira vez a real mobilização de todo um país em busca de uma grande campanha na competição, extrapolando totalmente os limites do próprio futebol.

Durante a Copa do Mundo, os limites entre futebol e sociedade brasileira – se é que esses limites existem de alguma forma – também foram debatidos pelo sociólogo Gilberto Freyre. Em um artigo intitulado “Football Mulato” publicado no Diário de Pernambuco, Freyre afirma que o brasileiro tem como características inatas do seu jogo o improviso, a malandragem e a individualidade, obtendo assim grande sucesso ofensivo no jogo de futebol, ao passo que defensivamente tal sucesso seria menor (FREYRE, 1938). Tais características podem ser consideradas como fundadoras do que conheceríamos como *futebol arte*. O autor (Idem) ainda afirma que esse sucesso se deve à miscigenação do povo brasileiro que combinaria as melhores características do branco e do negro, finalmente refletida também na seleção brasileira, que anteriormente tinha apenas atletas brancos em sua equipe. Freyre voltaria a debater a relação entre a miscigenação racial e as qualidades do futebol brasileiro em 1947, no prefácio da primeira edição do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, do jornalista Mário Filho, como veremos mais à frente.

A ideia de existir uma forma intrinsecamente brasileira de jogar futebol permeará todo o discurso da crônica esportiva nas análises sobre a Seleção Brasileira dali em diante, sendo ainda hoje bastante influente. O autor Arlei Damo (1999) busca sintetizar as características do *futebol arte*, oriundas das ideias de Freyre, comparando-as com seu suposto antagonista: o *futebol força*. Assim, segundo o autor, seriam importantes características do futebol brasileiro o *artístico*, o *espetáculo*, o *dionisíaco*, o *intuitivo*, a *natureza*, o *dom*, o *individual* e a *habilidade*, enquanto pertenceriam ao futebol europeu os seus opostos, ou seja, o *competitivo*, a *eficiência*, o *apolíneo*, o *racional*, a *cultura*, o *aprendizado*, o *coletivo* e a *força*. Outras oposições são ainda incluídas pelo autor, da mesma forma que mais outras podem ser

destacadas por nós na mesma lógica ainda hoje (por exemplo, a *técnica* versus a *tática*). O que queremos chamar a atenção é o fato dessas oposições serem a base das discussões relativas ao futebol brasileiro (*futebol arte*) e o futebol europeu (*futebol força*) na imprensa esportiva e também para o público geral.

É necessário pontuar, porém, a dificuldade de se atestar a existência do *futebol arte*, ou seja, de uma forma intrinsecamente brasileira de jogar futebol. Como veremos em diferentes análises da imprensa mais adiante, não foram raras as vezes que outras seleções realizaram um jogo com as características que conclamamos serem nossas, da mesma forma que houve oportunidades em que renunciamos a nossa suposta forma de jogar futebol por entendermos que diferentes formas de jogo seriam mais eficientes na busca por um objetivo¹⁰. Partindo desses pressupostos, cabe-nos os questionamentos: se houvesse realmente uma forma brasileira de jogar futebol, a partir dos moldes sociais e raciais debatidos por Freyre, será que outras seleções poderiam também atuar da mesma forma? Será que os jogadores brasileiros teriam a escolha de atuar a partir de diferentes formas se realmente existisse um estilo de jogo intrínseco ao brasileiro? Talvez possamos afirmar que exista, dentro do *futebol arte*, um processo de reificação, no qual uma ideia abstrata, no caso o próprio *futebol arte*, torna-se concreta na medida em que é constantemente validada e acreditada como sendo uma forma realmente existente e diferenciada de se praticar o esporte.

Retornando ao debate sobre a Copa de 1938 e sua repercussão no Brasil, cabe destaque no fato de que a empolgação da torcida brasileira foi marcante durante toda a competição, acompanhando a campanha da Seleção pelo rádio e pelos jornais. Após o sucesso do Brasil na França, a delegação retornou ao país com grande festa da população nas ruas da capital federal, evidenciando o sucesso esportivo e político de toda a empreitada brasileira na Copa da França (MACHADO, 2014).

Após um hiato de 12 anos por conta da Segunda Guerra Mundial, e consequente não realização das Copas de 1942 e 1946, a Copa do Mundo retornou ao calendário esportivo mundial em 1950. Com a destruição do território europeu por conta da guerra, o destino provável para a realização da competição seria novamente a América do Sul, e o país escolhido pela FIFA foi o Brasil. Após uma primeira fase em que as equipes foram divididas em quatro grupos, as primeiras colocadas de cada um dos grupos se classificariam para a fase final, na

¹⁰ Não encontramos nesse momento histórico na crônica esportiva, a expressão *futebol arte*. Ainda assim, podemos ver com clareza as ideias que configuram a oposição *futebol arte* x *futebol força* presentes nos textos.

qual se enfrentariam todas contra todas. A equipe que tivesse o maior número de pontos ao fim do quadrangular seria a grande campeã do torneio¹¹. Devido a diferentes problemas logísticos e organizacionais, apenas 13 seleções participaram da competição, sendo oito americanos e cinco europeus. Ao final da fase de grupos, Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai se enfrentaram na fase final, culminando com uma última rodada na qual Brasil e Uruguai jogariam podendo conquistar o título.

A Seleção Brasileira chegou como favorita. Na fase de grupos havia batido as seleções de México e Iugoslávia pelos placares de 4 a 0 e 2 a 0 respectivamente, além de ter empatado seu jogo contra a Suíça por 2 a 2. Já os uruguaios haviam feito apenas um jogo nessa fase, em que bateram os bolivianos pelo elástico placar de 8 a 0. Na fase final, O Brasil conseguiu duas expressivas goleadas, vencendo a Suécia por 7 a 1 e a Espanha por 6 a 1, somando quatro pontos. O Uruguai, por sua vez, apenas havia empatado com a Espanha no primeiro jogo por 2 a 2, e então vencido a Suécia por 3 a 2, totalizando três pontos. Com o Brasil a frente do Uruguai na classificação final, o empate bastaria para que a Seleção conquistasse seu primeiro título mundial.

O jogo, como se sabe, acabou não ocorrendo da forma esperada. Em um Maracanã lotado com quase 200 mil pessoas, segundo algumas estimativas, o Brasil saiu na frente com gol de Friaça, mas acabou sofrendo a virada com tentos de Schiaffino e Ghiggia, e o Uruguai se sagrou bicampeão do mundo em pleno Rio de Janeiro.

O jogo que marcou a derrota do Brasil por 2 a 1 para o Uruguai, ocorrido em 16 de julho de 1950, é provavelmente a mais importante partida de futebol já disputada no Brasil e pelo Brasil. O jogo, que acabou conhecido como “a mãe de todas as derrotas”, pode ser considerado também, segundo Costa, como “a mãe de todas as narrativas da derrota” (2020, p. 48), pois foi a partir deste jogo que nasce também uma forma de se lidar e interpretar a derrota pela imprensa esportiva brasileira. Segundo a autora, uma questão se fez insistentemente presente nos jornais logo após a derrota brasileira: “por que o Brasil perdeu?” (COSTA, 2020, p. 44). A partir de tal reflexão, foram debatidos os mais diversos motivos para a considerada improvável derrota brasileira, que iam desde a culpabilização de jogadores, como nos casos de Bigode e Barbosa, até o debate sobre os problemas emocionais e morais que atingiam os jogadores brasileiros e, considerando a extrapolação costumaz das quatro linhas do campo para a sociedade, talvez todo o povo brasileiro por consequência (COSTA, 2020).

¹¹ Na época, a contagem de pontos era a seguinte: vitória – 2 pontos; empate – 1 ponto; derrota – 0 pontos.

A dimensão desta derrota, como ainda explica Costa (2020), aconteceu por uma série de fatores, tais como a boa fase do selecionado brasileiro, campeão sul-americano de 1949 e dono de uma ótima campanha durante todo o mundial, o fato de a imprensa de modo geral tratar a Seleção Brasileira como uma certa extensão do que seria a Nação brasileira, a grandeza simbólica do Estádio do Maracanã, palco da final e de outros jogos da Seleção, que foi construído para a realização da Copa do Mundo e se tratava do maior estádio do mundo na época, e ao tratamento de dever cívico e patriótico dado a partida, não apenas em relação aos jogadores que efetivamente a disputariam, mas também em relação a população brasileira que deveria torcer pela Seleção e, portanto, para o Brasil. Assim, ao não se concretizar a vitória, dada como certa em diversos veículos de imprensa brasileiros às vésperas do jogo¹², a derrota ganhou a dimensão de um fracasso de toda a Nação.

A forma pela qual a imprensa brasileira narrou e interpretou o *Maracanazo* moldou as narrativas das derrotas das Copas do Mundo seguintes, mesmo após o sucesso conquistado pela Seleção Brasileira na competição a partir de 1950, fazendo-se presente até os dias de hoje.

Diante do exposto, o objetivo geral deste trabalho foi o de analisar a produção dos diários *A Gazeta Esportiva (AGE)*, de São Paulo e *Jornal dos Sports (JS)*, do Rio de Janeiro, acerca da Copa do Mundo de 1954, buscando pontos de aproximação e distanciamento dos periódicos em relação ao que foi publicado por ambos, desde o momento de início da preparação para a competição, passando pela Copa em si, e se encerrando nos meses seguintes ao evento, com sua repercussão. De forma específica, o trabalho se desenvolveu a partir de três diferentes chaves de compreensão: 1) o jogo; 2) o jogo usado como metáfora do cotidiano; e 3) o extracampo. Em cada uma destas chaves de compreensão, foram analisadas e comparadas as publicações dos diários, relacionando-as entre si e com a produção acadêmica já existente na área. A escolha deste período se deu exatamente pelo entendimento de que os resultados de uma Copa do Mundo continuam reverberando pelos tempos seguintes, sendo importante analisar os debates pré-Copa e pós-Copa para melhor compreender não apenas a Copa a que se refere, mas também o desenvolvimento do futebol brasileiro no novo ciclo que se inicia. Também foi desenvolvida, a fim de dar maior profundidade aos debates entre os diários, uma análise

¹² Ainda que houvesse uma ideia geral do amplo favoritismo brasileiro, com um otimismo exacerbado em muitos veículos de imprensa, outros veículos adotavam uma maior cautela em relação a esse sentimento de vitória garantida, inclusive apontado o fato de que este clima poderia ser extremamente perigoso e prejudicial à Seleção Brasileira.

histórica de ambos, desde sua criação até a década de 1950, período no qual a análise dos documentos se concentra.

1. MÉTODO

A partir do exposto, este trabalho investigou as visões dos periódicos *Jornal dos Sports (JS)*, do Rio de Janeiro, e *A Gazeta Esportiva (AGE)*, de São Paulo, do período que compreende desde a fase eliminatória da Copa do Mundo de 1954, passando pela Copa em si e sendo concluída nos meses seguintes, no qual o desempenho brasileiro ainda estará sendo motivo de análises e debates. Usaremos como método de pesquisa a análise documental qualitativa (CORSETTI, 2006), lançando mão da ferramenta da análise do discurso, entendendo que esta, como afirma Krieg-Planque (2017), seja a ferramenta ideal ao passo que busca não apenas observar o que foi publicado pelos periódicos, mas principalmente entender o contexto de tais discursos e quais eram as posições e intenções de seus autores e veículos ao publicá-los.

O recorte escolhido para a pesquisa são as edições correspondentes ao início da preparação para a Copa do Mundo e a disputa das eliminatórias, em fevereiro de 1954, até o mês de setembro em ambos os periódicos. Para a análise, os periódicos foram observados em todas as suas edições no período, buscando-se elementos que dialoguem com a temática da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, sendo observadas notícias e crônicas diversas no que se refere à Seleção em si, à forma de jogar da equipe, as avaliações feitas de jogadores e treinadores, a arbitragem, as explicações das derrotas e vitórias conquistadas, os debates referentes ao comando de instituições relevantes, como a FIFA e a CBD, entre outras, e demais assuntos pertinentes ao tema. O período escolhido se dá pela relevância histórica da Copa do Mundo de 1954, evento intercalado entre dois momentos de grande significância e simbolismo da história do futebol brasileiro: A Copa do Mundo de 1950 e o *Maracanazo*, por um lado, e a Copa do Mundo de 1958 e o primeiro título mundial da Seleção Brasileira por outro.

Como anteriormente citados, as fontes selecionadas para as pesquisas serão o *JS* e *AGE*. A escolha desses periódicos se justifica pelo fato de serem os mais importantes e populares diários esportivos das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo no período estudado, levando em consideração tanto os jornais em si como as pessoas que faziam parte da equipe de ambos. *AGE* foi um jornal que iniciou sua trajetória como um suplemento esportivo do diário *A Gazeta* na década de 1920, tendo ganhado sua “emancipação” na década de 1940 devido ao seu grande sucesso, tornando-se o mais popular diário esportivo de São Paulo em sua época, agregando nomes relevantes como o do jornalista Thomaz Mazzoni, como veremos mais a fundo. Por sua vez, o *JS* foi um diário criado no início da década de 1930 e comprado, entre outras pessoas, pelo importante jornalista Mário Filho em 1936. O diário, que contou com

nomes de grande relevância do cenário da crônica e política esportiva entre seus escritores, tornou-se rapidamente o mais popular do segmento no Rio de Janeiro. Faziam parte desses jornais dentro de seus quadros de cronistas, jornalistas e diretores pessoas de relevância no cenário político e esportivo da época, como dirigentes, escritores e cronistas de grande repercussão. Assim, podemos considerá-los como importantes figuras de autoridade que, por sua vez, produziam os discursos autorizados no futebol. A análise histórica dos jornais, desde suas criações até a década de 1950, procurando possíveis pontos de aproximação e distanciamento entre eles, foi o tema do primeiro capítulo da dissertação.

Já o debate sobre o período da Copa de 1954 e a análise dos periódicos foi feito a partir de três diferentes chaves de compreensão: 1) o jogo de futebol (compreensão sobre preferências e discussões sobre estilos de jogo e opções técnicas e táticas coletivas e individuais); 2) o futebol como agente significante da sociedade (de que forma os jornais intermediaram o futebol e a Seleção Brasileira como agentes construtores de significados do que era o Brasil, o brasileiro e o resto do mundo); e 3) o extracampo (as disputas pelo poder sobre as entidades que ditavam os rumos no futebol brasileiro e suas influências sobre o jogo). Cada uma destas três chaves de compreensão também compôs um capítulo da dissertação. Entendemos que, apesar de tais chaves não existirem de formas separadas e exercerem grande influência uma sobre as outras, tal divisão didática pode facilitar o estudo e compreensão dos acontecimentos e interpretações do período. Cabe ainda destacar que apesar de buscar manter uma certa linearidade temporal entre os textos destacados dos periódicos, em alguns momentos precisou-se agrupar debates referentes aos mesmos assuntos, ainda que com intervalos temporais relativamente distantes. Tal escolha se deu para manter uma coesão de temas, que comumente surgem, desaparecem e tornam a surgir a depender da vontade de seus autores, ou mesmo da urgência de outros acontecimentos que por vezes se tornam a pauta principal dos jornais.

2 O JORNAL DOS SPORTS E A GAZETA ESPORTIVA

2.1 Surgimento e contexto político nacional

É no início do século XX, momento de crescimento e desenvolvimento cada vez maior da imprensa brasileira, que surge o jornal *A Gazeta*. Criada pelo jornalista Adolfo Araújo em maio de 1906, após passar por diferentes donos e crises o jornal foi comprado por um de seus repórteres, Cásper Líbero, em 1918, com o auxílio de outros três indivíduos: seu irmão, José Líbero, e seus amigos Júlio Prestes, que seria posteriormente governador do estado de São Paulo, e Oscar Rodrigues Alves, filho do ex-presidente do Brasil, Rodrigues Alves, ambos filiados ao Partido Republicano Paulista (PRP), que teve o pai de Cásper, Honório Líbero, como um de seus fundadores (STYCER, 2008).

Com Cásper Líbero no comando do diário, *A Gazeta* se transformou rapidamente num dos principais veículos jornalísticos da cidade de São Paulo. A partir dela, Cásper colocou em ação seis princípios que nortearam o desenvolvimento de seu projeto jornalístico. Seriam eles, segundo Hime (1998), o progresso, o nacionalismo, o regionalismo, o jornalismo enquanto função social, a coletividade e a juventude. Esses princípios, interligados entre si, são observados marcadamente também em seu suplemento esportivo e futuro diário *A Gazeta Esportiva*.

Segundo Stycer (2008), foi em dezembro de 1928 que surgiu *A Gazeta – Versão Esportiva*, suplemento de *A Gazeta* que circulava semanalmente. Uma década depois, o suplemento era publicado três vezes na semana, já com o nome *A Gazeta Esportiva*, e em 1947 torna-se um diário – fato que não pôde ser visto por Cásper Líbero, vítima fatal de um desastre aéreo em 1943. Também em 1928 um nome que teria grande protagonismo no jornalismo esportivo nacional era contratado para *A Gazeta*: Thomaz Mazzoni. Em 1930 ele passou a comandar a redação do suplemento esportivo, função que continuaria exercendo com a transformação do suplemento em diário (RIBEIRO, 2007).

Um ano após Mazzoni tornar-se chefe do suplemento esportivo de *A Gazeta*, Argemiro Bulcão toma a iniciativa de criar um diário esportivo no Rio de Janeiro, então capital federal. Assim, em março de 1931, Bulcão e seu sócio Ozéas Mota criam o *Jornal dos Sports*

(*JS*), que entraria para história como o primeiro diário exclusivamente esportivo do Brasil (HOLLANDA, 2012).

O *JS* trocava de mãos poucos anos depois de sua criação. Em outubro de 1936, o jornalista Mário Filho, comandante da editoria esportiva do jornal *O Globo*, compra o jornal de Bulcão (COUTO, 2017). Para isso, Mário Filho contou com o aporte financeiro de três amigos: Roberto Marinho, dono do jornal *O Globo*, José Bastos Padilha, presidente do Clube de Regatas do Flamengo, e Arnaldo Guinle, empresário e ex-presidente do Fluminense Football Club e da CBD (HOLLANDA, 2012). Na formação dessa sociedade, percebemos a circulação e íntima relação de Mário Filho com o poder institucional dos clubes e federações, característica essa que continuaria sendo mantida nas décadas seguintes por meio dele e de seus cronistas.

O nascimento do *Jornal dos Sports* aconteceu no contexto político da chamada Era Vargas, período entre a Revolução de 1930 e o fim do Estado Novo em 1945, no qual Getúlio Vargas governou o Brasil de forma ininterrupta. A partir dos anos 1930, com a ascensão de Getúlio ao poder, há o desenvolvimento do projeto de Nação no qual o indivíduo é visto como parte de uma sociedade de massa, tendo “comportamento social e moral marcado pela desorientação, formando um todo amorfo, anônimo e uniforme” (BARBOSA, 2007, p. 105). Essa massa precisaria, portanto, ser guiada por um governo forte e centralizador, com poder para impor quais são os caminhos que a Nação deveria seguir. Nesse projeto, é necessária a educação do povo via diferentes aparelhos submetidos aos interesses e regulações do Estado, entre eles a imprensa (Idem, Ibidem).

Neste processo, como afirma Barbosa, os debates relacionados à política e ao poder ganham mais espaço na imprensa, com o Estado tendo a exclusividade desta divulgação, fazendo com que o público se afastasse dos periódicos (2007, p. 108). O público, no qual se incluíam a grande massa de trabalhadores urbanos que faziam parte do projeto de identidade nacional proposto pelo Estado, buscava novos tipos de conteúdo na mídia, procurando “cada vez mais na fantasia e na emoção de personagens mitificados a expressão de seu rosto silenciado. Ao se ver apartado da discussão política, mostrará a sua face nas colunas que enfocam o entretenimento e nas notícias que envolvem os dramas do cotidiano” (2007, p. 108 – 109). Tais fatores podem ser vistos como responsáveis por impulsionar ainda mais o desenvolvimento de um jornalismo esportivo especializado, que cada vez mais conquistava relevância e interesse do público.

Nesse período, segundo Drumond (2008, p. 18), o esporte foi fortemente usado como propaganda política do regime, visando “a criação de uma atmosfera de euforia e otimismo, na produção de uma raça forte e eugênica, [...] [funcionando como] um instrumento formador da identidade nacional”. Tal identidade nacional, construída como ideologia oficial do governo, não deve, porém, ser encarada como uma imposição aceita passivamente pelo povo, como aponta ainda Drumond. Ao circular no interior da sociedade, ela passa por reinterpretações e ressignificações. Dentro desse processo, os meios de comunicação de massa, como o rádio e a imprensa, desempenham papel fundamental (DRUMOND, 2008).

O controle da imprensa e propaganda era assunto de grande importância para Getúlio Vargas. Como demonstra Drumond (2008), em 1931 Vargas criou o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), vinculado ao Ministério da Justiça. Em 1934 foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), que substituiu o antigo órgão, e em 1938, já no Estado Novo, o DPDC foi substituído pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP). Em 1939, o DNP sofreu nova transformação, nascendo o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Desde a criação do DPDC, todos esses órgãos ficaram sob o comando de Lourival Fontes, jornalista e escritor sergipano admirador do fascismo italiano. Devido a importância e influência de seu cargo, Fontes foi convidado pela CBD para chefiar a delegação brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1934 na Itália (DRUMOND, 2008).

Segundo Barbosa (2007, p. 103), ainda que os órgãos de controle e repressão tenham influenciado os rumos da imprensa, não podemos afirmar que todos os veículos sofreram negativamente com as ações ocorridas durante o governo Vargas. Ao analisar a imprensa carioca, a autora afirma que:

Ainda que haja a clara utilização dos meios de comunicação – inclusive os mais modernos, como o rádio – para atingir um público agora identificado como massa, há também o alinhamento dos dirigentes das principais publicações com o regime. Ainda que haja encampação de alguns periódicos, perseguição de outros tantos, há mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências. (BARBOSA, *idem*, *ibidem*.).

A visão de Drumond em relação à imprensa esportiva vai ao encontro com o exposto por Barbosa, ao afirmar que esta “não foi alvo de intervenção direta do governo, que instaurou a censura através do DIP e não possuía grandes jornais opositores” (2008, p. 66). Ainda assim, para o autor, o *Jornal dos Sports* foi um grande aliado de Vargas, principalmente na figura de Mário Filho – fortemente influenciado pelo sociólogo Gilberto Freyre –, defensor

do ideal da democracia racial, da unidade nacional, do ufanismo pátrio e do ideal eugênico. Entretanto, o apoio de Mário Filho ao governo de Getúlio Vargas não deve ser visto como um alinhamento puramente ideológico. Como afirma Antunes (2004, p. 126), o jornal *Crítica*, fundado por Mário Rodrigues, pai de Mário Filho, em 1928, e dirigido por ele e seu irmão mais velho, Milton Rodrigues, após a morte do pai em março de 1930, sofreu com a repressão das tropas revolucionárias de Getúlio Vargas por apoiar Júlio Prestes à sucessão do presidente Washington Luís, sendo empastelado.

A postura de apoio do *JS* a Getúlio Vargas, porém, não se limita ao período comandado por Mário Filho. Segundo Couto (2017), o jornal já estava alinhado ideologicamente com o Estado desde quando era comandado por Argemiro Bulcão, tendo demonstrado em seus editoriais preocupação com questões ligadas diretamente ao governo, como “os cuidados com a saúde pública e dos atletas e a formação da raça brasileira”.

Se a imprensa esportiva não foi um alvo de intervenção direta no governo Vargas, o mesmo não pode ser dito da imprensa tradicional. Como já mostrado anteriormente, Cásper Líbero tinha relações muito próximas com importantes agentes políticos do Partido Republicano Paulista (PRP). Como aponta Stycer (2008), na eleição de 1930 Cásper apoiou Júlio Prestes, candidato do partido à presidência, inclusive recebendo dinheiro de publicidade eleitoral. Posteriormente, Cásper é oposição à Revolução de 1930, que marca a ascensão de Getúlio Vargas ao poder e, por isso, seu jornal *A Gazeta* é empastelado, tendo seus equipamentos destruídos e fazendo com que seu dono se exilasse voluntariamente na Europa. Cásper reassume o comando do jornal em 1931 e apoia a Revolução Constitucionalista de 1932. Com a derrota do movimento, o jornalista é preso e deportado, passando por Lisboa e Paris até ser anistiado (STYCER, 2008). Após seu retorno ao Brasil, Cásper Líbero passa a apoiar o governo Vargas com o objetivo, segundo Hime (1998), de se manter fiel antes de tudo aos ideais nacionalistas, mas também, como já dito, pela necessidade de alinhamento das grandes mídias com o Estado, seja para evitar a censura ou empastelamento, seja pelas vantagens econômicas deste alinhamento¹³. Agora apoiador do Estado Novo, o jornalista recebe uma indenização do governo pelo empastelamento do jornal em 1930, do qual parte do dinheiro será usado para a construção da nova sede d'*A Gazeta* em 1939 (STYCER, 2008).

¹³ Segundo Barbosa (2007, p. 111), o Governo Vargas lançou mão de diferentes estratégias para além da simples coerção na busca da construção de um consenso narrativo de apoio por parte da mídia, como a isenção de Imposto de Renda para jornalistas e o subsídio do papel de imprensa para jornais que apoiassem o governo.

Cásper Líbero foi figura atuante na política nacional, sempre utilizando *A Gazeta* para divulgar suas ideias e ações. Hime (1998) afirma, porém, que Cásper o faz subordinando o político ao jornalista, defendendo que não havia pretensões políticas maiores, destacando seu papel como homem da imprensa e salientando que ele “jamais aceitou a indicação de seu nome para cargo algum”. Entretanto, como aponta Stycker (2008), “é ingenuidade imaginar que seria preciso aceitar um cargo público para exercer e usufruir o poder, como se não bastasse o poder que o próprio jornal lhe dava”.

Se Cásper Líbero, mesmo sem ocupar cargos públicos, foi personagem atuante na política nacional e regional (no caso paulista), o mesmo podemos dizer sobre Mário Filho e seu *Jornal dos Sports* (no caso carioca). O destaque conquistado por Mário Filho fez com que ele tivesse grande trânsito fora do meio esportivo, em diferentes esferas e momentos:

O respeito conquistado não apenas no meio esportivo, mas também entre políticos e intelectuais, permitiu-lhe exercer uma ação política real na conformação e no desenvolvimento, sobretudo, do profissionalismo no futebol. Conquistou a confiança de Getúlio Vargas e teve acesso facilitado ao seu gabinete, tanto no período do Estado Novo como, posteriormente, durante o mandato ganho nas urnas. Nas tribunas de honra, sempre teve assento garantido ao lado de personalidades. (ANTUNES, 2004, p. 130).

O caso mais emblemático de atuação política de Mário Filho e o *JS* é a construção do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950. Como demonstram Tavares e Votre (2015), o jornal era defensor do empreendimento, entendido não apenas como uma importante praça esportiva para a realização do campeonato, mas também como uma demonstração da força do povo e da nação brasileira. Segundo os autores, a questão da construção do estádio era encarada como uma empreitada patriótica pelo jornal. A definição do projeto se deu em 1947, enquanto sua inauguração foi em 1950, período totalmente compreendido pelo governo de Eurico Gaspar Dutra (1946 – 1951), que sucedeu Getúlio Vargas na presidência do país. Cabe salientar, como afirma Drumond (2008, p. 42), que “a organização da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, marcou o auge da ligação do Estado com o esporte”, e que “a política esportiva do governo Dutra foi apenas uma continuação dos tempos de Getúlio”. Após a realização da Copa do Mundo em 1950, o *JS* continuou tendo como pauta constante em seus textos e crônicas as questões do Maracanã, defendendo sua utilização como forma de promover e incentivar o futebol carioca e brasileiro. Além de Vargas e Dutra, Mário Filho também tinha ótimo relacionamento com Juscelino Kubitschek, como afirma Ruy Castro (1992, p. 291).

2.2 Os jornais e a política esportiva

Se a influência de Cásper Líbero e Mário Filho nas políticas institucionais e de Estado era feita de forma um pouco mais velada, na política esportiva seus papéis eram muito mais explícitos. Ainda que não ocupassem cargos na diretoria de clubes ou federações em si, seus jornais exerciam grande peso ao cobrar e defender determinadas demandas.

Ainda na década de 1920, como mostra Stycer (2008), Cásper Líbero foi figura importante para “pacificar” o futebol paulista, que na época possuía duas diferentes associações: a Associação Paulista dos Esportes Atléticos (APEA), criada em 1917, e a Liga dos Amadores de Futebol (LAF), criada em 1925 por clubes descontentes com a falta de coibição do falso amadorismo pela APEA, e que segundo Caldas (1990), seria uma atitude tomada por “elitismo, preconceito social e racial”. Em 1929, um ano após a criação do suplemento esportivo d’*A Gazeta*, o clube Paulistano deixou a LAF, o que significava a extinção da organização. Cásper, então, cria uma comissão para negociar a volta dos clubes da LAF para à APEA e, em 21 de dezembro de 1929, uma reunião na sede d’*A Gazeta* marca o retorno do Germânia, líder dos dissidentes, para a primeira divisão da APEA (STYCER, 2008). Para Caldas (1990), tal solução representava um importante passo rumo ao profissionalismo, de grande interesse para os negócios de Líbero. A defesa do profissionalismo também foi pauta de Mário Filho no início dos anos 1930, ainda antes de sua entrada no *Jornal dos Sports*, como afirma Antunes, sabendo que “o jornalismo esportivo seria beneficiado com o desenvolvimento do futebol profissional e com o aumento do público interessado” (2004, p. 127-128). Com a profissionalização do futebol carioca e a consequente cisão entre os clubes amadores e profissionais, que criaram Liga Carioca de Futebol (LCF) em 1933, Mário Filho convenceu os dirigentes dos clubes da nova liga a realizarem campeonatos entre as torcidas, a fim de trazerem mais público aos estádios (ibidem).

A Gazeta Esportiva também tomará partido da discussão acerca da intervenção do Estado na organização esportiva durante o Estado Novo, mas agora na figura de seu chefe de redação, Thomaz Mazzoni. Segundo Negreiros (1999), Mazzoni trazia críticas em seus textos no jornal em relação à falta de organização no futebol brasileiro, pedindo uma maior intervenção estatal de Vargas no esporte. Para o autor, a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), que estabelece uma maior legislação para todas as atividades esportivas, é resultado da luta de Mazzoni. Outro assunto no qual Mazzoni e *A Gazeta* tiveram papel fundamental foi na preparação da Seleção Brasileira para a disputa da Copa do Mundo de 1938,

na qual, como também aponta Negreiros (1999), o jornal e seu editor se envolveram de forma direta com a “Campanha do Selo”¹⁴.

Da mesma forma que *A Gazeta Esportiva* levantava questionamentos quanto à organização das competições e da estrutura do futebol estadual e nacional como um todo, o *Jornal dos Sports* também tinha esses temas como pauta, mesmo quando ainda administrado por Argemiro Bulcão. Couto (2010) demonstra que desde seus primeiros anos de existência, o *JS* se pautava pelas ideias de “progresso”, “desenvolvimento”, “beleza” e “emoção”. Nesse sentido, defendia assuntos considerados modernos, como uma atualização da legislação esportiva de forma a facilitar a transferência de jogadores, por exemplo. Outra pauta defendida por Bulcão era “[...] um modelo de organização, com criação de entidades e associações, com regras e legislações específicas” (COUTO, 2010), para que, com organização, disciplina e planejamento, o esporte pudesse se desenvolver. Dentro dessa linha, é preciso destacar que a característica intervencionista dentro do campo esportivo, existente na administração de Bulcão, continuará existindo mesmo com a chegada de Mário Filho, e que a partir da conquista de um maior espaço para as crônicas nos jornais nos anos 1940, o *JS* passará a possuir um caráter ainda mais clubista e denunciasta, consolidando tal modelo na década de 1950 (COUTO, 2017).

O Jornal dos Sports da “Era Bulcão” manteve-se próximo aos dirigentes esportivos de clubes, federações e confederações, característica essa que foi apropriada por Mário Filho quando este passou a dirigir o jornal, como afirma Hollanda (2012). O autor salienta que, apesar do *JS* ser sempre atrelado a figura do jornalista, a dimensão política do *JS* também se dava em outras esferas e figuras:

O aceno político foi menos salientado, por exemplo, para perceber a composição do seu elenco de cronistas, cuja notoriedade extrapolava a dimensão esportiva e se inseria diretamente na teia de poder dos dirigentes e dos políticos. Sem se envolver em cargos ou postos de maneira direta, Mário Filho chamava ao seu jornal grandes nomes das letras brasileiras, da magistratura e da esfera de poder desportiva de então. (HOLLANDA, 2012, p. 91)

¹⁴ A “Campanha do Selo” foi uma iniciativa da CBD na qual os torcedores brasileiros compravam selos com o intuito de ajudarem a financiar a viagem da delegação brasileira à França para a disputa do Mundial de 1938. Segundo Negreiros (1999, p. 229), Mazzoni coloca na torcida brasileira a responsabilidade de sucesso da seleção na competição, ao afirmar que quanto maior fosse o conforto dos jogadores brasileiros na viagem, maior seria a chance de sucesso no mundial.

Sobre o caráter personalista apresentado pelos periódicos, centrado nas figuras de Mário Filho (*JS*) e Thomaz Mazzoni (*AGE*), cabe destacar que não apenas eles se davam de modos diferentes em cada um dos jornais, mas também os definir de tal forma talvez não consiga abarcar a complexidade das relações entre os jornalistas e os diários. Se, do lado do *JS*, Mário Filho era o proprietário do jornal, que era inclusive conhecido como “O Jornal do Mário Filho”, o jornalista nem sempre escrevia com grande regularidade em seu diário, tendo uma vasta gama de jornalistas e cronistas de relevância em sua equipe. Do lado d’*AGE*, a relação personalista se dava de forma diferente com Thomaz Mazzoni. Ele era, sem dúvidas, seu jornalista mais conhecido, além de editor, fazendo com que o nome do jornal fosse fortemente atrelado ao seu, mas sem possuí-lo de fato ou mesmo ocupar o cargo de diretor. Assim, apesar de ambos os periódicos terem Mário Filho e Thomaz Mazzoni como principais nomes de seus quadros, as relações entre os cronistas e os jornais não era de simples extensões destas figuras, mas espaços para debates de ideias e divergências nos mais variados assuntos, ainda que se mantendo atrelado de alguma forma a estes importantes nomes.

Ao analisar os cronistas do *JS*, Holanda elenca cinco nomes presentes nas páginas do no período que demonstra a proximidade de Mário Filho e do próprio jornal com o âmbito político esportivo, sendo eles: João Lyra Filho, José Lins do Rego, Manuel do Nascimento Vargas Neto, Luiz Gallotti e Mário Pollo. Os cinco cronistas citados exerceram diferentes cargos de prestígios dentro da esfera político esportiva, além de também serem nomes de grande relevância na política tradicional do período, demonstrando com clareza como o *JS* e Mário Filho circulavam nos ambientes de poder, influenciando “de uma forma própria e muito sutil, os destinos esportivos brasileiros” (HOLLANDA, 2012, p. 97).

A partir desse local de autoridade e influência, os jornais e seus editores e cronistas podiam ditar os rumos do esporte em diferentes esferas. Uma das mais conhecidas formas de atuação foi a promoção de eventos esportivos. Tais eventos, muitas vezes criados para que os jornais continuassem tendo assuntos nos momentos em que o futebol não estava acontecendo, foram de grande importância para o desenvolvimento de cenário esportivo na primeira metade do século XX. Se Mário Filho e o *Jornal dos Sports* podem ser considerados grandes incentivadores e atores na construção do Maracanã e na realização da Copa de 1950, outros eventos também os têm como responsáveis, adentrando a segunda metade do século XX: Jogos Infantis (1947), Torneio Rio/São Paulo de clubes (1950), Taça Rio (1951), Jogos da Primavera (1951) e Campeonato de Pelada (a partir dos anos 1960) (HOLLANDA, 2012), além de competições de torneios de remo, boxe, natação e automobilismo (ANTUNES, 2004, p. 129).

A Gazeta Esportiva e o jornalista Cásper Líbero também promoveram diversos eventos que ajudaram a moldar o cenário esportivo paulista e nacional. Destacam-se nesse sentido a Corrida de São Silvestre (1925), a Prova Ciclística 9 de Julho e uma competição esportiva entre universidades (STYCER, 2008). Thomaz Mazzoni, por sua vez, será importante por ajudar a criar uma identificação clubística entre os torcedores e o jornal, criando diversos apelidos para os clubes (Timão – Corinthians, Campeoníssimo – Palmeiras, Clube da Fé – São Paulo, Moleque Travesso – Juventus) e confrontos (Derby Paulista, Choque-Rei, Majestoso) (STYCER, 2008). Tal expediente já havia sido lançado por Mário Filho na década de 1930, ao criar a expressão Fla-Flu.

Mas, para além das questões afetivas promovidas pelos jornais em relação aos clubes, podemos afirmar também que foi de interesse desses atores da imprensa esportiva moldar a forma “correta” de se torcer. O já mencionado Campeonato de Torcidas criado por Mário Filho premiava a torcida mais festiva, mais animada e mais organizada (HOLLANDA, 2017), o que incentivava um padrão de comportamento.

João Lyra Filho, presidente do CND nos anos 1940 e colunista regular do *Jornal dos Sports*, também tinha atenção especial ao tema e, alinhado com os ideais do Estado Novo, acreditava que as torcidas deveriam estar sob constante atenção das autoridades, visto que seu comportamento passional poderia ser uma ameaça ao estabelecimento da ordem e da disciplina (HOLLANDA e CHAIM, 2020).

Thomaz Mazzoni era um grande defensor dessa visão e, junto com *A Gazeta Esportiva* e a Rádio Gazeta, promoveu o concurso de melhor torcida durante o Campeonato Paulista de 1943. Esse concurso, disputado entre as torcidas uniformizadas dos clubes, tinha também como função disciplinar o torcedor que comparecia ao estádio, ensinando-o a forma correta de torcer a partir dos ideais estadonovistas (HOLLANDA e CHAIM, 2020).

Portanto, considerando todo o exposto, ainda que com suas diferenças de trajetória, não são poucos os paralelos possíveis que podem ser traçados entre *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports*. Ambos os jornais, inicialmente, se desenvolveram na esteira evolução do profissionalismo do futebol brasileiro, o qual ajudaram a defender, e foram os principais jornais esportivos de suas cidades por décadas a fio. Ambos os jornais tiveram grande proximidade com figuras importantes da política institucional brasileira e esportiva, no qual se destacam os próprios colunistas do diário carioca. Também atuaram intensamente nas disputas políticas envolvendo o esporte na primeira metade do século XX, ainda que de maneira relativamente

velada, sem que seus donos ocupassem cargos públicos ou indicações. E ambos defenderam de forma explícita os ideais varguistas do Estado Novo no ambiente social e esportivo.

Mas não somente de aproximações viveram os dois periódicos. A rivalidade entre paulistas e cariocas é fortemente retratada no futebol brasileiro, o que inclui suas dimensões institucionais e o meio da imprensa (RIBEIRO, 2007). Dessa forma, não foram poucas as vezes em que os cronistas de um jornal criticaram e responderam o do outro, como mostra Toledo (2012). A maior desavença parece ser do lado paulista, que criticava a passionalidade e amorismo das crônicas dos cariocas, ao invés de agirem de forma profissional, racional, analítica e crítica, como supostamente faziam os paulistas, numa disputa acerca do discurso jornalístico do futebol profissional recém instaurado (TOLEDO, 2012). O debate mostra o *bairrismo* presente na imprensa esportiva da primeira metade do século XX, característica que vai ao encontro com *paulistanismo* descrito por Hime (1998) como característica d'*A Gazeta*, que demonstrava ser a favor do desenvolvimento nacional desde que esse fosse liderado por São Paulo. Ainda que de forma mais velada, podemos também destacar o *bairrismo* existente no *JS* que buscava legitimar suas pautas, oriundas do futebol e do esporte do Rio de Janeiro, como sendo de caráter nacional, representativas de toda a nação (COUTO, 2010). Ainda assim, com essa tensão existente entre os dois setores, é notória a participação de Thomaz Mazzoni no *JS*, escrevendo colunas de forma recorrente no diário carioca.

Este *paulistanismo* presente n'*A Gazeta* inclusive faria com que os periódicos enxergassem de forma diferente a construção do caráter nacionalista do Brasil e do esporte em relação ao *Jornal dos Sports*. Sendo um tema bastante caro para ambos os jornais, a ideia de Nação no Rio de Janeiro era construída principalmente a partir da questão da mestiçagem. Já em São Paulo, que passava nas últimas décadas por uma grande onda de imigração de trabalhadores vindos de Itália, Portugal, Espanha, Grécia e países árabes por conta do desenvolvimento da metrópole, vivenciava o desenvolvimento da Nação a partir desta mistura de diferentes culturas (todas consideradas brancas, diga-se), indo ao encontro de um ideal de embranquecimento da população que poderia, segundo intelectuais e governantes da época, eliminar a mancha da escravidão (SILVA, D. 2014, p. 31 – 32). Assim, tanto o *JS* quanto *AGE* buscavam exaltar e trazer ao centro do debate a questão da brasilidade, porém vindo de lugares bastante diferentes. Enquanto a base da brasilidade do *JS* era a miscigenação, a base de *AGE* dialogava com a forte imigração dos trabalhadores brancos para São Paulo.

Traçar e discutir a trajetória desses dois jornais e seus personagens, agentes tão significativos no desenvolvimento do campo esportivo da primeira metade do século XX e

fontes de grande relevância para as pesquisas de diversas áreas do esporte na atualidade, mostra-se tarefa de primeira importância. Tanto *A Gazeta Esportiva* quanto o *Jornal dos Sports* – junto de Cásper Líbero, Thomaz Mazzoni e Mário Filho, suas figuras principais – se valeram de táticas e ações bastante semelhantes para se firmarem dentro do competitivo campo de disputa da imprensa esportiva em ascensão, além de implementarem seus projetos jornalísticos e esportivos com tremendo sucesso.

Veremos adiante no texto de forma tipificada diferentes exemplos de como as aproximações entre os periódicos se dava, seja nos discursos dentro do campo de jogo, mas também no discurso extracampo. Em muitos momentos os debates ocorrerão de forma paralela nos diários, com opiniões bastante semelhantes sendo reproduzidas pelos cronistas de ambos os lados, refletindo muitas vezes alguns ideais estadonovistas que estes compartilhavam. Em outros momentos veremos também cronistas de um jornal publicar textos no outro diário, como será o caso de Thomaz Mazzoni, do quadro d'*AGE* que escreveu com frequência no *JS*, ou de João Lyra Filho, nome frequente nos textos do *JS* que também terá seu espaço n'*AGE*.

Por outro lado, também veremos diversos exemplos dos pontos de inflexão entre ambos, nos quais discordâncias ocorreram com frequência, as vezes de forma implícita, mas também de forma explícita. Principalmente no que tange as visões de futebol que extrapolam o jogo e o enxergam como metáfora da vida cotidiana, veremos nas entrelinhas dos textos diferentes ideais sociais e diferentes valorizações de supostas características da nação brasileira. Veremos também, perpassando por diferentes chaves de compreensão, as acusações de bairrismo, principalmente do lado paulista em relação aos cariocas, que, ainda que não aponte nominalmente um jornal ou cronista de forma específica, se direcionava a toda a imprensa do Rio de Janeiro.

3. A COPA DE 1954 DENTRO DAS QUATRO LINHAS

3.1 Eliminatórias e início da preparação

Pela primeira vez em cinco edições da Copa do Mundo, a Seleção Brasileira precisaria disputar as eliminatórias para conseguir sua vaga no mundial. Nas outras ocasiões, por diferentes motivos, o Brasil se fez presente sem que precisasse disputar a vaga. O regulamento da fase eliminatória estabelecia que as três equipes da disputa se enfrentariam todas contra todas, em jogos de ida e volta, sendo que apenas o líder do grupo se classificaria¹⁵. Assim, o Brasil faria seu primeiro jogo tendo o Chile como adversário em Santiago no dia 28 de fevereiro de 1954.

A disputa das eliminatórias era cercada de expectativas da imprensa brasileira devido aos últimos resultados conquistados pela Seleção. Os últimos jogos da Seleção haviam acontecido ainda no primeiro semestre de 1953, na disputa do Campeonato Sul-Americano no Peru. O Brasil acabou ficando com o vice-campeonato, sendo derrotado pela Seleção Paraguaia por 3 a 2, em jogo desempate valendo o título da competição. Agora, novamente, Brasil e Paraguai se enfrentariam, porém na busca por uma vaga na Copa da Suíça.

O *Jornal dos Sports* do dia anterior à estreia brasileira contra os chilenos dava grande destaque a disputa na qual a Seleção entraria. Já na capa, diversas eram as notícias e manchetes que envolviam a Seleção, que também noticiava a expectativa em Assunção, capital Paraguaia, para o jogo que viria na próxima rodada¹⁶. Chile e Paraguai já haviam se enfrentando tanto em Assunção como em Santiago, com os paraguaios conquistando duas vitórias e já disparando na disputa pela vaga. Era fundamental, portanto, que os brasileiros conseguissem a vitória frente a Seleção Chilena, já que a partida seguinte seria um difícilíssimo jogo na casa dos paraguaios.

Se, como já dissemos, Costa (2020) afirma que a derrota de 1950 é também a mãe de todas as narrativas sobre a derrota, é mais do que esperado que a Copa de 1950 seja lembrada de forma frequente ao analisarmos a preparação para a Copa de 1954. Afinal, o Brasil tinha como missão conquistar a Copa que, de forma “injusta”, foi lhe negada. Essa é a ideia que Alfredo Curvello, membro do Conselho Técnico de Futebol (CTF) da CBD, registra

¹⁵ Além do Brasil, Chile, Paraguai e Peru iriam disputar as eliminatórias da América do Sul. O Uruguai, campeão da última Copa, já estava classificado. Antes do início das eliminatórias, porém, a Seleção Peruana desistiu de buscar a classificação, restando apenas três seleções na disputa.

¹⁶ *Jornal dos Sports*, 27 de fevereiro de 1954, nº 7516, capa.

em crônica do dia 27 de fevereiro no *JS*. O cronista e dirigente aproveitava o vantajoso espaço cedido pelo diário para defender a preparação da Seleção e o treinador escolhido para comandá-la: Zezé Moreira¹⁷. Tal expediente de justificativa e defesa das escolhas da CBD em outro texto de Curvello em 7 de março, dia do jogo contra o Paraguai em Assunção¹⁸.

A vitória por 2 a 0 do Brasil sobre o Chile fora de casa acabou tendo uma repercussão relativamente modesta no *JS*, pois o jogo aconteceu no fim de semana do Carnaval, e a edição seguinte saiu às ruas já na quinta-feira, dia 4 de março. Ainda assim, algumas crônicas e notícias trataram do tema, já vislumbrando o jogo contra o Paraguai, no dia 7.

Já pelos lados d'*AGE*, destaca-se o debate tático proposto por José Brígido no dia 27 de fevereiro¹⁹, portanto antes da partida contra o Chile. O cronista, primeiramente, faz considerações acerca do suposto “defensivismo” do treinador Flávio Costa, defendendo que o Brasil deveria se preocupar mais com as valências ofensivas, características indissociáveis ao nosso jogo, do que com as defensivas. Além disso, afirma também que tal defensivismo foi trazido ao Brasil por treinadores europeus, e que naquele momento, cronistas que não se curvavam à estas ideias ditas “modernas” eram acusados de atrasados em relação a evolução do jogo²⁰.

Outro ponto que merece destaque do texto de José Brígido é em relação ao bairrismo que marca certa rivalidade entre a crônica paulista e a carioca. Brígido reclama do fato de ser considerado, por suas opiniões, um jornalista “anti-Flamengo” pela imprensa do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que afirmava que alguns de seus colegas cariocas eram torcedores apaixonados da equipe rubro-negra e deixavam com que isso afetasse suas crônicas, sem a imparcialidade necessária. Ao comentar sobre essa visão de que ele seria contra o time do Flamengo ou mesmo contra o treinador Flávio Costa, o cronista afirma: “Quanta Tolice! Quanta infantilidade! Até hoje, no Rio, pelo menos, vinga essa mentalidade tacanha, inferior, estreita.”

¹⁷ *Jornal dos Sports*, “A grande hora do football brasileiro”, 27 de fevereiro de 1954, nº 7516, p. 5.

¹⁸ *Jornal dos Sports*, “Um match para a história”, 7 de março de 1954, nº 7520, p. 11.

¹⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Não se vence sem gols”, 27 de fevereiro de 1954, nº 8707, p. 3.

²⁰ É bastante curioso pensarmos na atualidade deste debate proposto pelo cronista de *AGE*. Acompanhamos desde 2019 um número cada vez maior de treinadores portugueses trabalhando nas equipes brasileiras, e as discussões sobre a suposta “modernidade” desses treinadores, que vão de encontro com o também suposto “atraso” dos treinadores brasileiros, são mais do que recorrentes nos programas de debate esportivos, com defesas apaixonadas de ambos os lados. É interessante vermos, como será mostrado em diferentes momentos do nosso trabalho, como o debate esportivo parece ocorrer de forma cíclica em alguns momentos, nos quais os assuntos gerais se mostram os mesmos, sendo muitas vezes apenas atualizado em relação aos seus pormenores do momento.

Após o jogo, contra o Chile, podemos observar um clima de apoio d'AGE em relação a Seleção Brasileira e seu treinador. No dia 4 de março, a coluna Meio Tempo²¹ fez uma forte exaltação das características de gestão de pessoas de Zezé Moreira, considerando-o um “grande chefe”, algo que faltaria para a seleção em oportunidades passadas. Já no dia seguinte, o texto “Confiemos no timoneiro Zezé...” elogiava o treinador e alertava para a importância do jogo seguinte, contra o Paraguai em Assunção, relatando também um clima quase bélico que estava sendo preparado para a partida na capital paraguaia²².

O jogo frente aos paraguaios era tratado como de suma importância para os periódicos, que davam grande destaque à partida em suas páginas e, também, para a própria Seleção. Além de ser um passo importante para a classificação para a Copa do Mundo, o jogo era frequentemente tratado como uma revanche da derrota pelo Campeonato Sul-Americano do ano anterior²³. A vitória conquistada por 1 a 0 produziu um entusiasmo da imprensa, celebrando a desforra em relação a perda do título sul-americano do ano anterior.

A importante vitória do dia 7 de março fez com que houvesse um espaço maior para crônicas e análises no JS. As escolhas de Zezé Moreira, que eram comumente alvo de críticas por parte da imprensa no geral, que o considerava que o treinador não praticava um futebol ofensivo e entusiasmado, foram defendidas no diário. Mário Júlio Rodrigues, filho de Mário Filho e diretor do JS, escreveu em crônica uma forte defesa do treinador da Seleção, afirmando “Zezé conseguiu o prodígio de tornar vitorioso um football que só vencía teoricamente. Graças a seu trabalho, seu enorme senso de responsabilidade e graças também a seu ultra-combatido sistema de jogo”²⁴. O “sistema de jogo” de Zezé Moreira será alvo de intensos debates no período da Copa do Mundo, como veremos adiante.

Zezé ganhou destaque também em outro texto, agora de Paulo Falcão e Ângelo Gomes, no qual ao entrevistar o atacante Baltazar após a partida, o atleta afirmou que Zezé era o melhor técnico que conhecera, elogiando tanto o caráter amistoso do treinador em relação aos jogadores, mas também a disciplina que ele impunha dentro e fora de campo²⁵. A exaltação a Zezé prosseguiu no diário. Relatando uma conversa com o treinador, na qual foram exaltadas as qualidades defensivas da equipe brasileira, o JS apresentou-o da seguinte forma:

²¹ *A Gazeta Esportiva*, “Meio Tempo”, 4 de março de 1954, nº 8709, p. 2.

²² *A Gazeta Esportiva*, “Confiemos no timoneiro Zezé”, 5 de março de 1954, nº 8710, p. 3.

²³ *Jornal dos Sports*, “Dois objetivos dentro de um só: a desforra de Lima e o caminho para a Suíça”, 7 de março de 1954, nº 7520, p. 9.

²⁴ *Jornal dos Sports*, “O banquete da vitória”, 9 de março de 1954, nº 7521, p. 5.

²⁵ *Jornal dos Sports*, “Técnico igual a Zezé está para nascer...”, 9 de março de 1954, nº 7521, p. 6.

[...] o invicto condutor da seleção nacional, herói do Pan-Americano e derrubador do orgulhoso scratch do Paraguai, em seus próprios domínios. Simples e afável como sempre, o eficiente treinador do Fluminense teve ocasião de expender várias interessantes considerações em torno do sensacional triunfo das cores brasileiras no gramado do Olímpia, em Assunção.²⁶

A Gazeta Esportiva também exaltou com entusiasmo a vitória brasileira em Assunção, destacando a recepção aos “heróis” brasileiros no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, no dia 9 de março²⁷. Na mesma edição, mais textos exaltaram a vitória brasileira, elogiando as atuações e destacando a postura da equipe e de seu treinador. Houve também uma preocupação em criticar parte da imprensa paraguaia, que tratou o jogo como uma verdadeira batalha, assim como destacou-se a equipe paraguaia, que se comportou como verdadeiro exemplo de esportividade, segundo o jornal²⁸. Este apoio ao Brasil se mantém no dia seguinte, no qual o jornal aponta que a equipe havia se portado de maneira correta nos dois jogos anteriores e que, portanto, merecia um voto de confiança da torcida brasileira e deveria ser mantida²⁹. Este texto era uma resposta às críticas de que a equipe de Zezé Moreira marcava poucos gols (apenas três em dois jogos), e afirmava que jogando em casa o desempenho ofensivo deveria ser outro.

É interessante notar também que a derrota de 1950 não servia apenas para balizar as derrotas brasileiras. Thomaz Mazzoni (Olimpicus), em coluna no *JS* em 11 de março, faz alusão ao famoso 16 de julho de 1950 para afirmar que, desta vez, foram os paraguaios que tiveram o seu próprio 16 de julho, ao enfrentarem a Seleção Brasileira como se já cantando vitória antes da hora. Mazzoni também afirma que era comum no mundo de futebol internacional se referir a grandes decepções como um “16 de julho”³⁰.

No dia seguinte, mais textos repercutiram a vitória brasileira. Para exaltar a preparação e o treinador Zezé Moreira, Paulo Falcão afirmou que a preparação psicológica realizada por Moreira havia sido fundamental para a vitória, ao mexer com o brio dos jogadores e mostrar que os paraguaios estavam até mesmo subestimando a equipe brasileira. Relembrando a derrota de 1953, o treinador afirmava que este seria o “quadro vingador”³¹

²⁶ *Jornal dos Sports*, “Jamais duvidei da vitória do Brasil”, 9 de março de 1954, nº 7521, p. 8.

²⁷ *A Gazeta Esportiva*, “Duas mil pessoas recebem em Congonhas os heróis de Santiago e Assunção”, 9 de março de 1954, nº 8713, capa.

²⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 9 de março de 1954, nº 8713, p. 2; *A Gazeta Esportiva*, “Os mais recentes resultados”, 9 de março de 1954, nº 8713, p. 3.

²⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Deixem o ataque realizar...”, 10 de março de 1954, nº 8714, p. 3.

³⁰ *Jornal dos Sports*, “Os ‘16 de julho’”, 11 de março de 1954, nº 7523, p. 5.

³¹ *Jornal dos Sports*, “Zezé liquidou o assunto: os paraguaios tem asas?”, 12 de março de 1954, nº 7534, p. 5.

Thomaz Mazzoni seguiu também escrevendo suas análises no *JS*. O colunista, ferrenho crítico do que chamava de “táticas modernas”, buscou em 13 de março dar as explicações para a vitória brasileira frente aos paraguaios. Ele afirma que jogar bem era:

[...] a classe [...] aliada à combatividade, à fibra.

Não existe outra forma de vitória no football: harmonia, fibra, equilíbrio, jogo nivelado e... classe, que nem todos tem.

Tudo isso é jogar bem. Não são as táticas que fazem jogar bem; jogando-se bem, todas as táticas levam a vitória. [...]

Temos que jogar bem, em primeiro lugar. As táticas não fazem milagre algum, especialmente quando se tornam operações de tabuleiro nos vestiários³².

Mas outro texto relacionado às táticas de Zezé Moreira vale a pena ser destacado. No dia 11 de março, *A Gazeta Esportiva* destacou uma entrevista concedida em Santiago por pelo treinador brasileiro ao jornal local *Estadio*, reproduzindo e comentando partes da mesma. Segundo o jornal, Zezé afirmou:

Em primeiro lugar [o sistema] não é meu. Eu não fiz mais do que adaptar os jogadores que dispunha, numa de tantas variedades da tática inglesa. Em segundo lugar, não se pode falar de um sistema universal que sirva para todos os países e todos os jogadores. Eu creio que se pratica um grave erro ao buscar fórmulas mágicas que resolvem todos os problemas do futebol.

[...] Os sistemas têm que ser necessariamente locais. [...] O que se tem que fazer é ver o material de que dispõe, apreciar as qualidades e defeitos dos jogadores e buscar o sistema que mais se adapte a eles³³.

Neste destaque, podemos observar como se dava a compreensão do treinador do papel da tática de uma equipe. Para Zezé, a tática era definida a partir das características dos jogadores disponíveis, levando-se em conta, portanto, primeiramente as possíveis valências e fraquezas individuais para, só então, pensar numa forma em que o coletivo se sobressaia. Podemos debater como essa visão se difere de uma acusação de engessamento que por muitas vezes treinadores mais adeptos do jogo coletivo, em detrimento do jogo individual, eram e ainda são acusados. Por mais que, ainda nos dias de hoje, o futebol brasileiro seja considerado um terreno da habilidade, da individualidade, da ofensividade e da perfeição do gesto técnico,

³² *Jornal dos Sports*, “Técnica e coração!”, 13 de março de 1954, nº7535, p. 5.

³³ *A Gazeta Esportiva*, “São Paulo está dominando o Rio”, 11 de março de 1954, nº 8715, p. 1 e 17.

parece ser importante que um treinador tenha especial preocupação em fazer com que essas características se sobressaíam em determinados locais de campo e em determinadas situações mais favoráveis a equipe durante o jogo, fazendo com que coletivamente a equipe explore suas potencialidades individuais.

Outro ponto merece destaque neste texto de *A Gazeta Esportiva*, mas não sobre o mesmo assunto. Ainda que o título da matéria fosse “São Paulo está dominando o Rio”, tal assunto conta com apenas um parágrafo de poucas linhas, sendo claramente um assunto menor dentre os debatidos por Zezé e o jornal uruguaio. A escolha de se publicar este título para o texto demonstra a força da rivalidade entre paulistas e cariocas, que frequentemente é tema de embate nos periódicos.

A entrevista de Zezé continuou sendo assunto do diário na edição seguinte. Na coluna “Meio Tempo”³⁴, não assinada, o jornal discorda de algumas afirmações tanto do jornalista chileno quanto do treinador brasileiro, principalmente em relação a “paternidade” do sistema chamado de “diagonal”, utilizado por Zezé, mas também em relação a continuidade da existência de ídolos no futebol, que, segundo o treinador, acabariam não existindo mais no futuro por conta do prevaecimento do coletivo perante a individualidade. Por outro lado, o ponto de maior concordância foi com relação às disputas entre paulistas e cariocas. Apesar de publicação argumentar que a superioridade futebolística de um estado em relação ao outro é bastante efêmera e troca sempre de lado, o jornal é bastante elogioso ao argumentar que Zezé Moreira, diferentemente de Flávio Costa, seu antecessor, havia colocado o futebol paulista em seu devido lugar de destaque, convocando diversos atletas do estado para a Seleção. Para o jornal, Flávio tinha postura bairrista e clubista, pensando mais nos seus próprios interesses do que nos da nação, o que o diferenciava de Zezé, que agia com patriotismo.

Voltando aos debates relativos as Eliminatórias, na edição de 14 de março, domingo, do *JS*, dia do jogo contra o Chile, a animação tomava conta do diário. A expectativa era de uma grande vitória no Maracanã, como mostra o artigo não assinado “Enfrentar os chilenos como amigos diletos, mas ampliar a vitória de Santiago”, no qual era ainda exaltada a defesa brasileira, que segundo o texto atingia sua melhor forma, ao passo que o sistema ofensivo precisava elevar seu nível³⁵.

³⁴ *A Gazeta Esportiva*, “Meio Tempo”, 12 de março de 1954, nº 8716, p. 2.

³⁵ *Jornal dos Sports*, “Enfrentar os chilenos como amigos diletos, mas ampliar a vitória de Santiago”, 14 de março de 1954, nº 7526, p. 5.

A vitória brasileira pelo placar de 1 a 0 foi frustrante para o público brasileiro, assim como para os cronistas do *JS*, ainda que estes tentassem esconder tal frustração a partir de diversas justificativas. Mário Filho, por exemplo, toma o desempenho da equipe brasileira como tema pela primeira vez desde o início nas eliminatórias. Na crônica “A vitória pura e simples”³⁶, o jornalista busca compreender a vitória brasileira como um passo importante para a classificação para a Copa do Mundo, mas ao mesmo tempo reverberando o sentimento de frustração da torcida por não ter presenciado uma goleada. É interessante observar em seu texto como a lembrança do 16 de julho mais uma vez é trazida à tona, no qual Mário Filho afirma que a goleada frente à Espanha no jogo da véspera fez com que a torcida também esperasse uma vitória elástica contra os uruguaios, fazendo com que a Seleção fosse para cima de seus adversários mesmo com o placar favorável. E, ainda, que sejam realizadas comparações incessantes entre as equipes de 1950 e 1954, Mário Filho afirma que nada tem a ver uma com a outra, talvez na busca por distanciar a equipe de 1954 da alcunha do fracasso da Seleção de 1950.

O texto de Mário Filho, assim como outros sobre a partida, também condenou as vaias que a Seleção recebeu da torcida no Rio de Janeiro. Porém, ainda que a defesa da Seleção seja a tônica geral, é possível encontrar textos que, ao menos, compreendem as vaias recebidas pelo Brasil, com a justificativa de que se o torcedor passa por todo o tipo de contrariedade para assistir a uma partida, ele tem o direito de vaiar, mesmo que não o deva fazer³⁷.

Em *A Gazeta Esportiva*, também foram destacadas as vaias recebidas pela Seleção Brasileira, tanto no dia 16 como no dia 17 de março. No dia 16, foi motivo de análise os gols perdidos pela Seleção Brasileira, que além de não golear, também não fez uma apresentação “estilística, cheia de bordado”³⁸. Também foi citado na coluna “Meio Tempo”³⁹ e no texto “A pior das três vitórias”⁴⁰ que uma vitória pouco empolgante contra os chilenos poderia ter seu lado bom, que seria o de frear o entusiasmo exacerbado da equipe e da torcida no jogo derradeiro contra os paraguaios. Por fim, nos mesmos textos também foram debatidas as vaias da torcida no Maracanã, lembrando de quando, em 1950, a Seleção foi vaiada no Pacaembu e a crônica carioca criticou veementemente a torcida paulista. Os textos mais uma vez serviram para demonstrar o descontentamento e rivalidade entre os cronistas das duas praças.

³⁶ *Jornal dos Sports*, “A vitória pura e simples”, 16 de março de 1954, nº 7527, p. 9.

³⁷ *Jornal dos Sports*, “O Petardo”, 18 de março de 1954, nº 7529, p. 8.

³⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 16 de março de 1954, nº 8719, p. 2.

³⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Meio Tempo”, 16 de março de 1954, nº 8719, p. 2.

⁴⁰ *A Gazeta Esportiva*, “A pior das três vitórias”, 16 de março de 1954, nº 8719, p. 3.

No dia seguinte, os textos seguiram a mesma tônica. As vaia continuaram sendo criticadas por *AGE*, que mais uma vez relembra da repercussão das vaia no Pacaembu em 1950 nos jornais cariocas. Na coluna “Bom dia”, o jornal inclusive lembrou da tragédia na Copa de 1950 ao afirmar que os protagonistas daquele jogo foram os atletas cariocas, que agora eram pedidos pelos torcedores no Rio de Janeiro em detrimento dos paulistas⁴¹. Outros textos da edição a condenar as vaia e a torcida e a crônica carioca foram “Vaia lamentável”⁴², de Paulo de Godoy, “Consideremos o espírito combativo e sadio do XI”⁴³, sem assinatura.

A defesa de Zezé Moreira mais uma vez foi presente no *JS*. Seja pelos textos de Mário Júlio Rodrigues em 17⁴⁴ e 18⁴⁵ de março, seja pelas suas declarações publicadas também no dia 17, é perceptível a defesa que o periódico faz do treinador brasileiro. Nesta declaração de Zezé, inclusive este reitera sua confiança no “sistema”, trazendo para si toda a responsabilidade pela preparação da equipe⁴⁶.

Ainda que não aparecesse como tema principal de discussões dos jornais entre as partidas contra Chile e Paraguai no Maracanã, a tática voltou a ser debatida no *JS* ainda antes do jogo contra os paraguaios, desta vez em tom de crítica. Citando diferentes treinadores e seleções, *Olimpicus* faz questão de dizer: “Táticas são passatempos de teóricos e ganha-pão de técnicos... E só”⁴⁷. Outro relato interessante no *JS* acontece numa matéria do dia 20 de março em que é relatada a opinião do jornal paraguaio *O Gol* sobre o futebol brasileiro. O periódico, segundo a transcrição do *JS*, afirma que o Brasil atua de acordo com o estilo de Zezé Moreira, sem ser um “futebol espetáculo” sendo o Brasil forte taticamente, mas tecnicamente pobre⁴⁸. Já em 21 de março, dia do esperado jogo, o *JS* exaltava a força da equipe brasileira e a movimento e o clima nas ruas, comparando-as novamente com o dia de 16 de julho de 1950⁴⁹. Uma ressalva, porém, era dada pelos próprios jogadores na mesma edição: “Otimismo, sim; exageros, não!”⁵⁰.

O embate entre brasileiros e paraguaios pela última rodada das eliminatórias sul-americanas aconteceu no dia 21 de março no Maracanã. Os brasileiros fizeram sua melhor apresentação no torneio e venceram o jogo pelo placar de 4 a 1. A vitória teve grande

⁴¹ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 17 de março de 1954, nº 8720, p. 2.

⁴² *A Gazeta Esportiva*, “Vaia lamentável”, 17 de março de 1954, nº 8720, p. 2.

⁴³ *A Gazeta Esportiva*, “Consideremos o espírito combativo e sadio do XI”, 17 de março de 1954, nº 8720, p. 3.

⁴⁴ *Jornal dos Sports*, “Estímulo ao balípedo pátrio”, 17 de março de 1954, nº 7528, p. 5.

⁴⁵ *Jornal dos Sports*, “A vitória do bom senso”, 18 de março de 1954, nº 7529, p. 5.

⁴⁶ *Jornal dos Sports*, “Fiz um scratch para vencer e não para agradecer!”, 17 de março de 1954, nº 7528, p. 6.

⁴⁷ *Jornal dos Sports*, “Classe antes de tudo”, 19 de março de 1954, nº 7530, p. 5.

⁴⁸ *Jornal dos Sports*, “O football do Brasil é medíocre”, 20 de março de 1954, nº 7531, p. 6.

⁴⁹ *Jornal dos Sports*, “A apoteose da vitória”, 21 de março de 1954, nº 7532, p. 10.

⁵⁰ *Jornal dos Sports*, “Otimismo, sim; exageros, não”, 21 de março de 1954, nº 7532, p. 10.

repercussão nos dias seguintes, como era de se esperar. É interessante notar que n' *AGE* as discussões acerca de sistemas táticos, individualidade x coletividade e coisas do tipo acabaram ficando em segundo plano. Uma imagem que ilustra de forma bastante clara essa ideia é a figura publicada na capa d' *AGE* do dia 26 de março. Nela, são mostradas três imagens: nas duas primeiras, que representam uma a tática e outra a técnica, jogadores em um campo trabalham a bola e fazem um gol; na terceira imagem, que representa “como o Brasil joga”, vários gols são marcados enquanto se destacam as características de “classe”, “fibra”, “suor”, “brio” e “valentia”. Ao lado das imagens, um homem afirma: “quando vencemos o jogo todas as táticas e técnicas são boas!”⁵¹. O *JS*, na edição seguinte ao jogo, publicou também uma conversa de um de seus jornalistas com Zezé Moreira, que afirmou algo na mesma linha: “Eu já disse que no football acima de tudo é o empenho. Não importa o sistema. O que eu quero, além do sistema, é o esforço. Só com luta é que é possível chegar-se ao triunfo, que todos nós tanto aspiramos”⁵².

Com a vitória da seleção no Maracanã e sua classificação para a Copa do Mundo, o *JS* tratou de tentar “exorcizar” a derrota de 1950. No dia 23 de março, Mário Filho ⁵³ e Everaldo Lopes⁵⁴ publicam crônicas que comparam exaustivamente as duas partidas, mostrando que a história não havia se repetido. É interessante notar como essa tentativa de deixar esta derrota no passado acaba não tendo êxito, sendo novamente lembrada assim que o Brasil cai na Copa do Mundo de 1954. A importância do jogo entre Brasil e Uruguai de 16 de julho de 1950 em muito transcende aquela única Copa, nem pode ser tratada como uma derrota normal. Como muito bem colocou Costa (2020), esta é a mãe de “todas as derrotas”, que se manteve por décadas a fio como a balizadora da cobertura midiática e do sentimento expresso pelos cronistas a cada nova derrota da Seleção Brasileira.

Mas, é claro, a Copa de 1950 continuou em evidência. O *JS* publicou no dia 26 de março⁵⁵ uma entrevista de Flávio Costa, treinador da Seleção na Copa de 1950, a Geraldo Romualdo da Silva. Nela, o treinador relembrou a competição e, apesar de dizer que não havia remorso com os acontecimentos da competição, mostrou tristeza ao fato de a culpa da derrota

⁵¹ *A Gazeta Esportiva*, imagem da capa, 26 de março de 1954, nº 8728, capa.

⁵² *Jornal dos Sports*, “‘Foi o próprio adversário quem valorizou a nossa campanha!’”, 23 de março de 1954, nº 7533, p. 7.

⁵³ *Jornal dos Sports*, “O reverso de 16 de julho”, 23 de março de 1954, nº 7533, p. 9.

⁵⁴ *Jornal dos Sports*, “Baile da Vitória”, 23 de março de 1954, nº 7533, p. 9.

⁵⁵ *Jornal dos Sports*, “Confissões de Flávio”, 26 de março de 1954, nº 7536, p. 5 e 2.

ter caído, segundo ele, em cima dos jogadores, comissão técnica e dele próprio. Disse ainda que, em sua opinião, faltava ao futebol brasileiro apenas espírito esportivo.

Como veremos no capítulo seguinte, a exaltação à Pátria, à fibra e outros discursos próximos a estes ganharam destaque e estavam sendo apresentados de maneira ainda tímida, mas que agora viravam o ponto principal das crônicas. Sobre o jogo em si, podemos citar que os jornais afirmaram em diferentes textos que os brasileiros fizeram uma partida exuberante, não dando chance aos paraguaios, e que o saldo de quatro vitórias em quatro jogos pelas eliminatórias terminou de forma bastante positiva e convincente. Assim, o Brasil estava pronto para encarar o Mundial da Suíça a partir de junho.

No intervalo entre o final das eliminatórias e a realização dos jogos preparatórios, ainda que o foco estivesse muito mais nos assuntos extracampo do que nos debates sobre o jogo brasileiro em si, alguns textos ainda tratavam das discussões do jogo e das táticas modernas, o qual *AGE* sempre se mostrou avessa, mas que o *JS* demonstrava mais simpatia. Por um lado, temos no diário carioca, por exemplo, o texto de Mário Júlio Rodrigues do dia 24 de março que afirma que “ainda que o sistema de Zezé venha triunfando, seguidamente, desde 48, só no match entre Brasil e Paraguai alcançou vitória total entre a massa. [...] Se nunca nos faltaram bons jogadores, agora também os temos com a grande vantagem de um sistema tático realmente sério”. Ainda nesse texto, o cronista exultaria a pessoa de Zezé Moreira, característica compartilhada entre os dois jornais⁵⁶.

Porém, no mesmo *JS*, *Olimpicus* continua em suas crônicas sua cruzada contra as táticas modernas. No texto “As táticas modernas”⁵⁷, do dia 27 de março, o cronista critica fortemente o treinador paraguaio que, supostamente, seria um dos adeptos dessa corrente de treinadores. Já no *AGE*, na crônica não assinada “Mais um ‘mágico’ do futebol ‘moderno’”, de 7 de abril, o jornal faz uma forte crítica aos adeptos deste modelo, bem como debate a própria profissão de treinador de futebol:

Tudo isso, afinal, como já temos dito muitas vezes, é produto da mercantilização do trabalho de treinador. É uma tarefa profissional que adquire cada vez mais concorrência e... comércio. Daí o técnico ter que defender seu ganha pão e superar a concorrência dos seus colegas.

Quanto mais fala e “inventa” táticas “modernas”, tanto mais estará cultivando seu prestígio. No meio dessa corrida atrás de prestígio e de bons contratos, frutifica o charlatanismo e o vigarismo. [...]

⁵⁶ *Jornal dos Sports*, “Antes e depois”, 24 de março de 1954, nº 7534, p. 5.

⁵⁷ *Jornal dos Sports*, “As táticas modernas”, 27 de março de 1954, nº 7537, p. 5.

E o futebol, que no fundo é um jogo puro, simples e fácil, sem mistérios, sem complicações alguma, passou a ser uma operação aritmética, uma coisa difícil que só os “Einsteins” a compreendem...

Eis porque cresce o número de fanfarrões e também de... otários que os levam a sério.⁵⁸

É interessante notar como Thomaz Mazzoni (Olimpicus) era o grande crítico das táticas modernas que escrevia no *JS*, um jornal que se mostrava simpático a esse modo de jogar, ao mesmo tempo em que *AGE* seguia uma linha editorial de permanente crítica a essa visão.

Para além da crítica feita pelo jornal, também é interessante notarmos como este é mais um debate que permanece atual. No momento em que desenvolvemos essa dissertação, podemos afirmar que vivemos o auge do protagonismo dos treinadores no futebol brasileiro e mundial, sendo algo que continua em um viés de crescimento. Diversos são os debates na imprensa que buscam analisar a importância destes profissionais dentro de uma equipe e qual é o nível de influência que os treinadores têm em relação ao resultado do jogo. E podemos ver que, enquanto parte da imprensa esportiva exalta o trabalho de treinadores diversos (com destaque para Pep Guardiola, José Mourinho e Jürgen Klopp no cenário internacional, e Jorge Jesus, Tite e Abel Ferreira no cenário doméstico), temos uma outra vertente de jornalistas que busca diminuir sua importância, assim como a importância das discussões táticas do jogo em geral, usando inclusive termos pejorativos, como “taticuês” para criticar a linguagem muitas vezes usada por tais treinadores e jornalistas.

Outro ponto que merece destaque ainda nessa comparação temporal é de como temos treinadores estrangeiros fazendo sucesso no futebol brasileiro atual, difundindo ideias que não são necessariamente novas ao redor do mundo, mas que até pouco tempo atrás possuíam pouco espaço no futebol brasileiro. No ano de 2023, mais da metade dos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino contou com treinadores estrangeiros durante a temporada, com destaque para os de nacionalidade argentina e portuguesa. Esse fator reacendeu um forte debate sobre a suposta perda da identidade do futebol brasileiro, debate esse que costuma surgir de tempos em tempos. Fazendo um paralelo com o período estudado, vemos que a influência das táticas do futebol estrangeiro, principalmente o inglês, era consideravelmente forte no futebol brasileiro, sendo tema constante da imprensa que também debatia se tal influência não teria o poder de modificar a essência do futebol nacional.

⁵⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Mais um ‘mágico’ do futebol ‘moderno’”, 7 de abril de 1954, nº 8738, p. 3.

Feita esta digressão, retorno para o debate dos anos cinquenta. Comparações entre as seleções de 1950 e 1954 também vão ganhando espaço nas páginas dos diários nesse momento. Primeiramente, *Olimpicus* no *JS*⁵⁹, ao mesmo tempo em que mantém sua crítica em relação as destaque dado aos sistemas táticas, afirma que a Seleção de 1950 era muito superior ofensivamente em relação a equipe de 1954, ao passo que a de 1954 superava por muito a de 1950 na parte defensiva. Dias depois, em 8 de abril, *AGE* faz a mesma discussão no texto “Melhor ou inferior ao de 1950?”. Na crônica, o jornal afirma que o ataque de 1950 talvez fosse inigualável, mas que a defesa brasileira de 1954 era largamente superior: “Assim, pois, como a história acusa, o ano de 1944-45 como o início do esplendor atacante que foi até 1950, assim será o ano de 1952, ao ser lembrado como o início do “império” da defesa atual”⁶⁰.

A diferenciação entre as equipes de 1950 e 1954 seguem um padrão de distanciamento em relação ao ideal do *futebol arte* que frequentemente o jornal realizava em suas páginas, destacando fatores como a disciplina e a rigidez como novas características positivas que surgiam no futebol brasileiro. Assim, a publicação escolhe destacar os valores defensivos, que seriam muito superiores aos de 1950, ao invés de apenas criticar uma possível fraqueza ofensiva da Seleção de 1954. Além disso, podemos inferir que esta escolha também aconteça por conta do sentimento de união ao redor da seleção que ocorre nos momentos de Copa do Mundo, nos quais seria dever patriótico de todos os setores da sociedade apoiar de forma quase que irrestrita e incondicional a Seleção Brasileira.

Com a classificação definida, os textos relativos aos prognósticos da Copa também começam a surgir. Primeiramente no *JS*, é reproduzida uma matéria da agência *U.P.* diretamente de Viena, na Áustria, do dia 28 de março⁶¹. Nela, um renomado árbitro austríaco destaca o favoritismo do Brasil na Copa do Mundo, segundo ele, além do ótimo trabalho de Zezé Moreira. Já no dia 6 de abril, no mesmo diário, é destacada a fala de László Székely, ex-treinador húngaro⁶², que afirmava que o Brasil, Hungria e Inglaterra seriam os favoritos ao título em sua visão. Dias depois, Augusto Godoy, enviado d’*AGE* para a Suíça traz no dia 9 de abril que a impressão dos europeus era de que a Hungria era a grande favorita da Copa do Mundo, e que apenas Brasil e Uruguai seriam páreos para desafiá-los⁶³. Já no dia 15 de abril, novamente no *JS*, a coluna “A Crônica Internacional”, de Albert Laurence, traz a opinião do

⁵⁹ *Jornal dos Sports*, “Inferior e superior a de 1950?”, 1 de abril de 1954, nº 7541, p. 5.

⁶⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Melhor ou inferior ao de 1950”, 8 de abril de 1954, nº 8739, p. 3.

⁶¹ *Jornal dos Sports*, “O Brasil possui as maiores possibilidades em conquistar o título máximo”, 30 de março de 1954, nº 7539, p. 9.

⁶² *Jornal dos Sports*, “Brasil, Hungria e Inglaterra, os prováveis ganhadores”, 6 de abril de 1954, nº 7545, p. 6.

⁶³ *A Gazeta Esportiva*, “Hungria, o ‘fantasma’ da V Copa do Mundo”, 9 de abril de 1954, nº 8740, capa e p. 9.

jogador britânico Wally Barnes, que classifica a Seleção Brasileira como muito superior a Hungria, sendo, portanto, a grande favorita ao título mundial⁶⁴.

Retornando ao tema Copa de 1950, dois textos d'*AGE* do dia 10 de abril tratam de relatos interessantes de personagens daquele jogo final frente o Uruguai. A coluna “Bom dia”⁶⁵ repercutiu declarações da entrevista do jogador Bigode, que foi considerado por grande parte da mídia e da população como um dos culpados da derrota brasileira. Na entrevista, Bigode afirmou que, pouco antes do início daquele jogo, dirigentes brasileiros entraram nos vestiários do Maracanã e pediram para que os jogadores brasileiros não “metessem o pé” ou mesmo “provocassem esbarrões”. Afirma ainda que conversaram com ele de forma especial, pedindo para que o jogador, conhecido por seu jogo bruto, não “empanasse o brilho da festa”. Assim, relatou que no derradeiro gol de Ghiggia, mesmo tendo a oportunidade de parar a jogada com uma falta dura ou um encontrão, lembrou do pedido dos diretores no vestiário e, não vendo outra forma de pará-lo, deixou que o uruguaio passasse com a bola, resultando no tento da vitória celeste.

Mesmo que possamos ter certa dúvida da veracidade da história narrada por Bigode, o relato traz uma perspectiva interessante que é constantemente lembrada nos diários: a tensão existente entre serem verdadeiros *Sportsman*, atuando de forma sempre limpa e honrada, segundo os preceitos da camaradagem, algo que remete ainda ao amadorismo, ou a atuação que tenha na vitória seu objetivo único, ainda que para isso seja necessário lançar mão de expedientes que firam esta camaradagem, algo já mais atrelado ideologicamente ao profissionalismo. Vemos que esta tensão é motivo de debates diversos, hora exaltando as equipes e atletas que cumprem seu papel de esportistas, na vitória ou na derrota, mas também criticando aqueles que se preocupam demais com essa tal esportividade nos momentos de derrotas duras. O cronista d'*AGE*, ilustrando tal ideia, comenta:

A ser verdade a visita dos dirigentes brasileiros ao vestuário, pedindo respeito e até humanidade para com os adversários, Bigode é quem tem razão. Numa partida decisiva de Taça do Mundo, certos requintes de bom tom não ficam bem e até ficam muito mal. Obdulio Varela e seus companheiros parece que não observaram as solicitações de seus dirigentes no mesmo sentido. Desceram o pé.

Ganharam o título.

⁶⁴ *Jornal dos Sports*, “A Crônica Internacional”, 15 de abril de 1954, nº 7553, p. 5.

⁶⁵ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 10 de abril de 1954, nº8741, p. 2.

O texto seguinte, da coluna “Meio campo”⁶⁶ do mesmo dia, tem como personagem o próprio Ghiggia. O uruguaio concedeu uma entrevista a Paulo de Godoy, jornalista d’*AGE*, no qual teceu sérias críticas ao futebol europeu, afirmando que estes jogam “duro”, o qual o jornal afirma referir-se tanto em relação a forma (“feia, áspera”), mas também quanto a um jogo mais viril e faltoso. A posição do jornal, porém, é de crítica em relação a tal fala. Segundo o cronista, essa forma de analisar o futebol europeu é uma forma de julgá-lo pior do que o nosso, fazendo com que nós mesmos entrássemos nos jogos com certo desdém em relação aos nossos adversários do outro continente, algo que seria sempre perigoso.

AGE ainda trata, antes dos amistosos preparatórios para a Copa do Mundo, de um tema que também se mostra bastante atual e comum em tempos de Copa. Na coluna “Meio tempo”⁶⁷ do dia 24 de abril, o cronista traz a informação de que a Inglaterra levará a Suíça uma seleção jovem e renovada, renunciando a atletas experientes e que tinham tido um desempenho ruim no Mundial de 1950. Tal postura é elogiada pela coluna, que destaca que uma seleção nacional deve buscar em seus atletas “juventude, perícia e técnica”. A coluna aproveita o tema para criticar quem pedia espaço na Seleção Brasileira para os jogadores veteranos de 1950. Em diferentes momentos, *AGE* se mostrou contra o aproveitamento de atletas que tivessem atuado em 1950, imputando-os uma marca de fracasso que não deveria ser levada a diante na Seleção⁶⁸.

Como parte da preparação para a Copa do Mundo, e após muitos debates e discussões, no dia 2 de maio a Seleção Brasileira fez um amistoso no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, contra a equipe do Millonarios, da Colômbia. Os brasileiros venceram o jogo por 4 a 1, e o desempenho da Seleção foi alvo de várias análises, que discutiam muito mais o jogo em si do que seu placar.

No texto “Bom dia” do dia 4 em *AGE*, muitas considerações foram realizadas sobre a forma de jogar da equipe de Zezé Moreira. Ainda que conquistando um placar relativamente elástico, os relatos mostram que a Seleção ficou longe de empolgar o público presente no Pacaembu, fazendo um primeiro tempo sonolento e apenas deslanchando na última meia hora de jogo. Ao comentar sobre a forma de jogar, o jornal faz uma comparação interessante com o basquetebol:

⁶⁶ *A Gazeta Esportiva*, “Meio tempo”, 10 de abril de 1954, nº8741, p. 2

⁶⁷ *A Gazeta Esportiva*, “Meio tempo”, 24 de abril de 1954, nº 8751, p. 2.

⁶⁸ Dos onze titulares do jogo Brasil 1x2 Uruguai de 1950, apenas Bauer esteve presente na Copa do Mundo de 1954.

A verdade é que vamos triunfando com a marcação por zona, trasladada do bola ao cesto, que é um esporte praticado com as mãos, para o futebol, praticado com os pés. Naquele tornam-se impossíveis a obstrução direta e a antecipação, e o que se está vendo no quadro nacional é a mesma coisa: cerco, sempre cerco por zona, até que os próprios adversários acabem, por perderem o passe, por si mesmos, limitando-se ao domínio da bola centralizada.⁶⁹

Esta comparação entre os esportes demonstra um fator que nos chama a atenção, que seria o relato de uma certa inspiração em outro jogo para se pensar em estratégias que possam funcionar dentro do futebol, segundo suas especificidades. Ainda que não seja possível saber com clareza se o jogo de basquetebol seria a verdadeira inspiração para o desenvolvimento da tática de marcação adotada por Zezé Moreira, a comparação entre os esportes nos mostra a existência de suas similaridades, algo que seria muito debatido nas décadas seguintes e ainda é até os dias atuais dentro da área do ensino do Esporte Coletivo⁷⁰.

Ainda no mesmo texto, o jornal continua: “O sistema de Zezé Moreira, não há dúvidas, anula os dotes individuais dos jogadores, em prejuízo do padrão bonito de jogo exigido pelo amante dos espetáculos”. Este trecho ganha quase que um complemento no dia seguinte, na mesma coluna, na qual se escreve:

Como se vê, muita coisa se fez, no segundo tempo, por obra instintiva dos jogadores, em sentido ofensivo [...]. Houvesse a partida começado como terminou, isto é, com os craques realizando mais naturalmente, sem desobedecer de todo ao sistema pré-estabelecido, teríamos um futebol mais prático e objetivo e a exibição superior que o público exigia e que só lhe foi proporcionada na meia hora final.

Agora, resta tirar partido da experiência bem sucedida e tratar de preencher os claros (que existem) na peça ofensiva, [...] mantendo-se a tática por zona unicamente na retaguarda [...].⁷¹

Essa visão demonstrada pelo cronista d’*AGE* é bastante interessante ao passo que ainda hoje muitos treinadores brasileiros pensam o futebol de tal forma: a defesa é o lugar da

⁶⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 4 de maio de 1954, nº 8759, p. 2.

⁷⁰ Segundo Bayer, um dos principais estudiosos da área do Esporte Coletivo a partir dos anos 1970, esportes como futebol, basquetebol, rugby e handebol tem uma série de características em comum que fazem com que ideias desenvolvidas e executadas em um esporte específico possam ser transportadas, a partir de algumas adaptações, para os outros esportes, como seria o caso da “marcação por zona”, aplicável em todos esses diferentes esportes. Essas características em comum são chamadas de “invariantes”, sendo elas: 1) um implemento em disputa, normalmente uma bola; 2) um espaço fechado no qual o jogo acontece; 3) um alvo a se alcançar e, conseqüentemente, um alvo a se defender; 4) a presença de companheiros de equipe; e 5) a presença de adversários (BAYER, 1994, p. 144).

⁷¹ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 5 de maio de 1954, nº 8760, p. 2.

organização, da coletividade e da disciplina, enquanto o ataque é o lugar da desorganização, da individualidade e da criatividade. É como se quiséssemos agir como europeus quando defendemos, partindo dos estereótipos do *futebol força* e do *futebol arte*, mas quando atacamos, ainda quiséssemos ser substancialmente brasileiros. Outras questões podem nos vir a mente ao refletirmos sobre essa suposta dualidade, por exemplo: é possível ser coletivamente criativo? É possível adotar padrões irregulares de jogo, cheios de incerteza quanto aos movimentos com a bola, mas que surjam a partir de uma consciência organizacional coletiva?

Outro debate que podemos observar a partir do texto d'AGE é em relação ao suposto “instinto” dos jogadores. Vemos esse discurso do instinto, do natural, em diversos momentos da crônica esportiva ao falarem sobre a Seleção Brasileira, principalmente relacionado à ofensividade. Nessa visão, seria natural ao jogador brasileiro o jogo individual, ofensivo, de dribles, que privilegia a técnica (mais uma vez, como vimos, o *futebol arte*), enquanto as características do *futebol força* (coletividade, organização, disciplina) não seriam próprias do nosso futebol. Esta separação entre o *futebol arte* como próprio do brasileiro e do sul-americano, enquanto o *futebol força* é próprio do europeu, é um tema central dos debates da crônica esportiva, que encontrarão nos textos do sociólogo Gilberto Freyre uma maneira de extrapolar o campo de jogo e construir uma leitura própria da sociedade⁷².

Já no JS, o mesmo debate entre o resultado e o desempenho da Seleção se fez presente. A crônica de Vargas Neto, nesse sentido chama a atenção. Ao também comentar sobre o suposto mal desempenho dos brasileiros, o cronista fez a seguinte comparação:

Informaram-me que o team brasileiro jogou feio, sem nenhum fricote, fechado na defensiva. [...]

[...] Enquanto os brasileiros procuravam apenas o goal em linha reta, isto é, pelo caminho mais curto, os hispano-americanos levavam a bola em zigue-zagues e arabescos, fazendo belos e ornamentais floreios. Deram uma completa demonstração de virtuosismo pessoal [...].⁷³

O comentário do cronista mostra uma inversão da lógica brasileira do *futebol-artes*. Neste caso específico, segundo Vargas Neto, quem praticou tal estilo foram os jogadores da equipe colombiana, ao lançarem mão de floreios e ações que mais visavam as questões estéticas do que a objetividade do jogo. Já os brasileiros tomaram o caminho oposto: a objetividade foi

⁷² Os debates relativos a futebol e Gilberto Freyre serão melhor explorados no capítulo seguinte da dissertação.

⁷³ *Jornal dos Sports*, “A crônica de Vargas Neto”, 4 de maio de 1954, nº 7567, p. 5.

a tônica principal, sempre em busca do gol. Ao lermos tal comentário podemos questionar a ideia de existir uma forma de jogar futebol intrínseca ao brasileiro, haja vista que os adversários também conseguem atuar da mesma forma⁷⁴. Na mesma edição do *JS*, Mário Júlio Rodrigues fez uma extensa defesa do jogo da Seleção, afirmando que eram exageradas as críticas realizadas sobre a equipe, muitas vezes acusada de não marcar gols, mas que havia feito oito gols na soma de seus dois últimos jogos. O cronista, ao comentar sobre o desempenho do selecionado, traz uma afirmação interessante: de que o futebol moderno, pautado em sistemas de jogo, era muito superior ao futebol antigo, defasado, pautado apenas nas individualidades⁷⁵.

O Brasil realizou ainda, no dia 9 de maio, um segundo amistoso contra a equipe do Millonarios da Colômbia, desta vez no Maracanã. A equipe de Zezé Moreira venceu por 2 a 0, e a mesma visão de uma seleção segura, porém que não empolga, se manteve nos diários. No *JS*, diversas foram as crônicas do dia 11 de maio⁷⁶ que exaltavam as vitórias da Seleção, mesmo com um futebol não tão vistoso aos olhos do público. Sobre isso, os cronistas afirmavam: é melhor vencer do que ser derrotado se apegando ao “jogo bonito”. Seguindo a mesma linha de raciocínio, uma charge na capa d’*AGE* de 12 de maio ilustra bem tal debate, ao mostrar dois homens discutindo e, se um afirmava que a Seleção ia mal, o outro respondia “futebol é bola na rede!”, enquanto uma lousa mostrava o saldo dos embates das eliminatórias e dos amistosos, com o Brasil tendo marcado 14 gols e sofrido apenas dois⁷⁷.

3.2 A disputa da Copa do Mundo: estilos de jogo em debate

A Copa do Mundo de 1954 traz um debate de grande importância sobre a forma de jogo apresentada pelo Brasil, evidenciada de maneira recorrente nas publicações do *JS*. A Seleção Húngara, considerada a grande favorita do torneio, era motivo de preocupação do diário, que publicava diversas matérias analisando e comparando as seleções do mundial.

No dia 9 de junho, uma semana antes do início da disputa, é possível observarmos quatro diferentes matérias relacionadas à equipe húngara, ao passo que apenas uma versa sobre

⁷⁴ É importante destacar que o selecionado colombiano presente nos jogos amistosos era, na verdade, um combinado da equipe do Millonarios (COL), tendo em seu elenco diversos jogadores de diferentes nacionalidades, como o famoso atacante argentino Adolfo Pedernera. Ainda assim, podemos destacar que tais jogadores não eram brasileiros, o que instiga o debate em relação ao *futebol-arté*.

⁷⁵ *Jornal dos Sports*, “Football antigo x football moderno: encontro do passado e do presente, no Pacaembu”, 4 de maio de 1954, nº 7567, p. 5.

⁷⁶ *Jornal dos Sports*, “A culpa da vitória”, 11 de maio de 1954, nº 7573, p. 5; *Jornal dos Sports*, “Vitória e fricotes”, 11 de maio de 1954, nº 7573, p. 5; *Jornal dos Sports*, “O Scratch não convence, mas vai levando” 11 de maio de 1954, nº 7573, p. 5 - 10; *Jornal dos Sports*, “O espelho mágico”, 11 de maio de 1954, nº 7573, p. 5.

⁷⁷ *A Gazeta Esportiva*, charge da capa, 12 de maio de 1954, nº 8767, capa.

a atual campeã mundial e algoz brasileira em 1950, a Seleção Uruguaia⁷⁸. Um dos textos continha uma entrevista do capitão húngaro Ferenc Puskás, no qual ele afirmava que a única seleção que podia vencê-los seria a austríaca, por conhecer melhor o futebol húngaro do que as equipes sul-americanas. Tal entrevista repercutiu nas crônicas do dia seguinte, nas quais tanto Manuel Vargas Neto como Mário Júlio Rodrigues criticaram a soberba húngara⁷⁹. A presença da Hungria nas crônicas e notícias do *JS* continua notável por todo o período da Copa do Mundo, sendo a Seleção Húngara até mesmo retratada como um “fantasma” em diversas charges publicadas durante a competição.

A Gazeta Esportiva também retratou o favoritismo húngaro em diferentes momentos antes do início da Copa do Mundo, mas sempre com uma certa desconfiança de que tal favoritismo era um pouco exagerado⁸⁰. *AGE*, no texto “A Seleção Brasileira em “rodagem” para o Campeonato do Mundo” de 9 de junho, escrito por José Gaspar Lima, de Portugal, debateu também os prognósticos para as outras seleções, indicando acreditar que, além dos húngaros, as seleções de Brasil, Uruguai, Inglaterra, Itália, Áustria e Alemanha eram fortes concorrentes.

A edição do dia 13 de junho do *JS* também aprofundou o debate sobre o favoritismo das seleções para o título da Copa do Mundo ao reproduzir um texto escrito por Marc Gaudierau para a revista francesa *France Presse*. O texto reafirma o favoritismo húngaro, pontuando que os jogadores seriam dotados de técnica e organização grandiosas, e apontava as Seleções Brasileira e Uruguaia como as principais concorrentes dos europeus. Abaixo do trio já citado vinham as seleções da Itália, Inglaterra e Áustria ainda como grandes concorrentes, e só então foi citada, num terceiro escalão, a Alemanha Ocidental, junto de Turquia, França e Iugoslávia.

O texto da *France Presse* chama a atenção na forma como caracteriza a Seleção Brasileira:

O novo treinador dos brasileiros, Zezé Moreira, realizou uma revolução tática, fazendo prevalecer um jogo mais defensivo do que ofensivo. [...] A sua defesa e os médios são de primeira. O futuro dirá se o treinador do Brasil teve razão, jogando

⁷⁸ *Jornal dos Sports*, “O Uruguai conservará seu título”, 9 de junho de 1954, nº 7597, p. 9.

⁷⁹ *Jornal dos Sports*, “A crônica de Vargas Netto”, 10 de junho de 1954, nº 7598, p. 5; *Jornal dos Sports*, “A queda do Everest”, 10 de junho de 1954, nº 7598, p. 5.

⁸⁰ *A Gazeta Esportiva*, “A Seleção Brasileira em “rodagem” para o Campeonato do Mundo”, 9 de junho de 1954, nº 8790, p. 11; *A Gazeta Esportiva*, “Minha previsão: Brasil ou Hungria”, 10 de julho de 1954, nº 8791, p. 4; *A Gazeta Esportiva*, “Esta é a minha opinião”, 11 de julho de 1954, nº 8792, p. 5; *A Gazeta Esportiva*, “Afinal, vimos os húngaros jogar”, 11 de julho de 1954, nº 8792, n. 9.

primeiramente com a segurança, freando os instintos dos jogadores brasileiros. Instinto que é dos sul-americanos⁸¹.

A “revolução tática” que teria sido promovida por Zezé Moreira teria mudado os princípios pelos quais se caracteriza o futebol brasileiro, princípios esses fundados por Gilberto Freyre no texto *Foot-ball Mulato*, de 1938. Essa visão do futebol brasileiro como essencialmente individualista pode ser observada também ao olharmos as obras de Thomaz Mazzoni com relação à Copa de 1938, nas quais ele afirma que a seleção brasileira abusava de jogadas muito plásticas em detrimento de jogadas com objetivo do gol, e que a seleção pouco se preocupava com o jogo coletivo (NEGREIROS, 1999, p. 231 - 232). Assim, segundo a publicação da *France Press*, o treinador brasileiro Zezé Moreira na Copa de 1954 mudaria as características próprias do futebol da Seleção buscando um melhor resultado na Copa do Mundo. Essa inversão também pode ser vista ao olharmos as características tradicionais do *futebol arte* propostas por Arlei Damo, no qual seriam próprios desse estilo brasileiro o “artístico” e o “espetáculo” em detrimento do “competitivo” e da “eficiência” do futebol-força europeu (DAMO, 1999).

Isso, é claro, não quer dizer que tal visão fosse consenso, ou mesmo que outros discursos não aparecessem dando ênfase às características mais clássicas do que seria o futebol brasileiro. Na mesma edição do *JS* que está presente o texto da *France Presse*, também há uma pequena reprodução da fala de um membro da comissão técnica da Seleção Húngara, na qual ele afirma que a técnica individual dos jogadores brasileiros é maravilhosa⁸². Algo semelhante também é visto no jornal do dia 20 de junho, no qual, em artigo da *France Presse* reproduzido pelo *JS* após o empate em 1 a 1 entre Brasil e Iugoslávia, o jornalista Jacques Grosbois afirma que “o football praticado pelos artistas brasileiros e pelos estrategistas iugoslavos é de classe muito superior à dos italianos e sobretudo dos suíços”⁸³.

Este mesmo discurso é exposto em *AGE* ao reproduzir uma fala do treinador Antonio Lopes, da Seleção Mexicana, que afirma que “perder para estes artistas do balão, nascidos para jogar futebol, não é realmente uma desonra”⁸⁴ e também ao destacar a impressão

⁸¹ *Jornal dos Sports*, “Hungria, Brasil e Uruguai, os principais favoritos”, 13 de junho de 1954, nº 7601. No dia seguinte à publicação do *JS*, *A Gazeta Esportiva* também reproduziu em suas páginas esse texto, com alguns trechos um pouco diferentes, mas trazendo a mesma ideia geral (*A Gazeta Esportiva*, “Hungria, Brasil e Uruguai, favoritos do Campeonato do Mundo”, 14 de junho de 1954, nº 8794).

⁸² *Jornal dos Sports*, “Simplesmente maravilhosa a técnica individual dos brasileiros”, 13 de junho de 1954, nº 7601, p. 8.

⁸³ *Jornal dos Sports*, “Com um pouco mais de chance o Brasil teria vencido”, 20 de junho de 1954, nº 7607, p. 5.

⁸⁴ *A Gazeta Esportiva*, “Perder para estes artistas do balão não é desonra”, 18 de junho de 1954, nº 8798, p. 2.

da imprensa suíça após o jogo contra os mexicanos, afirmando que a mídia local ficou entusiasmada com a atuação brasileira, destacando a “velocidade, facilidade no controle da pelota, o malabarismo, sem haver a necessidade dos brasileiros de se imporem pela superioridade física”⁸⁵. Vemos, assim, que pelo menos para a imprensa estrangeira e adversários brasileiros, ainda que reconhecessem a evolução tática e coletiva brasileira, a ideia do futebol “artístico” e individual ainda era dominante.

As discussões sobre a individualidade e a coletividade como sendo características inseparáveis de brasileiros e europeus, respectivamente, também é vista com destaque em *AGE*. Em 9 de junho, o jornal traz um interessante texto que afirma:

Os europeus continuam achando que o futebol do Brasil é o indivíduo e o individualismo, no que, aliás, não estão errados. [...] O que se critica, pois, é o “personalismo” do nosso craque, essa atração desmesurada e insuportável que a bola exerce sobre o mesmo, dominando-o tanto quanto ele próprio a domina. Porém, não se pode alterar o que é congênito, o que não dependeu de simples aprendizado ou exercitação, mas, que existe porque vem de longe, de heranças imponderáveis ao longo do tempo e das raças⁸⁶.

Já no *JS*, um fator que chama muito a atenção é o destaque que sempre é dado nas publicações ao treinador Zezé Moreira e aos treinos realizados na Suíça, destaque esse até maior, muitas vezes, do que o espaço dado aos próprios atletas da Seleção. Vemos, dessa forma, que o desempenho coletivo da seleção era de grande interesse do *JS*, rompendo com a ideia de individualismo sempre atrelada ao futebol brasileiro. Nesse sentido, destaca-se uma matéria do dia 15 de junho, na qual Paulo Falcão afirma que o treinador brasileiro instruía seus jogadores a não prenderem demais a bola a fim de realizarem “malabarismos que podem ser muito bonitos ao público, mas pouco práticos para a eficiência e rendimento do conjunto”⁸⁷. No mesmo sentido, agora já pouco antes da partida entre Brasil e Hungria, vemos diferentes matérias exaltando falas de Zezé Moreira sobre qual seria seu plano para vencer os húngaros, assim como a importância da “observância integral do sistema” para vencer a partida⁸⁸. Cabe destacar o fato de o treinador brasileiro ser um velho conhecido dos cariocas⁸⁹, haja vista que já havia treinado

⁸⁵ *A Gazeta Esportiva*, “Entusiasmada a imprensa suíça com os brasileiros”, 19 de junho de 1954, 8799, capa.

⁸⁶ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 9 de junho de 1954, nº 8790, p. 2.

⁸⁷ *Jornal dos Sports*, 15 de junho de 1954, nº 7602, páginas diversas.

⁸⁸ *Jornal dos Sports*, “Ponto de partida para a vitória: observância integral do sistema”, 25 de junho de 1954, nº 7611, p. 8.

⁸⁹ Até então, todos os treinadores da Seleção Brasileira durante as Copas do Mundo eram identificados com o futebol carioca. Foram eles Píndaro de Carvalho Rodrigues (1930), Luís Augusto Vinhaes (1934), Adhemar Pimenta (1938) e Flávio Costa (1950), fato que se repetiu com Zezé Moreira (1954).

diferentes equipes do Rio de Janeiro, como Fluminense e Botafogo, tendo, portanto, uma maior identificação em relação ao jornal carioca do que com *AGE*, de São Paulo. Esse fato ajuda a explicar o maior destaque dado ao treinador pelo *JS* em comparação com o diário paulistano.

Outro momento em que podemos perceber a importância dada ao coletivo em detrimento à individualidade era na ênfase dada em diversas vezes ao sistema defensivo brasileiro. Mas não apenas à força da defesa, ao fato de sofrer poucos gols, mas sim como era descrita a forma pela qual a defesa brasileira jogava. Em diferentes momentos é relatado que a defesa brasileira marcava “por zona”⁹⁰, característica essa implementada por Zezé Moreira, e que necessita de um treinamento coletivo para que seja realizada.

Em *AGE*, as discussões sobre as mudanças táticas da Seleção Brasileira e da adoção da marcação por zona eram mais críticas em comparação ao *JS*. Em entrevista com o ex-treinador da Seleção Ademar Pimenta, é afirmado que a eficiência desse tipo de marcação não será tão boa contra os europeus, por estes já a conhecerem mais a fundo que os brasileiros. É dito também que muito do sucesso da Seleção Húngara está no fato de os húngaros adotarem a improvisação própria dos latinos em sua forma de jogar. Por fim, Pimenta também critica o fato de o futebol ter se tornado “ciência”, na qual as virtudes próprias e individuais dos jogadores teriam sido substituídas por “normas rígidas de orientação”⁹¹.

Antes da partida entre Brasil e Hungria, Thomaz Mazzoni deixou essa posição bastante clara ao analisar como a seleção deveria encarar essa partida. O cronista escreve:

Precisamos para isso entrar em campo com o pé direito. Nada de ficar parado ajustando o passe para no fim ser feito errado... Precisamos de velocidade, de improvisação como permite nossa superior qualidade, reconhecida pelos próprios críticos europeus, e não de ficarmos no campo pensando o que o técnico disse antes do prélio, se a jogada deve ser feita assim ou assada, conforme manda a tática pré-estabelecida e desenhada.⁹²

Com o avanço da competição para a fase de quartas de final, a relação dos favoritos ao título segundo a imprensa internacional e até mesmo o recém-eleito presidente da FIFA, Rodolphe Seeldrayers, pouco se alterou: o título ficaria entre Brasil, Hungria, Áustria e

⁹⁰ Estratégia defensiva no qual os jogadores privilegiam a ocupação organizada de determinados espaços do campo, fazendo com que cada atleta seja responsável pela marcação de uma zona do campo. Tal forma de marcar se contrapõe à “marcação individual”, no qual os atletas têm como referência os jogadores adversários, e não o espaço, muitas vezes perseguindo-os pelo campo.

⁹¹ *A Gazeta Esportiva*, “Húngaros, favoritos de Ademar Pimenta”, 15 de junho de 1954, nº 8795, p. 4.

⁹² *A Gazeta Esportiva*, “Não culpem ninguém, porque ninguém é culpado”, 25 de junho de 1954, nº 8805, p. 5.

Uruguai⁹³. Brasil e Hungria se enfrentaram nas quartas de final, o que foi considerado pelo *JS* como a final antecipada do torneio⁹⁴, algo apontado também por *AGE*⁹⁵. Após a vitória húngara, seu adversário foi o Uruguai, na partida que foi considerada a nova final antecipada do torneio⁹⁶. Por fim, a final acabou sendo o jogo Hungria e Alemanha, que eliminou a Áustria na outra semifinal e, surpreendendo a todos, sagrou-se campeã frente aos favoritos. A final entre as equipes europeias foi classificada por Albert Laurence, cronista do *JS*, como “a vitória do espírito de organização sistemático sobre o de inspiração e improvisação”, referindo-se ao preparo dos húngaros em relação a brasileiros e uruguaios⁹⁷. A mesma opinião foi proferida pelo jornal suíço *Der Sport*, reproduzido pelo *JS*, afirmando que “o jogo de conjunto e a combatividade triunfaram sobre o jogo artístico”⁹⁸.

Já em *AGE*, ainda durante a realização dos últimos jogos da Copa, Thomaz Mazzoni declarava o “fracasso” das táticas modernas. Utilizando como argumento o alto número de gols marcados em diversos jogos na Suíça, o cronista criticava a opinião de que havia novas táticas no futebol mundial e que essas táticas reduziriam o número de gols por serem mais “defensivas”. Para Mazzoni, não havia mudanças táticas no futebol, que permanecia o mesmo das décadas anteriores⁹⁹. Seguindo a mesma linha, em 3 de julho é publicada uma entrevista com Adhemar Pimenta, treinador da Seleção Brasileira na Copa de 1938, na qual ele afirma que não houve evolução do futebol brasileiro, que se encontrava então mais pré-estabelecido, inibindo o individualismo dos jogadores, tornando-os “verdadeiros autômatos”, ao passo que tal improvisação característica dos sul-americanos era vista nos húngaros¹⁰⁰. Os textos de Mazzoni e outros cronistas sobre o assunto continuaram ainda por muito tempo, como veremos em breve.

Após o fim da competição, na busca por analisar e entender os motivos do fracasso brasileiro em vencer a Copa do Mundo, pouco se falava do jogo em si, buscando-se mais motivos na arbitragem e na pressão exagerada vinda do povo brasileiro em cima dos atletas, como veremos nos capítulos seguintes. Segundo Costa et al (2014), isso se dá pelo fato de a cobertura midiática, de forma geral, apegar-se ao apelo nacionalista que esse tipo de competição

⁹³ *Jornal dos Sports*, “Entre Brasil, Uruguai, Hungria e Áustria, o campeão do mundo”, 23 de junho de 1954, nº 7609, p. 7.

⁹⁴ *Jornal dos Sports*, “Será a batalha pela supremacia mundial”, 25 de junho de 1954, nº 7611, p. 6.

⁹⁵ *A Gazeta Esportiva*, “Perfeitamente viável a vitória do Brasil”, 24 de junho de 1954, nº 8804, p. 24.

⁹⁶ *Jornal dos Sports*, “Hungria e Uruguai: decisão prévia da Copa”, 30 de junho de 1954, nº 7615, capa.

⁹⁷ *Jornal dos Sports*, “A crônica internacional”, 1 de julho de 1954, nº 7616, p. 7.

⁹⁸ *Jornal dos Sports*, “O football é um jogo de ataque”, 8 de julho de 1954, nº 7622, p. 7.

⁹⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Carroussel Suíço”, 30 de junho de 1954, nº 8810, p. 4.

¹⁰⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Não evoluiu o futebol brasileiro”, 3 de julho de 1954, nº 8813, p. 5.

produz, esquecendo, portanto, das questões mais pertinentes ao jogo em si. Um fator, porém, ainda era motivo de debate: a marcação por zona do treinador Zezé Moreira. Em 11 de julho, Mário Júlio Rodrigues respondeu às críticas de que o sistema de marcação havia recebido, defendendo fortemente a estratégia de Zezé Moreira e afirmando que tal sistema acuou os adversários húngaros, que venceram apenas por conta da arbitragem¹⁰¹.

A discussão sobre os motivos da derrota brasileira no Mundial da Suíça e sobre a evolução do jogo de futebol como um todo foram tópicos que continuaram sendo levantados por muito tempo ainda após o término do campeonato. E uma das grandes discussões que continuou sendo realizada foi relativa aos sistemas de jogo.

Em *AGE*, o pensamento de que as táticas modernas não apresentavam nada de novo em relação ao futebol já praticada desde muito tempo era dominante, como podemos ver na crônica “O tumulto das táticas modernas”¹⁰², de 14 de julho, na qual o jornal afirma que o jogo da Hungria de 1954 era exatamente o mesmo jogo do time húngaro Ferencvaros em 1929. Essa será a tônica da visão d’*AGE* em todas as publicações que se referem às questões táticas, não havendo novas visões sobre o assunto ou discussões mais aprofundadas no restante das publicações analisadas.

Já no *JS* podemos ver opiniões mais conflitantes. Em coluna no diário carioca em 20 de julho, *Olimpicus* afirma que o resultado da Copa do Mundo havia deixado claro que os sistemas ou táticas chamadas de “modernas” em nada acrescentavam ao jogo, sendo que as seleções que tiveram melhor desempenho na competição adotavam modos antigos de se jogar futebol¹⁰³. *Olimpicus* criticava o que chamava de “sistema”, que era a organização da equipe com foco defensivo, também chamado de “ferrolho”. Tal visão, porém, não era totalmente dominante, haja vista que, de modo geral, no *JS*, ainda que os cronistas concordassem que a Copa do Mundo não havia apresentado grandes avanços táticos em relação ao futebol já praticado, tal estilo de jogo era bastante moderno. Havia cronistas, como Geraldo Romualdo da Silva no *JS*, que afirmavam que o futebol praticado por Alemanha e Hungria, por exemplo, era altamente moderno, ainda que não fosse exatamente revolucionário¹⁰⁴.

A questão do conjunto também foi abordada por Everaldo Lopes em 24 de julho, ao analisar o futebol individual dos jogadores brasileiros em relação ao futebol coletivo

¹⁰¹ *Jornal dos Sports*, “O sistema”, 11 de julho de 1954, nº 7625, p. 11.

¹⁰² *A Gazeta Esportiva*, “O tumulto das táticas modernas”, 14 de julho de 1954, nº 8822, p. 3.

¹⁰³ *Jornal dos Sports*, “O fiasco das táticas prefabricadas”, 20 de julho de 1954, nº 7632, p. 5.

¹⁰⁴ *Jornal dos Sports*, “Taça partida – (10)”, 30 de julho de 1954, nº 7641, p. 5.

praticado pela seleção. Segundo ele, apesar dos atletas brasileiros serem individualmente os melhores do planeta, o conjunto nacional não era forte o bastante para que fosse possível apontar que o futebol brasileiro era um dos melhores do mundo: “Para dizer-se que o nosso jogador de football, esse sim, pode ser enquadrado entre os melhores do mundo. [...] Mas nem por isso pode dizer-se que o football por eles praticado seja o melhor. E isto por uma razão muito simples: falta-lhes conjunto¹⁰⁵”. Em uma certa continuidade de raciocínio, dias depois Everaldo Lopes estende a necessidade de um conjunto forte e organizado, menos individualizado, também para o extracampo, na comissão técnica e na direção do futebol como um todo¹⁰⁶.

O embate “coletivo x individual” manteve-se como tema nas colunas. Geraldo Romualdo da Silva, em 27 de julho, reproduziu falas de observadores europeus em relação a Seleção Brasileira, das quais podemos destacar este trecho:

O trabalho individual visa facilitar o trabalho do conjunto e não se prolonga para o além do indispensável, subordinando-se à tarefa coletiva, estudada e prevista. [...] Nos brasileiros, é verdade, existe mais improvisação, mais cenário e menos subordinação às exigências da equipe. Os brasileiros concebem o football como os Harlem Globetrotters concebem o basketball e Armstrong interpreta a música. Os brasileiros têm alma de “solistas” e cada qual procura, à sua vontade, exibir seus dotes portentosos de artistas perfeitos¹⁰⁷.

Parece pertinente ressaltar, observando a fala do observador europeu, que tanto a equipe de basquete dos Harlem Globetrotters quanto o músico Louis Armstrong, ícone do *jazz*, não apenas não são europeus como também são ícones da cultura negra. Ao comparar os jogadores brasileiros a estas outras figuras citadas, é também colocado de forma clara as dimensões do improviso e do espetáculo, características marcantes tanto de Louis Armstrong quanto dos Harlem Globetrotters e que, portanto, também se colocava como característica do futebol brasileiro. Esses fatores vão ao encontro das características do futebol arte definidos por Arlei Damo (1999) e que já vimos anteriormente.

Essa mesma visão do embate “coletivo x individual” foi mostrada pelo treinador Zezé Moreira em entrevista para Albert Laurence do *JS*, publicada em sua coluna também no

¹⁰⁵ *Jornal dos Sports*, “A diferença entre o football e o jogador de football”, 24 de julho de 1954, nº 7636, p. 5.

¹⁰⁶ *Jornal dos Sports*, “Conjunto, uma necessidade dentro e fora do gramado”, 27 de julho de 1954, nº 7638, p. 5.

¹⁰⁷ *Jornal dos Sports*, “Lições de técnica e disciplina dentro da Copa”, 27 de julho de 1954, nº 7638, p. 5.

dia 27 de julho. Ao comentar sobre a qualidade da equipe húngara, Zezé afirmou sobre o futebol brasileiro:

No dia em que um quadro de brasileiros for capaz de jogar com tal espírito e conhecimento de “soccer”, jogo essencialmente de “équipe”, então, sim, não haverá ninguém para nos derrotar. [...] Eu estou lutando por isso há anos. Mas a índole do jogador brasileiro é mais para o jogo individualista e brilhante. Aos poucos, vamos progredindo, contudo, nesse sentido, mas acredito que chegará para mim a hora da aposentadoria muito antes do football brasileiro alcançar essa perfeição: um football de conjunto ideal, com jogadores 100% impessoais, sem perder, contudo, nada da sua personalidade e das suas maravilhosas qualidades naturais¹⁰⁸.

Albert Laurence, ao ser perguntando por Zezé Moreira sobre o que a imprensa internacional tem dito sobre a Seleção Brasileira, cita uma crônica de Gabriel Hanot, ex-jogador francês, publicada no jornal *L'Équipe*, a qual posteriormente o treinador concorda:

[Gabriel Hanot] Se o football fosse um desporto individual, o Brasil seria campeão do mundo, o Uruguai seu rival mais ameaçador, e a América do Sul o primeiro continente da Terra no jogo da bola dadas excepcionais. Mas ainda temos muito para aprender e sobretudo para impor a esses jogadores no domínio da organização do jogo. [...] Mas as civilizações mais novas, de passado muito próximo e de cruzamentos de raças múltiplas, ainda estão dando seus primeiros passos na organização, quer da vida social, quer do football!

[Zezé Moreira] É verdade. Nossos jogadores têm qualidade... [trecho incompreensível¹⁰⁹]... drible a mais ou de tentar uma façanha individual inútil, só para brilhar e agradar ao público. Eis porque tenho a certeza de estar com a razão, tentando disciplinar e sistematizar sempre mais nosso football¹¹⁰.

Vemos nas falas de Zezé Moreira mais uma vez de forma clara a ideia de o jogo brasileiro ser naturalmente individualista, ofensivo, e que deveria aos poucos ser “disciplinado” para tornar-se mais coletivo. Observamos ainda a naturalização da justificativa racial para tal característica, como apontado por Gabriel Hanot e confirmado pelo treinador brasileiro. Segundo eles, o fato de a formação social brasileira como Nação ser recente, aliando-se a miscigenação racial do país, faria com que a organização social brasileira não fosse plenamente desenvolvida, assim como a organização coletiva do nosso futebol.

Albert Laurence pode ser visto como um dos cronistas mais preocupados em debater as questões táticas do jogo dentro do *JS*, ainda que suas crônicas não se resumissem a

¹⁰⁸ *Jornal dos Sports*, “A Crônica Internacional”, 27 de julho de 1954, nº 7638, p. 5 e 8.

¹⁰⁹ Parece ter havido algum problema na diagramação ou impressão do jornal, pois acredito que esteja faltando uma linha completa do texto.

¹¹⁰ *Jornal dos Sports*, “A Crônica Internacional”, 27 de julho de 1954, nº 7638, p. 5 e 8.

isso. Em sua coluna “A Crônica Internacional” do dia 12 de agosto, mais uma vez o cronista defende a importância do debate sobre as formas de se jogar futebol, discordando de colegas que viam que o futebol se tratava apenas de “jogar bem”, e não davam o devido mérito às questões técnicas e táticas do jogo, afirmando ao fim da coluna que seu desenvolvimento futuro, o futebol brasileiro precisava “saber observar, analisar, discutir e tirar as lições do que se viu, adotando o que há de aproveitável no modo de jogar dos outros, sem complexos exageradamente nacionalistas”¹¹¹.

Laurence reproduz, nesta mesma edição, uma carta enviada por um leitor chamado Torvian Leopoldino, que afirmava ter assistido aos jogos da Copa na Suíça. O leitor fez considerações interessantes sobre as formas de jogo das equipes de Zezé Moreira (Seleção Brasileira e Fluminense-RJ) e da Seleção Húngara quanto a marcação por zona, questão tática mais debatida pela crônica brasileira. Segundo ele, as equipes de Zezé marcariam por zona em seu campo defensivo, próximas de seu próprio gol, enquanto a equipe húngara faz também a marcação por zona, porém de forma adiantada, em seu campo de ataque, observações essas que são corroboradas por Laurence. Ao comentar a carta, o cronista faz observações também quanto ao posicionamento do goleiro húngaro, que jogaria mais adiantado do que o habitual nas fases ofensivas do jogo, próximo a linha da grande área, auxiliando na cobertura dos zagueiros que jogavam adiantados. A análise de tais observações se mostra bastante importante, visto o refinamento e complexidade de tais movimentos táticos, debatidos no meio esportivo até nos jogos de hoje. Continuando com os debates táticos, Laurence realiza longa explanação sobre o desenvolvimento dos sistemas táticos do futebol no dia 9 de setembro, falando sobre o que seria o “WM”, o “Sistema Zezé”, o “3-2-2-3” e o “4-2-4”, discutindo as movimentações dos jogadores que levariam a cada um desses desenhos¹¹².

Podemos observar, no recorte da Copa de 1954 e seus debates consequentes, a predominância explícita dos estereótipos do *futebol brasileiro* x *futebol europeu*: arte x força, ataque x defesa, individualidade x coletividade, improvisação x disciplina, entre outros. Chama a atenção, porém, que tais características nem sempre se reservaram de forma exclusiva e excludente a Seleção Brasileira ou às seleções europeias. Em diversos momentos o futebol mais tático, planejado e defensivo da Seleção Brasileira foi exaltado, sobretudo pelo JS, enquanto houve também diversas manifestações sobre a ofensividade e improvisação com relação ao futebol praticado pela Hungria. AGE, em discordância ao JS, fez uma defesa mais vigorosa dos

¹¹¹ *Jornal dos Sports*, “A Crônica Internacional”, 12 de agosto de 1954, nº 7652, p. 5 - 8.

¹¹² *Jornal dos Sports*, “A Crônica Internacional”, 9 de setembro de 1954, nº 7675, p. 5.

elementos “clássicos” do futebol brasileiro, principalmente na figura de Thomaz Mazzoni que, por fim, também debateu sobre o assunto dentro do próprio *JS*. Sobre as discussões táticas, chama a atenção o fato do cronista que mais se aprofunda nos debates ser Albert Laurence, responsável pela coluna “A Crônica Internacional”.

4 O FUTEBOL COMO SIGNIFICANTE DA SOCIEDADE

4.1 A Seleção Brasileira e a Sociedade no pré-Copa do Mundo

Como já anteriormente demonstrado, os significados produzidos pelo futebol brasileiro sofreram grande influência do pensamento do sociólogo Gilberto Freyre, defensor da ideia da democracia racial. Esse pensamento também estava alinhado ao período varguista, principalmente durante o Estado Novo. Nesse contexto, Mário Filho e o *JS* são importantes personagens na atribuição de sentidos e interpretações aos acontecimentos do futebol brasileiro, devido principalmente à influência que Mário Filho teve de Freyre, tendo o último inclusive escrito o prefácio de sua principal obra, o livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, de 1947.

Para Gilberto Freyre e Mário Filho, a sociedade brasileira era a sociedade da democracia racial, ou seja, uma sociedade que efetivamente estava no processo de superação do racismo presente nos séculos anteriores, na qual as diferentes raças (o branco, o negro e o “mulato”) passavam a conviver de forma pacífica e homogênea. Para eles, a mistura de raças ocorrida no Brasil produziria a raça mais forte (o mulato), e o futebol era um exemplo genuíno da força dessa raça brasileira (FREYRE, 2010).

No prefácio do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, escrito por Mário Filho, Gilberto Freyre trata de como a mistura de raças havia criado um melhor jogador de futebol e, também, um melhor povo. Segundo Freyre, o negro e o mulato seriam “mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais” (2010, p. 24), e o futebol teve importante função na sociedade brasileira ao eliminar ou subverter tais impulsos próprios:

O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. [...] Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. (FREYRE, 2010, p. 25).

Sobre a relação entre o pensamento de Gilberto Freyre e o futebol e sua relação com a sociedade brasileira, Maranhão (2006) afirma:

A imagem, oferecida por Freyre, da superioridade do mulato sobre os “rígidos” europeus encontrou sua expressão na oposição Dionísio/Apolo, onde o mestiço

representaria o ardil e lúdico estilo tropical de astúcia, capaz de superar o rígido e disciplinado modelo europeu. O futebol proporcionou um poderoso meio de fomentar, na população brasileira, o sentimento de “pertencer” e propagou as ideias de Gilberto Freyre a respeito de uma bem sucedida, vitoriosa e, por conseguinte, “superior” sociedade mulata. Esse pensamento foi imbutido de um conteúdo nacionalista e se tornou altamente funcional no processo de “imaginar a comunidade”. (MARANHÃO, 2006, p. 436).

Cabe ressaltar que a visão *freyreana* da sociedade brasileira, adotada pelo regime varguista, constituiu-se numa leitura altamente racializada e racista desta sociedade, nos quais os negros seriam portadores de características irracionais e primitivas que, por sua vez, foram sublimados e amenizados pelos brancos. A concepção da democracia racial, reflexo dos ideais das elites dominantes, como afirma Almeida (2021, p. 71) “seria parte relevante desse quadro em que cultura popular e ciência fundem-se num sistema de ideias que fornece um sentido amplo para práticas racistas já presentes na vida cotidiana”.

O sentimento patriótico foi sempre presente na imprensa esportiva em relação a Seleção Brasileira, desde o início da caminhada para a Copa do Mundo. Logo após as vitórias contra as seleções do Chile e do Paraguai fora de casa pelas duas rodadas iniciais das eliminatórias, o cronista Paulo de Godoy, d’*AGE*, escreve um artigo de exaltação aos valorosos jogadores brasileiros. Paulo de Godoy trata os jogos como grandes batalhas, remetendo até a Roma Antiga ao iniciar o texto com a frase “Como Cesar, o Brasil chegou, viu e venceu”, além de afirmar pouco mais adiante que “lutaram com amor, com sacrifício, com garra e com entusiasmo. Eram como soldados batalhando pela sua terra e pela sua gente”. No fim do artigo, o autor prossegue: “O Brasil olha para vocês, jovens atletas, que, neste momento, simbolizam a nossa bandeira e a nossa terra. Para a frente, atletas! Para a vitória, Brasil!”¹¹³

Após a vitória um pouco menos empolgante da Seleção Brasileira contra o Chile por 1 a 0 no Maracanã, porém, a exaltação deu lugar às rivalidades e disputas internas. Paulo de Godoy, em 17 de março¹¹⁴, repercute em seu texto as vaias recebidas pela seleção dos torcedores cariocas que acompanhavam a partida, classificando-as como um ato de “selvageria”, “falta de sentimento”, “falta de patriotismo”, “completa ausência de raciocínio” e “revoltante e dolorosa paixão”. Na sequência de seu texto, o cronista busca, então, explicar o porquê de tais atitudes, e traz de maneira exacerbada a rivalidade entre paulistas e cariocas:

¹¹³ *A Gazeta Esportiva*, “Brasil! Brasil! Brasil!”, 10 de março de 1954, nº 8714, p. 2

¹¹⁴ *A Gazeta Esportiva*, “Vaia lamentável”, 17 de março de 1954, nº 8720, p. 2.

Façamos a psico-análise.

Um jornal carioca afirmou que o Pacaembu era um campo neutro e por isso aqui não podia ser efetuado o jogo Chile-Brasil!

Zezé Moreira, numa entrevista a este jornal, afirmou que atualmente o futebol em São Paulo é o maior do Brasil.

No selecionado brasileiro há sete jogadores paulistas e apenas quatro cariocas. Estes fatos, agudos e cortantes, vivem no subconsciente do carioca. Daí o recalque. Daí a inquietude e a neurose. Daí a vaia. [...]

Mas São Paulo aplaude e estimula os jogadores brasileiros. Esta grande terra, que, há quatrocentos anos, enrique a pátria comum, com amor, com terra conquistada pelos bandeirantes, com cultura, com sacrifício, com dedicação, e, com os recursos econômicos que distribui para todos, esta grande e magnífica terra que, podendo ser orgulhosa, é apenas filantrópica, daqui do planalto, envia aos nossos jogadores a mensagem da fé e a certeza da nossa vitória.

Vemos, na fala do cronista, duas características marcantes d'*AGE*. A primeira são as acusações de bairrismo supostamente realizadas pela imprensa carioca, que estaria destratando, junto da torcida do Rio de Janeiro, a Seleção Brasileira pelo fato desta ser formada em sua maioria por jogadores de clubes paulistas. A segunda ser a ideia de que São Paulo era o estado que guiaria o Brasil no caminho do progresso a partir do trabalho e de sua força econômica e cultural.

No dia 24 de março, após a vitória brasileira no Maracanã contra o Paraguai por 4 a 1, outro texto de Paulo de Godoy chama a atenção. Ainda que utilizando uma linguagem menos bélica e patriótica, podemos destacar o fato de o cronista relatar a ida de uma grande quantidade de torcedores paulistas ao Rio de Janeiro para acompanhar a partida. Sobre isso, o autor afirma que esta “era a vocação de São Paulo: lutar pelo Brasil!”¹¹⁵. Como já vimos anteriormente, os embates entre paulistas e cariocas eram muito marcantes na imprensa esportiva, principalmente pelo lado d'*AGE*. Assim, tratando-se de um confronto de grande importância para a ida da Seleção Brasileira ao mundial da Suíça, era fundamental que fosse marcada pelo jornal a presença dos torcedores de São Paulo no evento, ainda que ele ocorresse no Rio de Janeiro. É interessante notar também que o carioca *JS* deu grande destaque ao público paulista que se deslocou em massa ao Rio de Janeiro, como mostra o texto “A torcida paulista com o selecionado”, no dia 19 de março¹¹⁶.

¹¹⁵ *A Gazeta Esportiva*, “Vitória! Quem veio buscar lâ saiu tosqueado...”, 24 de março de 1954, nº 8726, p. 2.

¹¹⁶ *Jornal dos Sports*, “A torcida paulista com o selecionado”, 19 de março de 1954, nº 7530, p. 8.

Já muitos dias após os jogos eliminatórios, José Brígido trouxe um dado de exaltação ao futebol paulista n'*AGE* de 15 de abril¹¹⁷, ao lembrar que os sete gols marcados pela Seleção nas eliminatórias foram feitos por jogadores que atuavam em São Paulo. Ainda que tenha afirmado que tal dado não desmerece os jogadores que atuavam em outras praças, parece óbvio que o motivo do levantamento se dá para destacar o estado paulista em relação aos demais, principalmente ao Rio de Janeiro.

A questão da disciplina também foi lembrada por *AGE*, sendo motivo constante de exaltação por parte de seus cronistas, como já vimos anteriormente. Podemos também analisar em texto não assinado do dia 27 de março¹¹⁸, já depois do final dos jogos eliminatórios, como essa exaltação à disciplina passava de certa forma do âmbito esportivo, tornando-se um dever da nação disciplinar os jogadores para que estes alcancem a glória. Na crônica, é dito que da mesma forma que um “menino travesso” deve ser corrigido com castigos, e não com bajulações, assim também deveria ocorrer com a Seleção Brasileira após o desempenho ruim no Campeonato Sul-Americano de 1953, em Lima. E como essa, segundo o texto, foi a postura tanto dos torcedores, mas também da mídia esportiva, a Seleção Brasileira pôde reconquistar sua moral nos embates seguintes, em 1954, de forma briosa e disciplinada.

Além da disciplina, outro sentimento interessante que ganhou destaque n'*AGE* foi a solidariedade entre jogadores e o treinador Zezé Moreira. No dia 1º de abril, a coluna “Meio tempo”¹¹⁹ exaltou os laços de amizade criados entre Zezé e seus atletas, a partir de declarações do jogador Djalma Santos, destacando que a figura do treinador era a antítese do antigo comandante da Seleção Brasileira de 1950, Flávio Costa. Vemos, de diferentes formas e a partir de diferentes características, como se fazia importante a exaltação da figura do treinador, ora como disciplinador e comandante hierárquico, ora como amigo e companheiro de caminhada dos atletas. Outro exemplo que segue a mesma linha se dá no dia 8 de abril, momento em que os atletas estão em preparação na cidade de Caxambu (MG), e *AGE* publica um texto do enviado especial Sebastião Barbosa destacando o ótimo ambiente dentro da Seleção¹²⁰. É interessante que o artigo define a Seleção Brasileira como “uma grande família”¹²¹, e apesar de não citar nenhum atleta da equipe, cita nominalmente o treinador por algumas vezes.

¹¹⁷ *A Gazeta Esportiva*, “Ainda melhorará mais a Seleção”, 15 de abril de 1954, nº 8745, p. 6.

¹¹⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Os benefícios de uma campanha”, 27 de março de 1954, nº 8732, p. 3.

¹¹⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Meio tempo”, 1 de abril de 1954, nº 8733, p. 3.

¹²⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Uma grande ‘família’ a Seleção Brasileira”, 8 de abril de 1954, nº 46, p. 9.

¹²¹ O termo “família” para designar uma equipe de jogadores e sua relação com o treinador continua bastante comum dentro da crônica esportiva brasileira, com destaque claro para a “Família Scolari” formada pelo treinador

A preocupação em mostrar a união da Seleção Brasileira também se fez presente no *JS*. Além de diversos textos que exaltavam a falta de otimismo exagerado em torno da equipe, Mário Júlio Rodrigues publicou uma crônica também no dia 8 de abril que tratava da temática da união. Ao exaltar o espírito de equipe existente entre os atletas brasileiros, ele utilizou o exemplo do jogador Gérson, que defendeu o companheiro Julinho após este levar uma cusparada de um jogador paraguaio:

O pontapé de Gérson em Romerito teve sua significação. Tratava-se, em suma, de um jogador carioca defendendo um jogador paulista. [...] Ninguém ignora, estamos certos, que na maioria das nossas seleções passadas os jogadores se dividiam praticamente em dois blocos: um carioca, outro paulista. Não cedia, nem mesmo na hora de defender o prestígio do football brasileiro, a rivalidade de anos e anos. [...] Desta vez, sim, o “Scratch” brasileiro não é formado de cariocas, paulistas ou gaúchos. A velha frase servindo como uma luva: - São todos brasileiros.¹²²

Zezé é mais uma vez fortemente exaltado pelas suas qualidades éticas por *AGE* no dia 15 de abril, em texto de Paulo de Godoy¹²³. Ao negar a convocação de jogadores pedidos por diretores da CBD, o cronista afirma que o treinador ensina uma lição de moral aos dirigentes e treinadores do futebol brasileiro, e é exaltado que este salvou “a ética, a moral e a disciplina”. Ao fim do texto, porém, um outro comentário do cronista chama a atenção. Ele relata que Zezé aceitou mudar o horário do treino a pedido de um padre para que este pudesse assisti-lo. E nesse momento, a exaltação vai para o lado humano de Zezé Moreira, que atendeu à solicitação, destacando a importância de se pesar o lado racional e o lado emocional ao tomar decisões.

O papel social do futebol também foi tema d’*AGE* nesse período de preparação para a Copa. Primeiramente, porém, sem ter a ver diretamente com a Seleção Brasileira, e sim com a data de 2 de maio de 1954, no qual seria celebrado os 60 anos da introdução do futebol em São Paulo por Charles Miller¹²⁴. Na coluna “Bom dia” do dia 23 de abril¹²⁵, o jornal debate a função do futebol na sociedade brasileira, definindo-a como o entretenimento que daria vazão

Luís Felipe Scolari em 2002 na conquista do pentacampeonato mundial da Seleção Brasileira. É muito comum também vermos o termo “paizão” e similares para definir a relação de treinadores e seus comandados.

¹²² *Jornal dos Sports*, “Espírito de Equipe”, 8 de abril de 1954, nº 7547, p. 5.

¹²³ *A Gazeta Esportiva*, 15 de abril de 1954, “E Zezé disse não!”, nº 8745, p. 2.

¹²⁴ O debate sobre o pioneirismo de Charles Miller na introdução do futebol ao Brasil já é bastante extenso e possui uma compreensão clara de que, apesar da importância que este possui na disseminação e institucionalização do futebol, principalmente em São Paulo, a prática do jogo de futebol já acontecia no Brasil, em diferentes lugares, no momento de seu retorno ao país. Podemos ver a figura de Charles Miller, assim como de outros indivíduos considerados pioneiros por trazer o futebol para o Brasil, uma espécie de mito de origem da prática corporal e esportiva. Sobre o assunto, recomendamos Giglio (2007) e Melo (2020).

¹²⁵ *A Gazeta Esportiva*, 23 de abril de 1954, “Bom dia”, nº 8750, p. 2.

à força das massas, o circo da expressão romana do “pão e circo”, afirmando ainda que seu papel ganhava ainda mais importância numa sociedade desigual de pouco pão¹²⁶.

4.2 A Copa do Mundo de 1954: “raças” e patriotismo em disputa

O debate sobre as raças e sua influência na sociedade e no futebol estava posto também na cobertura da imprensa na Copa de 1954. Na edição do dia 16 de junho do *JS*, Geraldo Romualdo da Silva repercute uma avaliação do jornal suíço *Semanaire Esportive* que classificou as seleções participantes da Copa do Mundo segundo diferentes quesitos para definir qual seria a maior candidata ao título. Um desses quesitos era o de “qualidade moral”, no qual eram avaliadas as diferentes raças presentes nas seleções e suas supostas qualidades morais inatas, ainda que não seja explicada, na publicação, quais seriam essas qualidades e critérios. Nesse quesito o Brasil ficou em último lugar. Na mesma edição do jornal, João Lyra Filho publica um protesto ao semanário suíço¹²⁷.

O assunto retorna à pauta na crônica de Manuel Vargas Netto intitulada “E os deuses tremeram”, no dia 23 de junho. Vargas Netto afirma que todos os jornais suíços, ainda que reconheçam a qualidade dos jogadores brasileiros, insinuam que falta “força moral” para lutar contra as dificuldades que enfrentariam na sequência da competição. O cronista, então, responde que tais colocações são infundadas afirmando: “a nossa mistura de raças, que, aliás, é uma característica de toda a América, não nos incapacita para nada, ao contrário, nos abre as maiores possibilidades e nos afasta dos perigos da degenerascencia, do refinamento definhante”¹²⁸.

A suposta relação entre as questões raciais e de estilo de jogo ganharam grande protagonismo no *JS* no dia 27 de junho, dia do jogo Brasil e Hungria. Everaldo Lopes escreve um longo texto intitulado “Brasileiros e Húngaros: Dois estilos, duas escolas, duas raças” no qual ele faz uma grande exortação à partida que ocorreria naquele dia, elogiando as equipes e

¹²⁶ A ideia do futebol como parte da política de “pão e circo” ou como “o ópio do povo” era muito difundida tanto no ambiente acadêmico como também na cultura popular. O futebol, como uma atividade cultural extremamente popular, foi diversas vezes utilizado por governantes de diferentes correntes políticas para se aproximar da população e conquistar capital político. Porém, entender o futebol como simplesmente uma forma de “enganar” ou “entorpecer” uma população acaba tirando dessa expressão cultural também o seu potencial questionador das contrariedades sociais. Para um debate mais aprofundado sobre essas relações, ver Giglio (2007).

¹²⁷ *Jornal dos Sports*, “Protestou o ministro Lyra Filho contra o ‘Semanaire Esportive’!”, 16 de junho de 1954, nº 7603, p. 8.

¹²⁸ *Jornal dos Sports*, “A crônica de Vargas Netto”, 23 de junho de 1954, nº 7609, p. 5.

todo o clima que estava instaurado, numa demonstração de confiança do povo brasileiro em relação a Seleção Brasileira e vice-versa. Em uma parte, Everaldo Lopes escreve:

A fama dos brasileiros nos vários países deste mundo resulta das palavras elogiosas tecidas pela imprensa mundial em torno das grandes qualidades técnicas dos nossos cracks da alta classe dos nossos jogadores praticando um football vistoso e viril, rápido e impressionante pela mobilidade e pelo artificialismo das improvisações com artes de malabaristas. Os húngaros atuam dentro da velha escola, os brasileiros sob os princípios de uma escola nova moderna pelo estilo e pelo colorido cheio de nuances. E o match anunciado para a tarde de amanhã, domingo, em Berna, será o confronto de duas escolas, de dois estilos e de duas raças.¹²⁹

O debate racial é menos extenso em *AGE* se comparado ao *JS*. A proximidade do jogo contra a Hungria, porém, mostrou-se um momento oportuno para que este fosse posto. Como afirmamos anteriormente, a ideia *paulistanista* de *AGE* pensava na brasilidade a partir da ideia da mistura dos diferentes povos que haviam chegado a São Paulo nas décadas anteriores em substituição da mão de obra escravizada, diferente da brasilidade do *JS*, pautada na miscigenação do branco e do negro. Em crônica de 23 de junho de 1954, Estefanio dos Santos Midões escreve:

Bom é não nos esquecermos que os onze componentes do quadro do nosso selecionado é gente de fibra inquebrável, que traz na alma a cruz da fé dos Cruzados lusos e no sangue as ardências do sol brasileiro. Com duas bandeiras irmanadas, distendidas sobre suas cabeças, e com a vontade que não cede nunca - O Brasil vencerá, para maior glória da raça!¹³⁰

Para além do debate racial, o nacionalismo e o patriotismo se mostraram temas relevantes em *AGE* e no *JS*. Ainda na fase das eliminatórias para a Copa, a questão patriótica é celebrada por Paulo Falcão e Angelo Gomes, enviados do *JS* para o jogo entre Brasil e Paraguai realizado em Assunção. Em artigo publicado no dia 7 de março, dia da partida, os jornalistas afirmavam que os jogadores prometiam o máximo esforço pela vitória e tinham a “pátria distante” em pensamento. Além disso, também afirmavam que os atletas brasileiros eram profissionais que “levarão para a cancha a alma de amadores”¹³¹. É interessante notarmos essa referência ao amadorismo como algo espiritualoso, no qual ser amador é também ser um

¹²⁹ *Jornal dos Sports*, “Brasileiros e Húngaros: duas escolas, dois estilos, duas raças” 27 de junho de 1954, nº 7613, p. 12.

¹³⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Para a glória da raça o Brasil vencerá!”, 23 de junho de 1954, nº 8803, p. 5.

¹³¹ *Jornal dos Sports*, “Entoarão nossos craques o hino nacional no estádio do Libertad”, 7 de março de 1954, nº 7520, p. 6.

defensor do espírito esportivo, na figura do *sportsman*, que não jogava para obter ganhos pessoais, e sim pela sua própria honra.

Após a vitória contra o Paraguai por 1 a 0, na crônica já anteriormente citada “O banquete da vitória”, de Mário Júlio Rodrigues, o cronista afirma que seria também dever da imprensa apoiar a Seleção e o treinador Zezé Moreira, sendo esse um dever patriótico, evitando tecer críticas a ambos, ainda que a crítica fosse o principal papel da imprensa¹³². Simbolizando a importância da partida para a Nação, foram exaltadas também a recepção em São Paulo e no Rio de Janeiro da torcida aos jogadores da seleção na capa do jornal¹³³. É interessante notar como temas como “ordem” e “disciplina” são sempre exaltados nos textos em relação ao comportamento da torcida, como podemos ver em texto não assinado do *JS* celebrando o retorno dos jogadores após a vitória no Paraguai: “A cada crack que surgia, o seu nome era ovacionado pela torcida. Lá fora, uma forte patrulha da Aeronáutica fazia o policiamento, aliás com muita organização e o público sempre ordeiro acatava as ordens das autoridades”¹³⁴.

Já em 16 de junho, a capa de *AGE* estampava a fala de João Lyra Filho aos jogadores brasileiros, que dizia “Lembrem-se da nossa bandeira. Olhem as cores que vocês terão que defender com galhardia dentro da “canha”, honrando a nossa Pátria”, fala essa que foi chamada de “vibrantes palavras do chefe da delegação” pelo jornal¹³⁵.

Com o início da competição, o patriotismo brasileiro segue sendo de grande importância para o jornal. Em crônica no dia 18 de junho, *AGE* coloca também o futebol como um agente importante para o país por conseguir fazer o povo esquecer dos problemas que porventura esteja passando:

O futebol, mais uma vez, fez o povo esquecer todas as agruras por que vem passando nesses últimos tempos. Foram esquecidas as dificuldades em que se debate o brasileiro que, ao contrário daquilo que andou dizendo um cronista estrangeiro, possui ânimo forte, a certeza de quem sabe o que quer. O espetáculo a que se assistiu anteontem em toda São Paulo - e em todo o Brasil foi assim - diz bem da grandeza patriótica de um povo.¹³⁶

Ainda antes da partida contra a Hungria, a preocupação com as questões psicológicas do povo brasileiro já eram motivo de análise de *AGE*. Em 24 de junho, o jornal

¹³² *Jornal dos Sports*, 9 de março de 1954, “O banquete da vitória”, nº 7521, p. 5.

¹³³ *Jornal dos Sports*, 9 de março de 1954, nº 7521, capa.

¹³⁴ *Jornal dos Sports*, 9 de março de 1954, “Fibra e amor próprio os fatores do triunfo!”, nº 7521, p. 6.

¹³⁵ *A Gazeta Esportiva*, “Lembrem-se da nossa bandeira”, 16 de junho de 1954, nº 8796, capa.

¹³⁶ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 18 de junho de 1954, nº 8798, p. 2.

chama a atenção de que é papel da imprensa criar um clima favorável e menos pessimista para o jogo das quartas de final, e que a falta de calma, não do selecionado em si, mas do povo brasileiro, da imprensa, enfim, do “país” Brasil, pode ser um grande motivo de fracasso da Seleção¹³⁷. Na véspera do embate, um novo texto chama a atenção no mesmo sentido, afirmando que a equipe que tivesse o melhor preparo psicológico seria a vencedora¹³⁸.

Costa et al. (2014) ao analisarem as publicações dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* relacionadas a “Batalha de Berna”, como ficou conhecido o jogo Hungria 4 x 2 Brasil, destacam elementos que em muito se aproximam das visões d’*AGE* e do *JS*, que serão bastante detalhadas adiante. Destaca-se o fato de, ainda antes da partida, como temos visto, o embate ser encarado como um confronto entre os estilos brasileiro e europeu. Isso relaciona-se tanto do ponto de vista do jogo (técnica e individualidade x tática e coletividade, por exemplo), como também do ponto de vista psicológico, no qual o embate se dava por conta da “fragilidade da vontade do homem brasileiro” em relação ao europeu, visto como mais disciplinado e menos suscetível a tais desequilíbrios emocionais (COSTA et al., 2014). Vemos, por conta disso, um grande esforço durante a Copa do Mundo de exaltação ao jogador brasileiro por parte da imprensa, e, por consequência, ao homem brasileiro, cumprindo o dever patriótico que é dado aos veículos de comunicação nesses momentos de Mundial.

4.3 Hungria 4x2 Brasil: Os debates psicológicos

Após o fracasso frente a Hungria, as tentativas de explicação da derrota extrapolaram o campo de jogo. As justificativas psicológicas e comportamentais tomaram conta das crônicas, sendo que o nervosismo dos brasileiros durante a partida foi considerado uma das principais causas da derrota. Mário Filho, que durante toda a competição ainda não havia escrito crônicas no diário, faz uma comparação com os uruguaios, numa atualização do “complexo de vira-latas” de seu irmão Nelson Rodrigues, afirmando que enquanto os uruguaios jogavam sem se preocupar com os outros, os brasileiros se preocupavam em como os europeus iriam olhá-los¹³⁹. A partir da derrota brasileira, o confronto entre Uruguai e Hungria passa a ser visto como o novo “nós *versus* eles”: agora, sul-americanos contra europeus, não apenas pelo *JS*, mas também por *AGE*¹⁴⁰.

¹³⁷ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 24 de junho de 1954, nº 8804, p. 2.

¹³⁸ *A Gazeta Esportiva*, “A vitória será nossa”, 26 de junho de 1954, nº 8806, p. 5.

¹³⁹ *Jornal dos Sports*, “Meter ou não meter o pé (e o braço): eis a questão”, 30 de junho de 1954, nº 7615, p. 5.

¹⁴⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Uruguai x Hungria”, 29 de junho de 1954, nº 8809, p. 2.

A derrota para a Hungria, é claro, continuou sendo tema de crônicas por dias a fio no *JS*. Mário Filho, em 1º de julho, analisava que os jogadores brasileiros tinham seu desempenho atrapalhado pelo próprio povo brasileiro, que não sabia o que realmente queria da Seleção Brasileira, numa certa crise de identidade. Para ele, os torcedores apenas definiam seus desejos após os resultados e, dessa forma, eles nunca satisfaziam os torcedores. Mário Filho reclamava que, por vezes, os brasileiros exigiam que os jogadores se comportassem como verdadeiros *gentlemen* para agradar os europeus, e não revidassem as possíveis agressões sofridas; outras vezes, que jogassem revidando os bofetões e pontapés, como os uruguaiois. As vitórias magras não contentavam o povo, apenas as goleadas; após não conseguir nem a vitória magra, aí ela passava a contentar; mesmo o empate que daria o título mundial para o Brasil na Copa de 1950 apenas foi considerado um placar aceitável quando a derrota já se encaminhava. Para Mário Filho, ao sempre exigir diferentes posturas dos jogadores brasileiros, e ao parecer que seus esforços eram sempre insuficientes, a torcida brasileira atrapalhava emocionalmente a Seleção Brasileira¹⁴¹.

Em *AGE*¹⁴², a discussão psicológica relacionada aos jogadores e esportistas no geral também se fez presente, com críticas ao emocional dos atletas. No dia 13 de julho, na coluna “Bom dia”, o jornal repercute uma fala do treinador Aymoré Moreira¹⁴³ na qual ele afirma que os jogadores brasileiros são adeptos a diferentes tipos de superstições, fato que demonstraria a fraqueza espiritual dos atletas. No mesmo dia, José Brígido também escreve um texto relacionado a fraqueza psicológica do esporte brasileiro, extrapolando tal característica a todo o país. O cronista escreve:

A falta de jogadores bons é consequência da política comodista dos clubes, que não querem lutar para reformar nossos costumes esportivos. [...] No fundo, essas acontecem porque há deficiência de educação moral. Ninguém quer ser posto pra trás, todos querem ser espertos e cada qual procura dar primeiro o golpe, antes que seja golpeado. Essa mentalidade acanhada e rasteira tem sido a desgraça, não apenas do esporte, do futebol particularmente, mas do próprio país.¹⁴⁴

Com relação ao debate emocional, um outro texto d’*AGE* se mostra bastante pertinente. Publicado no dia 17 de agosto, a crônica faz uma análise psicológica do jogador

¹⁴¹ *Jornal dos Sports*, “Continuamos a ser os mesmos”, 1 de julho de 1954, nº 7616, p. 7.

¹⁴² *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 13 de julho de 1954, nº 8821, p. 2.

¹⁴³ Aymoré Moreira era irmão de Zezé Moreira, e se tornaria, em 1962, o treinador bicampeão do mundo com a Seleção Brasileira.

¹⁴⁴ *A Gazeta Esportiva*, “Envolver para não deperecer”, 13 de julho de 1954, nº 8821, p. 2.

brasileiro, apontando quais seriam os principais fatores que necessitavam de mudanças e levando o debate para a questão educacional do jogador:

Precisamos de aprender e seguir a norma de respeitar todos os adversários, grandes ou pequenos, fortes ou fracos, sem nos espantarmos com os grandes ou fortes, sem zombarmos dos pequenos ou fracos. Uma vez convenientemente preparados física, técnica e psicologicamente, devemos ter o necessário autocontrole para enfrentar com coragem serena as lutas que nos aguardam. Não se compreende que profissionais, isto é, homens que vivem do futebol, outra coisa não fazem, entre em campo com as pernas bambas, vítimas de tremuras nervosas, como se fossem novatos, jogadores primários, estreantes. Não basta ser craque por excessiva generosidade de cronistas habituados à hipertrofia dos elogios. É preciso que cada qual se mantenha senhor de si, para que possa dar à equipe todos os seus esforços, físicos e mentais. Perder não desonra, quando se luta decente e bravamente. Do mesmo modo, só a vitória digna, sem fraudes, sem artifícios, sem recursos inferiores, pode glorificar o vencedor. Em suma, o maior problema do nosso futebol é a educação. Elevar o nível intelectual dos jogadores, plasmar sua personalidade em condições tais que eles possam aprender a exercer o autodomínio, educa-los no sentido de encarar a profissão que adotaram seriamente, sem posições falsas e perigosas.¹⁴⁵

4.4 Hungria 4x2 Brasil: As outras explicações

O *JS* fez um verdadeiro esforço para não atribuir aos jogadores brasileiros o peso da derrota e eliminação. Em 1º de julho, o jornal apelava aos leitores que fossem ao aeroporto do Galeão recepcionar com simpatia a delegação brasileira. O *JS* afirmava que o desempenho da Seleção havia sido louvável, demonstrando espírito de luta, coragem e fibra, e apenas fora derrotada por enfrentar um grande adversário e um árbitro tendencioso, sendo esta também uma forma de justificar a derrota a partir de algo externo a Seleção Brasileira. Mais do que isso, segundo o jornal, a Seleção havia cumprido um grande papel para o país, mostrando bons valores do Brasil para os outros países¹⁴⁶. No dia seguinte, Zé de São Januário¹⁴⁷ em sua coluna “Uma pedrinha na shooteira” também tirava a responsabilidade da derrota das costas dos jogadores, tendo posição próxima a de Mário Filho, afirmando que os jogadores eram vítimas do ambiente de obrigação de vitória a que eram submetidos¹⁴⁸.

¹⁴⁵ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 17 de agosto de 1954, nº 8850, p. 2.

¹⁴⁶ *Jornal dos Sports*, “Recebamos com simpatia a delegação brasileira”, 1 de julho de 1954, nº 7616, p. 10.

¹⁴⁷ Pseudônimo utilizado pelo cronista Álvaro do Nascimento.

¹⁴⁸ *Jornal dos Sports*, “Uma pedrinha na shooteira”, 2 de julho de 1954, nº 7617, p. 4.

Por parte de *AGE*, a arbitragem e violência húngara também foram destacadas inicialmente como as causas da derrota¹⁴⁹. Assim como no *JS*, os jogadores foram poupados da culpa pela derrota, ainda que as publicações criticassem o baixo desempenho do início do jogo, porém com o espírito de luta na busca pelo empate sendo constantemente exaltado¹⁵⁰.

AGE busca, então, compreender a derrota brasileira como uma disputa maior entre europeus e sul-americanos, que extrapola completamente o campo de jogo. Em crônicas nos dias 30 de junho e 1º de julho, o jornal publicou:

Denunciada que está a existência de uma autêntica “quadrilha” na Europa, agindo contra o futebol sulamericano, é fácil entender que os últimos acontecimentos de Berna obedeceram a planos adrede preparados e de cujo êxito resultaria na eliminação do Brasil, como poderá resultar a eliminação do Uruguai, esta tarde. Tudo porque os esportes, nestes últimos anos, vêm desempenhando uma função preponderante no quadro social do mundo.

Trata-se de uma ciência chamada eugenia... que neste último quartel de século, graças à atenção que lhe dispensaram investigadores médicos como Kocher e tantos outros, vem empolgando as várias civilizações que disputam entre si não mais a hegemonia especial da cultura ou da técnica, da inteligência ou das artes, mas a hegemonia geral, através da raça.

Começa aqui, neste pequeno e quase despercebido sentimento de posse, a importância dos esportes na nova classificação dos povos.¹⁵¹

Hoje em dia, graças a esta nova concepção de força hegemônica, todas as competições onde os competidores devem conjugar seu raciocínio aos seus músculos (como no caso em apreço), ganham certa importância política que não possuíam antes. Assim, a Europa, ou mais particularmente a Hungria (e por que não a Rússia?), sentir-se-ia abalada duramente se um campeonato mundial de qualquer coisa fosse vencido por um país de outra área que não a sua.

[...]

No entanto, ao se entregarem os europeus a essa triste missão de obterem para si o “primeiro lugar” de qualquer jeito no campo dos músculos, portanto da matéria, esquecem-se de que simultaneamente e consequentemente vão perdendo a nosso favor aquele outro campeonato do qual eles foram sempre os líderes, e que é o da “civilização integral” propriamente dita¹⁵².

O texto publicado em *AGE* traz a análise de que este confronto entre europeus e sul-americanos se dava mais nos campos sociais e geopolíticos do que no campo de futebol propriamente dito. É interessante como o cronista traz a ideia de “eugenia”¹⁵³, afirmando tratar-

¹⁴⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Hungria 4x2 Brasil”, “Banditismo de Puskas”, “Os húngaros responderam com pontapés nossa técnica”, “Revolta contra a arbitragem de Ellis” e “Thomaz Mazzoni viu o jogo assim”, 28 de junho de 1954, nº 8808, páginas diversas.

¹⁵⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Nossos jogadores cumpriram seu dever”, 28 de junho de 1954, nº 8808, p. 24.

¹⁵¹ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia: Brasil x Hungria (1)”, 30 de junho de 1954, nº 8810, p. 2.

¹⁵² *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia: Brasil x Hungria (2)”, 1º de julho de 1954, nº 8811, p. 2.

¹⁵³ Podemos definir o conceito de “Eugenia”, de forma simples, como a busca pelo desenvolvimento de uma população a partir da seleção de determinadas características, muitas vezes físicas ou raciais. Um exemplo dessa

se de uma disputa política internacional na qual os europeus, grandes potências mundiais, não poderiam ser derrotadas por outras nações, como a brasileira. Ainda que pareça contraditório, estas publicações vão ao encontro da concepção estadonovista do esporte como uma forma de construção e propagação de uma raça una e forte que constitui a Pátria, como afirma Drumond (2008), anteriormente citado. É oportuno lembrar que o Conselho Nacional de Desportos, criado durante o Estado Novo, continuava existindo e regulamentando o esporte em 1954, e que Thomaz Mazzoni teve influência importante em sua criação. Por mais que o Estado Novo tenha terminado em 1945, não há nos governos seguintes, seja por parte de Eurico Gaspar Dutra ou mesmo por Getúlio Vargas, uma ruptura com tais ideais no campo esportivo.

Também merece destaque o fato de o cronista ter citado em sua crônica, além da Hungria, especificamente a Rússia como um país que também poderia lançar mão de tal artifício, mesmo sem o país, ou mesmo a União Soviética, ter participado da Copa. Precisamos lembrar de que vivíamos nos anos de 1950 a chamada Guerra Fria entre países capitalistas e comunistas, como é o caso dos países citados, e que *AGE* inúmeras vezes se posicionou com críticas aos países do bloco liderado pela União Soviética. Ainda assim, dos 16 países presentes na Copa do Mundo, apenas três adotavam o comunismo como seu regime político e social (Hungria, Iugoslávia e Tchecoslováquia), e podemos dizer que nenhum destes eram países politicamente dominantes nos quadros da FIFA.

Na busca pelos motivos da derrota, Geraldo Romualdo da Silva traz uma visão interessante, que se distancia das visões mais adotadas no período, inclusive no próprio *JS*, de que o futebol e a seleção brasileira deviam servir e se inspirar em eventos maiores, patrióticos e nacionalistas. Vemos, com base neste e em outros textos de diferentes cronistas, como o *JS* se apresentava com um ambiente em que conviviam divergências de opiniões sobre diversos assuntos, como no caso da derrota brasileira, em que diversas visões foram exploradas e discutidas pela equipe do diário. Na crônica “A vitória da derrota” de 2 de julho, o jornalista afirma:

[...] não adianta e nem é compreensível que se misture football (“foot”-pé; “ball”-bola) com interesses superiores e tradições da Pátria superiormente mais elevados e mais respeitáveis. Football é esporte. Esporte é competição. Competição é duelo de capacidades musculares. Nada mais¹⁵⁴.

política seria a proibição de casamentos de pessoas de diferentes grupos étnicos, afim de se manter uma “pureza” racial.

¹⁵⁴ *Jornal dos Sports*, “A vitória da derrota”, 2 de julho de 1954, nº 7617, p. 5.

Essa visão é posteriormente compartilhada com Zé de São Januário, que critica a inflamação patriótica como necessária para o sucesso na Copa do Mundo. O cronista afirma, após a vitória alemã frente a Hungria na final da competição:

O técnico alemão disse aos seus jogadores antes do jogo: “vamos para o campo da luta jogar o que sabemos, sem preocupação de triunfo a qualquer preço. Desejamos apenas dignificar o football alemão”. Não houve discursos patrióticos nem frases empoladas, coisas que o esporte não comporta. A equipe alemã pisou o gramado calma, confiante, sem o peso da responsabilidade. A representação do football alemão é hoje campeã do mundo. Tudo está acabado. A nação alemã nada ganhou com isso¹⁵⁵.

É necessário debater, porém, o contexto existente na sociedade alemã acerca do sentimento patriótico e dos símbolos nacionais em 1954. Segundo Cornelsen (2012), a Alemanha Ocidental ainda redefinia internamente sua própria simbologia e ideia de Nação após o fim da Segunda Guerra Mundial e queda do nazismo. Como demonstra o autor, convencionou-se a considerar o título mundial alemão como uma espécie de renascimento do país em relação à comunidade internacional, sendo uma oportunidade de festa para a população, ainda que sem transformar aquele momento numa grande celebração nacionalista. A população alemã recebeu os campeões mundiais em grande número em seu retorno à Munique, mas sem grandes símbolos que remetessem a pátria. (CORNELSEN, 2012, p. 83 – 84).

O retorno do selecionado à Alemanha foi notícia no *JS*, que afirmou que houve entusiasmasdas recepções à delegação nas cidades em que o trem com os atletas passava, com direito a discursos de prefeitos e dirigentes esportivos locais, e grande comoção na cidade de Lindau, destino final do trem na qual os atletas passariam a noite antes da continuação da viagem à Munique, e que estava ornamentada para a recepção, além de ter sido decretado feriado escolar para que as crianças pudessem prestigiar os campeões¹⁵⁶.

Entretanto, ainda segundo o autor, o mito do “Milagre de Berna” como renascimento político da nação foi uma construção posterior ao fato, haja visto que não apenas não houve representação oficial do governo alemão na partida final da competição, tampouco nos jogos das fases anteriores, como os jornais alemães também não deram grande destaque ao título mundial, não sendo manchete de capa das publicações do país no dia 5 de julho. Esses

¹⁵⁵ *Jornal dos Sports*, “Uma pedrinha na shooteira”, 6 de julho de 1954, nº 7620, p. 4.

¹⁵⁶ *Jornal dos Sports*, “Festivamente recebidos os campeões do mundo”, 7 de julho de 1954, nº 7621, p. 6.

fatores apontam para “a dificuldade que deve ter sido lidar com os sentimentos e os símbolos nacionais na Alemanha Ocidental, nas primeiras décadas do pós-guerra, seja por políticos, seja pela imprensa e, sobretudo, pela população” (CORNELSEN, 2012, p. 84 – 85).

Voltando ao terreno brasileiro, Everaldo Lopes, já após o término da Copa do Mundo, ao continuar na busca das explicações para a derrota brasileira nas quartas de final, também questiona os discursos patrióticos inflamados que aconteceram antes do jogo contra a Hungria:

Confundiu-se pátria, brio patriótico, com esporte. Quando uma e outra coisa são totalmente diversas. Os jogadores pois partindo para a peleja como se fosse para a guerra. Rangendo os dentes. Para depois, na hora da realidade do match, verificar-se aquilo que se verificou. Uma completa inibição. Porque a coisa era apenas football e não guerra.¹⁵⁷

O debate relativo ao patriotismo tem ainda um texto muito interessante publicado n’*AGE* e que merece ser destacado. Já em 21 de agosto, uma crônica não assinada repercute a fala de um correspondente português radicado no Brasil que afirmava que os brasileiros exageravam nas exaltações bélicas e patrióticas ao falarem sobre futebol, quando deviam falar apenas daquilo que o futebol realmente é: um jogo. O cronista d’*AGE* rebate a fala, afirmando que a exaltação patriótica se dá muito mais por parte dos europeus do que por parte de brasileiros ou sul-americanos no geral, redigindo diversos exemplos que provariam seu ponto de vista. No fim do texto, o cronista afirma:

Nós, na América do Sul, suprimimos há já 20 anos as cores nacionais das camisas, proibimos os hinos e outros aspectos nacionalistas, e os europeus nos obrigaram a voltar atrás. Pois bem, assim mesmo nos atiram hipocritamente a culpa de misturar guerra, pátria, com futebol! Incrível! Eles lá dizem que a derrota no futebol humilharia seu país, causaria vergonha à colônia, e nós é que somos taxados de “jogar por patriotismo”!¹⁵⁸

Já no dia 24, mais uma notícia debate a relação entre patriotismo e futebol, com a divulgação de informações do relatório elaborado por João Lyra Filho sobre a Copa do Mundo. Segundo tais informações, o dirigente também reprovava a visão patriótica pela qual o futebol

¹⁵⁷ *Jornal dos Sports*, “Em má hora abriram-se as portas de Macolin”, 14 de julho de 1954, nº 7627, p. 5.

¹⁵⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Nós é que misturamos pátrias e bandeiras com futebol”, 21 de agosto de 1954, nº 8854, p. 3.

era observado, sugerindo inclusive que a Seleção deixasse de jogar com o uniforme amarelo, que recentemente havia estreado, por este remeter à bandeira nacional¹⁵⁹.

Esse movimento de descolamento da exaltação patriótica, tantas vezes manifestada antes e durante a Copa do Mundo, mostra-se um dos mais interessantes exemplos de mudança de chave por conta dos resultados obtidos que encontramos no trabalho. A conquista da Copa do Mundo, sem nenhuma sombra de dúvida, seria tratada como uma grande vitória da Nação, do povo brasileiro, de todo o projeto político nacional, como efetivamente o foi nas conquistas mundiais que se sucederam a partir de 1958. A derrota, porém, não pode ser encarada como a derrota do país. Afinal, no fim das contas, trata-se apenas de um jogo.

Após a derrota uruguaia e a final definida entre as duas seleções europeias, estava claro para o *JS* que a organização e o trabalho haviam vencido o imprevisto e a inspiração, independentemente do vencedor final. As buscas, então, pelos motivos da derrota brasileira continuaram, e invariavelmente chegavam em Arthur Ellis, o árbitro na derrota brasileira¹⁶⁰. Mário Júlio Rodrigues, em 4 de julho, dia da final, escreveu que a Seleção Brasileira fez a “África”. Em seu texto, podemos inferir que “fazer a *África*” seja algo como perder sem merecer, ou perder devido a um fator externo, no caso, o árbitro. O cronista escreve: “fizemos mesmo uma “África”. Absoluta e completa. Perdendo como perdemos. No apito”¹⁶¹. Não é possível ter com total exatidão como a comparação entre o continente africano e a situação define tal expressão, mas podemos conceber que se trata de algo ruim, injusto e, de certa forma, inferiorizado.

Para Florenzano, as análises da imprensa esportiva brasileira que remetem ao continente africano são carregadas de preconceitos e estereótipos, nas quais considera-se que a “África”, no campo esportivo, seja sinônimo de “extravagância estética e desorganização tática, associadas a uma identidade cultural vista como ‘estranha’ à norma europeia do futebol científico” (2018, p. 41). Sobre as análises relativas às seleções do continente africano, o autor prossegue:

Elas podem não reunir o capital futebolístico suficiente para atuar em termos competitivos ou, inversamente, possuir determinados atributos em excesso, mas

¹⁵⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Esporte não deve ser confundido com Pátria”, 24 de agosto de 1954, nº 8856, p. 20 e 8.

¹⁶⁰ Arthur Ellis foi o árbitro inglês que apitou o jogo Brasil 2 x 4 Hungria. Após ser apontado antes da partida pelo *JS* como o melhor árbitro do mundo (*Jornal dos Sports*, 26 e 27 de junho de 1954), foi considerado pelo jornal como o principal responsável pela derrota brasileira.

¹⁶¹ *Jornal dos Sports*, “A África” 4 de julho de 1954, nº 7619, p. 11.

desbaratá-los devido ao uso considerado irracional. Vistas sob o prisma do estereótipo, as “equipes exóticas” definem-se também pela ausência de autocontrole emocional, “patologia” manifestada em graus diversos (FLORENZANO, 2018, p. 42).

Mário Filho, em sua crônica no dia 6 de julho, inclusive recrimina quem busca explicações para além da arbitragem do último jogo brasileiro. Para ele, a torcida brasileira colocava uma pressão exagerada nos jogadores da Seleção, o que fazia com que sua atuação fosse comprometida. Em caso de derrota, logo buscava-se achar os culpados e faziam-se acusações aos jogadores, sem considerar, por exemplo, que o juiz poderia ter prejudicado os jogadores nacionais. O cronista critica, então, os brasileiros que sempre achavam uma forma de menosprezar seus compatriotas, afirmando: “O brasileiro tem um racismo à inversa. Só admira os outros povos para recriminar-se a si mesmo, para acusar-se, para inferiorizar-se, para humilhar-se”¹⁶².

Mário Filho acreditava fortemente que o futebol era um dos responsáveis, se não o maior responsável, pela grande inserção do negro na sociedade brasileira, e acusava que tal comportamento também era vindo das pessoas que não haviam superado o fato da existência do negro como figura de destaque em nossa sociedade, independente de gostar ou não de futebol. Ainda na mesma crônica, referindo-se ao pensamento de tais brasileiros, ele escreve: “Ah! Se o povo tomasse nojo do football, se se recusasse a ir aos campos, acabasse de uma vez com essa praga, que transforma em ídolos uns pretos e mulatos, também uns brancos, mas sem anel no dedo, em ídolos nacionais!”¹⁶³.

Vemos que durante toda a Copa do Mundo e nos dias que a sucedem, o debate relativo ao patriotismo é colocado em primeiro plano pelos jornais. Se, num primeiro momento, a exaltação à pátria é reafirmada como importante questão para ambos os periódicos, após a derrota existe uma mudança de discurso, procurando desvincular o futebol desta concepção, principalmente por parte de cronistas do *JS*, como numa afirmação de que não é a partir do esporte, um “assunto menor”, que a pátria será “honrada”.

Para além do debate patriótico, as discussões sobre as questões psicológicas do povo brasileiro e, mais especificamente como tratado pelos periódicos, da “raça brasileira”, têm

¹⁶² *Jornal dos Sports*, “E ainda querem que o jogador brasileiro não trema”, 6 de julho de 1954, nº 7620, p. 5.

¹⁶³ *Jornal dos Sports*, 6 de julho de 1954, nº 7620.

grande destaque. Há uma tentativa de afirmação da força e fibra moral do povo brasileiro durante a competição, que acaba abalada após a derrota, por mais que haja um grande esforço de ambos os jornais para desvincular dos jogadores o peso da derrota para a Hungria, imputando-a principalmente no árbitro da partida. Ainda assim, a pressão exacerbada do povo brasileiro que se comparava e queria mostrar-se igualmente civilizado em relação ao europeu fazia com que a Seleção Brasileira, segundo os jornais, não conseguisse atingir seu máximo desempenho nos confrontos internacionais.

5 EXTRACAMPO

5.1 As eliminatórias e a preparação para a Copa do Mundo

O período das eliminatórias para a Copa do Mundo não foi de grandes agitações em relação aos fatores extracampo referentes a FIFA e a Seleção Brasileira, mas nem por isso deixamos de notar alguns questionamentos trazidos pelos jornais. Um caso interessante, por exemplo, é a coluna de Giampaoli Pereira no *JS*, intitulada “O selecionado é brasileiro e não cebedense”, referindo-se a CBD, no dia 11 de março de 1954. No texto, escrito durante a preparação para o terceiro jogo da Seleção Brasileira nas eliminatórias, sendo o primeiro jogado no Brasil, o colunista critica o fato de a CBD não permitir a entrada de torcedores no treino da Seleção no Maracanã. Pereira escreve:

E o torcedor argumentou muito bem, afinal. De quem era o estádio? Do povo. Quem havia construído o estádio? O povo. Quem sustentava o estádio e o fazia vibrar nos dias de jogos, à custa de economias forçadas, de privações muitas vezes, de sacrifícios incontáveis? E a resposta só podia ser a mesma: o povo, o torcedor de football, o incansável homem da arquibancada que nunca temera enfrentar sol e chuva para conquistar seu lugarzinho nos degraus de pedra, ou lá em baixo, nas gerais, onde, algumas vezes, como recompensa, ainda recebia um pouco de borrachada amavelmente distribuídas pela nossa simpática e gentil polícia.

[...]

Esquece a CBD, e isso é muito grave, que o Scratch que treinou ontem e treinará outras vezes não lhe pertence mais, provavelmente nunca lhe pertenceu. Pertence ao Brasil, queiram ou não queiram os dirigentes da entidade mater.¹⁶⁴

A crítica, porém, teve resposta no próprio *JS* dias depois. Alfredo Curvello no dia 14 de março, defendeu o a CBD, afirmando que tal questão se deu pela impossibilidade da utilização do estádio de São Januário para o treino, e que era de interesse da CBD aproximar sempre a Seleção do povo brasileiro¹⁶⁵. Este debate entre os cronistas, sendo Curvello um membro destacado da CBD, reafirma não apenas o caráter denunciista *JS*, mas também a pluralidade de ideias e debates do diário, sendo este um espaço de convívio entre jornalistas e figuras importantes dentro da gestão do esporte e do futebol nacional.

Em *AGE*, a primeira crônica mais destacada relacionada ao extracampo acontece no dia 13 de março¹⁶⁶, quando o jornal noticia uma suposta tentativa de Abelard França,

¹⁶⁴ *Jornal dos Sports*, “O selecionado é brasileiro e não cebedense”, 11 de março de 1954, nº 7523, p. 5; 10.

¹⁶⁵ *Jornal dos Sports*, “A grande missão cumprida”, 14 de março de 1954, nº 7526, p. 10.

¹⁶⁶ *A Gazeta Esportiva*, “Si a vontade for a mesma...”, 13 de março de 1954, nº 8717, p. 3.

presidente da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), de levar o jogo entre Brasil e Chile pelas eliminatórias para o Pacaembu ao invés do Maracanã. É interessante observar como tal notícia surge apenas na véspera do confronto, que aconteceu mesmo no Rio de Janeiro, e em nenhum outro momento é citada tal possibilidade n' *AGE*. A explicação dada pelo jornal, na crônica não identificada, é de que foi escolhido não publicar a notícia pois o jornalista havia dado sua palavra de que não o faria. Porém, devido às disputas políticas acirradas entre dirigentes paulistas e cariocas, é bastante difícil imaginar que tal mudança possa ter sido debatida com seriedade.

Um último assunto relacionado ao extracampo que se mostra bastante pertinente ainda no período eliminatório foi escrito na coluna “A crônica internacional”, por Albert Laurence, no *JS* no dia 26 de março¹⁶⁷. Após a vitória brasileira por 4 a 1 contra os paraguaios no jogo final das eliminatórias, o cronista traz um longo texto no qual questiona o fato de os brasileiros estarem sempre buscando culpar agentes externos nos momentos em que a vitória não vem, quase sempre mirando na arbitragem. Laurence destaca que o Brasil é visto com simpatia na Europa, e, portanto, não deve imaginar que existe uma visão de jogadores covardes ou desleais, que faria com que fosse necessário “provar” uma certa valentia que, por vezes, deslança para a violência. Já na parte final do texto, o autor faz um pedido: “Vamos elevar o debate. Vamos afastar os complexos clássicos. Deixar de considerar que o juiz é sempre o ‘culpado’”. O texto de Laurence se mostra interessante não apenas por destacar um fato ainda hoje comum, que são as reclamações exageradas relacionados a arbitragem quando os clubes do coração e a Seleção Brasileira não conquistam seus objetivos, mas também pela arbitragem ter sido peça central nas crônicas de explicação da derrota brasileira na Copa de 1954, que aconteceria meses depois.

O extracampo começa a ter maior destaque nos jornais apenas a partir da finalização das eliminatórias, momento em que passam a ser praticamente diárias as notícias relacionadas aos adversários, datas e locais em que a Seleção Brasileira jogaria antes do embarque para a Suíça. Primeiramente, ambos os jornais noticiam que o Brasil enfrentaria a Seleção Peruana nos dias 21 e 25 de abril, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro¹⁶⁸. Nos dias seguintes, porém, surge a notícia de que São Paulo não poderia receber o jogo no dia 21 de abril pelo fato de já haver compromissos marcados na data no Estádio do Pacaembu. Assim, havia a

¹⁶⁷ *Jornal dos Sports*, “A crônica internacional”, 26 de março de 1954, nº 7536, p. 5 e 2.

¹⁶⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Brasil x Peru no Pacaembu”, 27 de março de 1954, nº 8729, p. 22 e 4; *Jornal dos Sports*, “Traçado o roteiro”, 27 de março de 1954, nº 7537, p. 6.

possibilidade tanto de inverterem as datas dos jogos, como de ambos acontecerem no Rio de Janeiro. Reagindo a essa possibilidade na Seleção não se apresentar em São Paulo antes da Copa, *AGE* reage dizendo: “Como vemos, por qualquer motivo se procura prejudicar a torcida paulista”¹⁶⁹.

No dia 8 de abril, porém, ambos os jornais noticiaram que os peruanos não viriam mais ao Brasil para os amistosos, e que seriam, então, convidados os chilenos¹⁷⁰. Durante o mês de abril, foi também ventilada a vinda da seleção espanhola e da seleção turca para o Brasil, mas nenhuma se concretizou. Apenas em 21 de abril o *JS* noticia que virá a Seleção Colombiana para enfrentar os brasileiros¹⁷¹, confirmação que também será reproduzida por *AGE* no dia 23¹⁷². Esta indefinição de datas e adversários gerou protestos por parte de Mário Júlio Rodrigues no *JS*, que criticou o fato de CBD não se preparar previamente com a escolha de uma equipe para jogar contra a Seleção Brasileira¹⁷³. Em 27 de março, por fim, *AGE* e *JS* publicaram a definição das datas dos amistosos: dia 2 de maio em São Paulo e dia 9 de maio no Rio de Janeiro¹⁷⁴.

Outro assunto debatido pelos periódicos na fase de preparação para a Copa do Mundo é em relação ao custeio da viagem para a Suíça. Segundo os diários, em notícias do dia 1º de abril¹⁷⁵, foi solicitado pela *CBD* uma quantia de cinco milhões de cruzeiros para a tal finalidade, porém houve problemas relativos à documentação requerida pelo CND e pelo Ministério da Educação, que exigia um relatório completo das despesas por parte do CBD. *AGE*, no dia 3 de abril¹⁷⁶, critica Manuel Vargas Netto, então presidente do CND e figura de destaque no cenário esportivo brasileiro e carioca, sendo inclusive cronista do *JS*, por tal imbróglgio, que acabou rapidamente resolvido. Semanas depois, novamente *AGE* faz uma forte crítica em relação ao dirigente, já em outra discussão. Segundo o jornal do dia 21 de abril, a postura de Vargas Netto e do CND era a de prejudicar o futebol paulista em todas as decisões

¹⁶⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Não pode ser!”, 1 de abril de 1954, nº 8733, capa.

¹⁷⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Não virão os peruanos”, 8 de abril de 1954, nº 8739, p. 1 e 8; *Jornal dos Sports*, “Chilenos no lugar dos peruanos”, 8 de abril de 1954, nº 7547, p. 8.

¹⁷¹ *Jornal dos Sports*, “Scratch colombiano para substituir a seleção turca”, 21 de abril de 1954, nº 7557, p. 6.

¹⁷² *A Gazeta Esportiva*, “Aceitaram, em princípio, os colombianos”, 23 de abril de 1954, nº 8750, p. 24 e 8.

¹⁷³ *Jornal dos Sports*, “O que falta ao Scratch”, 22 de abril de 1954, nº 7558, p. 5 e 10.

¹⁷⁴ *A Gazeta Esportiva*, “Esperados dia 30, à noite, nesta capital, os colombianos”, 27 de abril de 1954, nº 8753, capa; *Jornal dos Sports*, “Os colombianos, em São Paulo, à véspera do jogo”, 27 de abril de 1954, nº 7562, p. 6.

¹⁷⁵ *A Gazeta Esportiva*, “Houve esclarecimentos da CBD ao CND”, 1 de abril de 1954, nº 8733, p. 8; *Jornal dos Sports*, “Exige o Ministério a CBD: planificação das despesas”, 1 de abril de 1954, nº 7541, p. 8.

¹⁷⁶ *A Gazeta Esportiva*, “Meio tempo”, 3 de abril de 1954, nº 8734, p. 9.

tomadas pela entidade, e o dirigente teria por São Paulo “uma ojeriza subterrânea, que tenta as vezes disfarçar sem consegui-lo”¹⁷⁷.

Manuel Vargas Neto é uma figura interessante de se acompanhar no período. Se, por um lado, o dirigente era criticado por *AGE* por diferentes motivos, por outro ele era colunista do *JS*, o que fazia com que este tivesse um espaço aberto de defesa de seus interesses. No dia 9 de abril, por exemplo, podemos ler em sua coluna um apelo para que os setores da mídia ajudassem “na defesa dos interesses brasileiros, reforçando a retaguarda pela unificação da frente interna [...], marchando ombro a ombro pela defesa dos interesses desportivos do Brasil”¹⁷⁸.

AGE também entrou em outro embate em defesa dos times paulistas durante a preparação para a Copa do Mundo. No dia 8 de abril¹⁷⁹, o jornal noticiou que a CBD iria intervir no caso dos jogadores do São Paulo Futebol Clube que defendiam a Seleção Brasileira e já não possuíam contrato ativo com o clube. Segundo publicado na edição do dia 9¹⁸⁰, um dos responsáveis pela questão seria o clube carioca Vasco da Gama, que estava oferecendo melhores valores salariais aos jogadores que, por sua vez, acabavam não querendo renovar com o clube paulista. É notório o fato de *AGE* constantemente evocar adversários e inimigos cariocas na suposta defesa do futebol paulista, como o Vasco da Gama nesse caso, e o dirigente Vargas Netto, como já citado.

AGE e *JS* também realizaram críticas diversas a organização da Copa do Mundo, travando uma batalha de “nós *versus* eles” entre brasileiros e sul-americanos contra a FIFA e os europeus. Em 9 e 17 de abril¹⁸¹, por exemplo, *AGE* traz críticas a organização da competição pela taxaço das emissoras de rádio que iriam cobrir o Mundial, já que no Brasil, e ao que parece em toda a América do Sul, as transmissões via rádio eram livres de cobrança por serem públicas. As críticas, nesse sentido, se dão pelo fato de a FIFA não observar as características próprias dos países participantes, impondo o *modo europeu* a todos. O *JS* também criticará a entidade organizadora no dia 10 de abril¹⁸², agora acusando a FIFA de favorecer os europeus ao destinarem muito mais vagas na Copa do Mundo ao continente do que à América. Segundo

¹⁷⁷ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 21 de abril de 1954, nº 8749, p. 2.

¹⁷⁸ *Jornal dos Sports*, “Má propaganda”, 9 de abril de 1954, nº 7548, p. 5.

¹⁷⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Intervirá a CBD no ‘caso’ São Paulo – ‘Scratchmen’ sem contratos”, 8 de abril de 1954, nº 8739, p. 8.

¹⁸⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 9 de abril de 1954, nº 8740, p. 2.

¹⁸¹ *A Gazeta Esportiva*, “Quem quer fazer comércio: o rádio ou a Fifa?”, 9 de abril de 1954, nº 8740, p. 3; *A Gazeta Esportiva*, “A Fifa e as taxas”, 17 de abril de 1954, nº 8746, p. 3.

¹⁸² *Jornal dos Sports*, “Tudo para a Europa”, 10 de abril de 1954, nº 7549, p. 5.

Mário Júlio Rodrigues, a FIFA protegia os europeus tanto ao deixar mais vagas ao continente quanto ao dar a sede da competição também para essa região.

Aproximando-se da viagem para a Suíça, um último assunto chama a atenção dos dois jornais: o tamanho e a escolha dos membros da delegação brasileira que irá para a Suíça. Em *AGE*, no dia 26 de abril¹⁸³, o número de pessoas que farão a viagem é destaque, sendo a delegação brasileira, segundo a notícia, menor que as delegações uruguaia e mexicana. O diário afirma que a CBD é vítima de uma campanha de desinformação por parte do CND, que afirmava que muitos “turistas” iriam para a Suíça as custas da entidade. Vemos, dessa forma, que a briga entre *AGE* e CND se estendeu por tempo bastante considerável. Já por parte do *JS*, o destaque principal se dá em relação aos membros da delegação. No dia 15 de abril¹⁸⁴, o jornal faz uma defesa de que a chefia da delegação deveria caber a João Lyra Filho, cronista do jornal e importante nome da política esportiva e tradicional. Já no dia 25 de abril¹⁸⁵, Alfredo Curvello pede para que Luiz Aranha, ex-presidente da CBD e dirigente carioca, também faça parte da delegação.

5.2 As disputas pelo poder no futebol brasileiro, a busca por maior representatividade perante a FIFA durante a Copa de 1954 e as consequências da derrota

O período de disputa da Copa do Mundo de 1954 foi marcado por importantes disputas de poder tanto de forma interna, dentro das instituições organizacionais do futebol brasileiro, quanto de maneira externa, na qual era pleiteada uma maior influência da CBD nas decisões em relação a Copa e aos rumos da FIFA.

No campo das disputas externas, encontra-se o contexto no qual a FIFA vivia uma fase de expansão de seu tamanho e do número de seus membros. Após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, é iniciado um grande processo de formação de novos países a partir da descolonização. Por manter uma política aberta de aceitação de novos países membros em diferentes momentos de seus processos de independência, a FIFA viu seu número de filiados crescer de 60 em 1944 para 80 até 1954, um crescimento de 33%. Como efeito desse grande aumento, houve uma queda na proporção de países europeus filiados à entidade, que em 1955 chegou à marca de 42%, fazendo com que os países europeus, que foram os fundadores da FIFA, agora estivessem em minoria, o que teria grande impacto futuro nos rumos da

¹⁸³ *A Gazeta Esportiva*, “A delegação brasileira à Suíça” 26 de abril de 1954, nº 8752, p. 3.

¹⁸⁴ *Jornal dos Sports*, “A chefia não pode nem deve ser dividida”, 15 de abril de 1954, nº 7553, p. 6.

¹⁸⁵ *Jornal dos Sports*, “Um nome para a Suíça”, 25 de abril de 1954, nº 7561, p. 13.

organização por conta do fato de que cada país membro tinha direito a um voto nos conselhos da FIFA (EISENBERG, 2005, p. 384-385).

A disputa por uma maior representação nas decisões da entidade já estava posta durante a Copa do Mundo de 1954, e suas repercussões foram altamente noticiadas pelo *JS* e por *AGE*. Dos 16 países que disputaram a Copa na Suíça, 12 eram europeus, ou seja, 75% dos participantes. Outros três americanos e um asiático completavam a competição, que não contou com nenhum país africano ou da Oceania. Em 16 de junho, dia do início da Copa e estreia do Brasil, é noticiado no *JS* uma reunião entre os países do chamado “bloco europeu” aconteceu em Basiléia no dia anterior para discutir a criação de uma organização europeia de futebol que pudesse defender os interesses dos países do continente frente ao crescimento do número de países membros não-europeus na FIFA e a pressão dos países sul-americanos por maior representatividade no Comitê Executivo da entidade¹⁸⁶. Segundo a publicação, os sul-americanos teriam apenas uma cadeira no Comitê Executivo da FIFA, enquanto os europeus tinham direito a quatro representantes, além de mais duas cadeiras temporárias nas quais representavam os continentes asiático e africano¹⁸⁷.

A montagem desses possíveis blocos era um assunto de grande relevância, haja vista que, paralelamente a Copa do Mundo, aconteceria no dia 21 de junho o 29º Congresso da FIFA, no qual um novo presidente e novos vice-presidentes seriam eleitos. No congresso, aconteceu a despedida do francês Jules Rimet¹⁸⁸ do cargo de presidente, sendo eleito para seu lugar o dirigente belga Rodolphe Seeldrayers¹⁸⁹, além de ter sido homologada a escolha da Suécia como sede do próximo mundial, em 1958. As decisões em relação às vice-presidências provocaram um forte debate a partir do protesto do bloco sul-americano em relação à criação das vice-presidências asiática e africana. Segundo o *JS*, o Brasil, sendo representado pelos dirigentes Rivadávia Corrêa Meyer, Castelo Branco e Sotero Cosme, manteve-se isolado do bloco sul-americano por não haver participado de encontros prévios entre as federações¹⁹⁰. As questões envolvendo o isolamento da CBD foram tema de crônica de Zé de São Januário no dia 1º de julho, no qual critica a falta de união das federações sul-americanas e a oligarquia que

¹⁸⁶ *Jornal dos Sports*, “Cresce a pressão do bloco sul-americano sobre a FIFA”, 16 de junho de 1954, nº 7603, p. 9.

¹⁸⁷ As federações continentais ainda não haviam se formado nesse momento. A reunião entre os representantes europeus no dia 15 de junho de 1954 é considerada a marca de criação da União das Federações Europeias de Futebol – UEFA.

¹⁸⁸ Jules Rimet foi o terceiro presidente da FIFA, ocupando o cargo entre 1921 e 1954, sendo sob seu mandato realizadas as primeiras quatro edições da Copa do Mundo (1930, 1934, 1938 e 1950).

¹⁸⁹ Rodolphe Seeldrayers foi o quarto presidente da FIFA, sucedendo o francês Jules Rimet. Sua ascensão ao cargo máximo da entidade aconteceu durante a Copa do Mundo de 1954, tendo permanecido no cargo apenas até outubro de 1955, quando veio a falecer.

¹⁹⁰ *Jornal dos Sports*, “Seeldreys novo presidente da FIFA”, 22 de junho de 1954, nº 7608, p. 10.

tomava conta da entidade¹⁹¹. Posteriormente, no dia 14 de julho, *AGE* destaca a fala de Celestino Mibelli, supervisor técnico da Associação Uruguaia de Futebol, na qual afirma que o Congresso da FIFA havia sido uma farsa. Segundo o dirigente, os dirigentes europeus já haviam tomado grande parte das decisões de forma interna, sem consultar os países americanos, haja vista que eles eram maioria entre os representantes na FIFA. Mibelli celebra, porém, o fato de haverem aprovado a entrada de representantes africanos e asiáticos, o que daria ao bloco sul-americano uma possibilidade maior de impor seus interesses em relação ao bloco europeu¹⁹².

Por sua vez, em *AGE*, a postura dos dirigentes brasileiros é exaltada, ao passo que haveria uma mudança de conduta na política internacional da CBD. Thomaz Mazzoni, em 11 de junho, elogia o que ele chamou de “distinção de amigos e ‘amigos’”, considerando acertado o fato de o Brasil se recusar a disputar o Campeonato Sul-Americano de 1955 no Chile como resposta ao apoio da federação chilena a federação argentina na troca do vice-presidente da América do Sul na FIFA, cargo ocupado até então pelo brasileiro Luiz Aranha. Para *AGE*, a CBD acertaria em se afastar dos países que não a ajudavam em suas próprias demandas^{193 194}.

A falta de representantes brasileiros e americanos também era tema de desconfiança e debates em outra instância importante, esta já mais definidora em relação a Copa do Mundo em si: a Comissão de Arbitragem. Diversos textos tanto do *JS* como de *AGE* noticiavam as tentativas brasileiras, com apoio de uruguaio e mexicanos, de buscar uma vaga nessa comissão, enviando ofícios e dirigentes para essa missão, como Castelo Branco, Alfredo Curvello, Gaspar Labarthe, Henrique Barbosa e João Lyra Filho¹⁹⁵. Futuramente, após a derrota brasileira frente a Hungria nas quartas de final da competição, a arbitragem será um dos eixos centrais da busca por explicações pelo resultado obtido, caindo no árbitro inglês Arthur Ellis parte significativa do fracasso brasileiro. Entretanto, antes da realização da partida, a escalação de Ellis foi bastante celebrada pelo *JS*, que o noticiava como sendo o melhor árbitro do mundo¹⁹⁶, destaque esse que não foi dado por *AGE*.

Outro fator que merece destaque na cobertura do *JS* e de *AGE* na Copa do Mundo é em relação a atuação dos dirigentes brasileiros presentes na Suíça, em especial do chefe da delegação brasileira, João Lyra Filho. Lyra Filho foi um importante quadro do periódico carioca entre os anos 1940 e 1950, e ainda durante a competição escreveu alguns textos publicados no

¹⁹¹ *Jornal dos Sports*, 1 de julho de 1954, nº 7616.

¹⁹² *A Gazeta Esportiva*, “Foi uma grande farsa o Congresso da FIFA”, 14 de julho de 1954, nº 8822, p. 20.

¹⁹³ *A Gazeta Esportiva*, “Mudança de rumo na política internacional da CBD”, 11 de junho de 1954, nº 8792.

¹⁹⁴ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 12 de junho de 1954, nº 8793.

¹⁹⁵ *Jornal dos Sports*, 9 de junho de 1954, nº 7597; 10 de junho de 1954, nº 7598; 13 de junho de 1954, nº 7601; *A Gazeta Esportiva*, “Protesto do bloco americano dirigido ao Comité de arbitragem”, 10 de junho de 1954, nº 8791.

¹⁹⁶ *Jornal dos Sports*, 26 de junho de 1954, nº 7612; 27 de junho de 1954, nº 7613.

JS. Como chefe da delegação, sua atuação recebe destaque e olhares de diferentes cronistas, ora defendendo-o, ora criticando-o. Em 16 de junho, no texto “Mosqueteiros na Copa do Mundo”, Everaldo Lopes elogia a atuação do dirigente por confrontar a FIFA em relação a um possível favorecimento à equipe húngara por poder utilizar o estádio da final da Copa para treinar, algo proibido para todas as seleções, e por questionar a entidade pela falta de um representante americano dentro da Comissão de Arbitragem¹⁹⁷.

As críticas aos dirigentes passam a dar o tom das análises dos cronistas do *JS* a partir do segundo jogo da Seleção Brasileira, realizado em 19 de junho e que terminou com empate por 1 a 1, resultado que classificou ambas as seleções para as quartas de final. Ao fim da partida, informa o *JS* em 21 de junho, os dirigentes brasileiros acreditavam que um novo jogo deveria ser realizado, haja vista que Brasil e Iugoslávia haviam também empatado no número de pontos dentro do grupo, e foram informados da classificação brasileira pelo delegado da FIFA presente na partida. Em 22 de junho, Mário Júlio Rodrigues em seu texto “A hora da raiva - a boa hora”¹⁹⁸ classificou como ridículo o fato de os dirigentes brasileiros não conhecerem o regulamento. A coluna “O Petardo” do mesmo dia realizava a mesma crítica, questionando também o alto número de dirigentes presentes na delegação brasileira e suas funções, com a pergunta “Turistas ou administradores?”¹⁹⁹. Críticas semelhantes foram feitas por Zé de São Januário em sua coluna “Uma pedrinha na shooteira” de 23 de junho, na qual questionava a “baderna” que seria a concentração da Seleção Brasileira por conta da quantidade de dirigentes presentes²⁰⁰, e por Manuel Vargas Neto em 25 de junho²⁰¹. Em *AGE*, porém, tais acontecimentos não tiveram o mesmo destaque, e os dirigentes não foram lembrados com a mesma frequência e tom de crítica.

Lyra Filho volta a ser motivo de destaque no *JS* com a proximidade do jogo entre Brasil e Hungria, pelas quartas de final da competição, no dia 27 de junho. Em 26 de junho, após ser veiculada uma notícia de que a equipe húngara já teria treino marcado para após o jogo contra o Brasil visando as semifinais da competição, Geraldo Romualdo da Silva escreve que Lyra Filho conclamava os jogadores para vencerem a partida e, assim, cancelar o treino dos húngaros, emocionando todos os presentes. No mesmo texto também é noticiado que Lyra Filho, também na condição de ministro ligado ao governo, lia telegramas e comunicava telefonemas de diferentes autoridades brasileiras a fim de motivar os atletas brasileiros, entre

¹⁹⁷ *Jornal dos Sports*, “Mosqueteiros na Copa do Mundo”, 16 de junho de 1954, nº 7603, p. 5.

¹⁹⁸ *Jornal dos Sports*, “A hora da raiva - a boa hora”, 22 de junho de 1954, nº 7608, p. 5.

¹⁹⁹ *Jornal dos Sports*, “O Petardo”, 22 de junho de 1954, nº 7608, p. 10.

²⁰⁰ *Jornal dos Sports*, “Uma pedrinha na shooteira”, 23 de junho de 1954, nº 7609, p. 3.

²⁰¹ *Jornal dos Sports*, “A crônica de Vargas Netto”, 25 de junho de 1954, nº 7611, p. 5.

os quais constava inclusive o presidente Getúlio Vargas²⁰², fato também noticiado por *AGE*²⁰³. A informação sobre o treino marcado pelos húngaros, porém, é questionada por Albert Laurence no dia seguinte, 27 de junho, afirmando que a suposta data reservada para o treino dos húngaros era a mesma do dia da semifinal, e que, portanto, tal história estava mal contada. Assim, questionava a atuação de Lyra Filho que, portanto, não conhecia “nem o regulamento e nem a tabela”²⁰⁴.

Também em 27 de junho, dia da partida contra os húngaros, um texto de Everaldo Lopes mostrava Lyra Filho como uma figura de comando em relação aos atletas brasileiros, responsável pela motivação e apoio moral da delegação²⁰⁵. Esse papel de Lyra Filho é particularmente importante, pois como já visto anteriormente, tais questões de ordem emocional eram muitas vezes apontadas como as responsáveis pelas derrotas e insucessos brasileiros nas competições. Ao fim da competição, ao escrever o relatório final sobre a participação brasileira na Copa do Mundo, Lyra Filho afirmou que:

[...] comparativamente aos outros selecionados, os atletas do Brasil eram marcados pela inconstância de fundo psicológico. Em decorrência disto, a Seleção perdia nos momentos decisivos, sobretudo em eventos de magnitude internacional, quando se apequenava diante do europeu, caracterizado pela frieza e autocontrole (HOLLANDA, 2012, p. 92).

Vemos nessa visão a reprodução de estereótipos anteriormente criticados pelo próprio Lyra Filho. Ao receber críticas de mesmo teor de jornais estrangeiros antes da competição, o chefe da delegação brasileira mostrou-se indignado, reafirmando a qualidade da “fibra moral” brasileira. Após a derrota, a questão psicológica do selecionado brasileiro era novamente colocada à prova, sendo apontada como motivo de falha na busca pelo objetivo.

Após a derrota brasileira, mais críticas em relação aos dirigentes da delegação brasileira são feitas, acusando-os de estarem mais interessados em vangloriar-se de suas posições de prestígio do que realmente trabalharem nos bastidores em prol da seleção, como o faz Zé de São Januário em sua coluna “Uma pedrinha na shooteira”²⁰⁶. É apenas nesse momento que *AGE* também realiza críticas mais contundentes aos dirigentes da CBD, ainda que de forma menos direta ou explícita. Em 30 de junho, na matéria “Não estávamos preparados para a Taça do Mundo”, o jornal afirmou entrevistar torcedores e dirigentes no Rio de Janeiro e, então,

²⁰² *Jornal dos Sports*, “Lyra Filho dramático: ‘Cancelem o treino dos húngaros!’”, 26 de junho de 1954, nº 7612, p. 6.

²⁰³ *A Gazeta Esportiva*, “85 telegramas lidos por Lyra Filho”, 26 de junho de 1954, nº 8806, p. 3.

²⁰⁴ *Jornal dos Sports*, “A crônica internacional”, 27 de junho de 1954, nº 7613, p. 13 e 17.

²⁰⁵ *Jornal dos Sports*, “Conversa de coração a coração”, 27 de junho de 1954, nº 7613, p. 3.

²⁰⁶ *Jornal dos Sports*, “Uma pedrinha na shooteira”, 30 de junho de 1954, nº 7615, p. 2.

selecionou e reproduziu a fala de José Alves de Moraes, membro do Conselho Técnico de Futebol da CBD, que criticou de forma contundente a legislação esportiva brasileira e a atuação dos dirigentes brasileiros dentro da FIFA e da Copa do Mundo²⁰⁷. No dia seguinte, a partir de mais uma entrevista, desta vez com Gagliano Neto, importante locutor esportivo, é dito que houve falhas da chefia da delegação brasileira, que não conhecia o regulamento da competição - lembrando o caso de Brasil e Iugoslávia - e que não fez um bom trabalho diplomático dentro das instâncias da FIFA²⁰⁸. José Brígido, em 14 de julho, também critica o dirigente José Maria Castello Branco, afirmando que este se comportava como um turista na Europa, enquanto João Lyra Filho cuidava sozinho da concentração brasileira em Macolin²⁰⁹.

As críticas d'*AGE* em relação aos dirigentes brasileiros também aparecem de forma enfática em textos que criticam o Conselho Técnico de Futebol da CBD, como em artigo do dia 4 de agosto, o qual afirma que as escolhas de seus membros se davam por questões políticas, e não técnicas, como deveria acontecer²¹⁰, ou em textos que criticam o próprio CND, como publicado em 6 de agosto²¹¹. No mesmo dia 6, porém, é publicada em *AGE* uma entrevista com o dirigente Castello Branco, que afirma que o Conselho Técnico de Futebol não teve culpa nenhuma na derrota e, ao elencar os fatores para o revés, criticou os jogadores Humberto e Nilton Santos, que se envolveram na briga com os húngaros no jogo da eliminação. Este fator é relevante pois são raras as vezes em que os atletas brasileiros foram citados como responsáveis pela derrota, ainda mais de forma nominal como fez o dirigente²¹².

De volta ao *JS*, Zé de São Januário, mais uma vez, em 3 de julho, reforça as críticas aos dirigentes brasileiros que acompanharam a Seleção na Suíça, chamando-os de “excursionistas”, mas poupando Lyra Filho que, segundo ele, foi junto do treinador Zezé Moreira uma das poucas pessoas a nunca deixar a concentração da Seleção Brasileira²¹³. Geraldo Romualdo da Silva também exalta a figura de Lyra Filho em texto publicado no dia 3 de julho, escrevendo “O ministro Lira Filho como bom comandante continua ao lado de seus dirigidos viajando no mesmo avião com os cracks”²¹⁴. Por fim, já enquanto Lyra Filho elaborava seu relatório sobre a Copa do Mundo como chefe da delegação brasileira, Everaldo Lopes publica um texto isentando o dirigente de qualquer parcela de culpa no insucesso

²⁰⁷ *A Gazeta Esportiva*, “Não estávamos preparados para a Taça do Mundo”, 30 de junho de 1954, nº 8810, p. 10.

²⁰⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Anormal, discutível e irregular a vitória húngara”, 1º de julho de 1954, nº 8811, p. 19.

²⁰⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Pigalle”, 14 de julho de 1954, nº 8822, p. 3.

²¹⁰ *A Gazeta Esportiva*, “Conselho Técnico de Futebol”, 4 de agosto de 1954, nº 8839, p. 2.

²¹¹ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia”, 6 de agosto de 1954, nº 8841, p. 2.

²¹² *A Gazeta Esportiva*, “Nenhuma culpa cabe ao conselho por nossa derrota”, 6 de agosto de 1954, nº 8841, p. 16 e 4.

²¹³ *Jornal dos Sports*, “Uma pedrinha na shooteira”, 3 de julho de 1954, nº 7618, p. 3.

²¹⁴ *Jornal dos Sports*, “Comovente despedida em Macolin”, 3 de julho de 1954, nº 7618, p. 6.

brasileiro, afirmando: “Se tudo dependesse do chefe - não somente de seu desejo, mas principalmente de sua ação - a esta hora seríamos até os campeões do mundo”²¹⁵. Este é o mesmo comportamento que podemos observar em *AGE* com relação ao papel do dirigente. No dia 3 de julho noticiou-se que todos os jogadores da Seleção escreveram uma carta de agradecimento “pela sua maneira correta e amiga de dirigir a delegação, sendo considerado mesmo por todos os elementos brasileiros um grande chefe”²¹⁶.

Em *AGE*, ainda durante os dias finais da disputa da Copa do Mundo, inicia-se o debate de como agir visando uma melhor preparação da Seleção Brasileira para o torneio seguinte, em 1958. É destacado que a Hungria se preparou por quatro anos para a competição, enquanto o Brasil havia reunido seus jogadores apenas há poucos meses antes da Copa. Esse fato é justificado pelos interesses clubistas que colocavam suas demandas próprias acima dos sacrifícios que eram necessários para o melhor desempenho da Seleção. É também citado o fato de os países europeus conseguirem jogar uns contra os outros com grande facilidade devido sua proximidade geográfica, enquanto a Seleção Brasileira poucas vezes podia enfrentá-los, algo que também atrapalharia seu desempenho²¹⁷. Pouco depois, *AGE* tenta encontrar a lição que ficou do fracasso brasileiro:

A grande lição que se deve tirar da breve e malograda jornada do nosso futebol na Suíça, é de que, mau grado a tradicional perseguição que os juizes europeus movem contra nós, possuímos acima de tudo uma organização futebolística defeituosa, com base na improvisação, quando o ideal seria que ela planificasse, previsse, articulasse e racionalizasse seus maiores e menores movimentos antes e depois dos grandes acontecimentos esportivos dos quais participasse.²¹⁸

E ainda tratando da organização futura da Seleção visando a Copa seguinte, *AGE* traz em 10 de julho mais uma vez o debate em relação à organização e diplomacia internacional da CBD que, segundo o jornal, deveria desde aquele momento já estruturar o calendário de jogos internacionais da Seleção Brasileira para os próximos anos, com grande antecedência, aumentando o intercâmbio com os países europeus. Para o periódico, o Brasil desperdiçou grandes chances de desenvolvimento de seu futebol ao não se aproveitar diplomaticamente das relações estabelecidas na Copa de 1950 e, mais uma vez, desperdiçava uma grande

²¹⁵ *Jornal dos Sports*, “Fracassou a tropa sem culpa do alto comando”, 22 de julho de 1954, nº 7634, p. 5.

²¹⁶ *A Gazeta Esportiva*, “Mensagem de agradecimento dos craques brasileiros a Lira Filho”, 3 de julho de 1954, nº 8813, p. 6.

²¹⁷ *A Gazeta Esportiva*, “Continuaremos persistindo”, 1º de julho de 1954, nº 8811, p. 3.

²¹⁸ *A Gazeta Esportiva*, “Bom dia: Brasil x Hungria (3)”, 2 de julho de 1954, nº 8812, p. 2.

oportunidade ao não utilizar a Copa de 1954 para tais aproximações com os países europeus e a própria FIFA, na qual havia ainda perdido espaço²¹⁹.

Tão logo a Copa do Mundo da Suíça se encerra, em 4 de julho de 1954, inicia-se no *JS* o questionamento sobre quais mudanças seriam necessárias visando a próxima edição da competição, em 1958 na Suécia. Apenas uma semana após a final vencida pela Alemanha, Albert Laurence, em sua coluna “A crônica internacional” já traz três sugestões para a evolução do futebol brasileiro para os próximos anos visando a Copa do Mundo seguinte:

A meu ver, é tempo, em primeiro lugar, que o “*soccer*” desta terra se livre de uma organização estadual que o abafa. É tempo de organizar um grande Campeonato nacional de quadros de clubes. Com os seis maiores quadros do Rio, os cinco ou seis maiores do Estado de São Paulo, e mais uns representantes do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, talvez de Pernambuco. O avião permite perfeitamente, hoje, organizar esse grande Campeonato Brasileiro de Clubes, que dará ao football dessa terra a unidade, o sentimento e o pensamento comum, que lhe falta terrivelmente. [...] Por outro lado, seria preciso que a CBD organizasse imediatamente um vasto programa de jogos internacionais de “scratches”. [...] Outra coisa importantíssima: seria tempo também que se modificasse a mentalidade em relação aos juízes. E que se abandonasse esse uso local de considerar que a palavra que casa melhor com “juíz” é: “ladrão”²²⁰.

As três sugestões de Laurence eram, sem dúvidas, reflexões interessantes acerca do nosso futebol. Num país de dimensões continentais como o Brasil, a realização de uma competição que reunisse equipes dos mais diferentes estados era, sem dúvidas, um desafio, sendo essa sua primeira sugestão. Também a realização de mais jogos contra seleções nacionais diversas, que propusessem diferentes desafios a Seleção Brasileira, mostrava-se um ponto importante de preparação, haja vista que durante o ano de 1953 a Seleção realizou apenas sete jogos, todos contra seleções sul-americanas, sendo o último deles em abril, e que em 1954 no período anterior a Copa do Mundo, apenas mais seis jogos foram realizados: quatro pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, contra Chile e Paraguai, e dois amistosos contra a equipe do Milionários da Colômbia, ambas no Brasil. Esta crítica também foi feita em diferentes momentos por *AGE*, como podemos ver exemplificado em crônica do dia 19 de agosto, na qual afirmava-se que era necessário “preparar o programa com dois anos de antecedência, e não procurar adversários de ocasião, quando todos os países já tem seu calendário organizado”²²¹. A terceira sugestão, em relação a arbitragem, ecoava ainda a responsabilização de Arthur Ellis como grande vilão da derrota brasileira.

²¹⁹ *A Gazeta Esportiva*, “Precisamos novos rumos internacionais”, 10 de julho de 1954, nº 8819, p. 3.

²²⁰ *Jornal dos Sports*, “A crônica internacional”, 11 de julho de 1954, nº 7625, p. 11.

²²¹ *A Gazeta Esportiva*, “Devemos procurar novos amigos, novas relações”, 19 de agosto de 1954, nº 8852, p. 3.

A primeira das sugestões de Laurence seria efetivamente concretizada em 1959, em moldes diferentes, com a realização da Taça Brasil, competição que reunia os campeões de todos os estados do país, tendo o Esporte Clube Bahia como primeiro vencedor. É importante notarmos como Laurence sinaliza de maneira clara quais seriam os estados realmente importantes para o futebol brasileiro e que deveriam ter representantes na competição que sugeria (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e, “talvez”, Pernambuco). Essa visão de quais são clubes e regiões mais importantes do futebol brasileiro ainda hoje é bastante assinalada, sendo os quatro primeiros estados citados os lares dos considerados 12 maiores clubes do Brasil²²², ainda que não exista um critério específico de como se chegou tradicionalmente nesses nomes.

Também é de grande relevância notar no texto de Laurence a preocupação com uma união de ideias e sentimentos que deveria perpassar todos os clubes e jogadores do Brasil, ainda que de diferentes estados e regiões. Esse ideal de unidade nacional em detrimento às regionalidades é bastante característico da “Era Vargas”, anteriormente mencionada e defendida de forma geral pelo JS. A mesma fala de Laurence sobre o regionalismo é utilizada por Geraldo Romualdo da Silva, que em 20 de julho de 1954, ao criticar o excesso de patriotismo, afirma que é preciso:

[...] se construir com bases fortes, aqui e no exterior, uma mentalidade mais sã, menos ridiculamente patriótica, em suma: mais diretamente esportiva. [...] Princípio que a desenfreada parcialidade clubística, com a ajuda do atraso do regionalismo não ajuda muito a se encontrar a fonte do equilíbrio procurado²²³.

A segunda sugestão de Laurence ganha eco de outro cronista dias depois: Olímpicus, em seu texto “Queremos seleção permanente...” critica os poucos e concentrados jogos que a seleção brasileira fazia contra as seleções sul-americanas, permanecendo meses inativa por não haver mais partidas a serem disputadas, defendendo acordos da CBD com seleções europeias para que o Brasil pudesse ir a Europa enfrentá-las em um ano e, no ano seguinte, elas viessem para cá enfrentar o Brasil. Essa medida não apenas aumentaria o calendário de jogos da seleção, como espalharia as partidas pelo ano, fazendo com que a seleção

²²² Sport Club Corinthians Paulista, Sociedade Esportiva Palmeiras, Santos Futebol Clube e São Paulo Futebol Clube (SP), Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo, Fluminense Football Club e Clube de Regatas Vasco da Gama (RJ), Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional (RS) e Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube (MG). Os 12 clubes citados, mais o Esporte Clube Bahia (BA), formaram em 1987 o chamado Clube dos 13, entidade que pretendia defender os interesses de tais clubes de forma conjunta na organização do futebol brasileiro. Com o sucesso esportivo de outros clubes nos cenários nacional e internacional, a discussão sobre quais seriam os maiores clubes do Brasil e quais são os critérios para defini-los esteve bastante acirrada nos últimos anos.

²²³ *Jornal dos Sports*, “É aqui que o Brasil começa a perder as Copas”, 20 de julho de 1954, nº 7632, p. 5.

permanecesse ativa, e aumentaria a variabilidade de adversários e estilos enfrentados²²⁴. No mesmo sentido que os outros cronistas, Alfredo Curvello também discute a importância de uma maior proximidade entre o futebol brasileiro e o futebol europeu²²⁵. Crônicas sobre a necessidade de um maior número de jogos da Seleção e até mesmo do estabelecimento de um calendário de jogos internacionais apareceram de forma constante no *JS* nos meses seguintes ao final da Copa do Mundo.

Após o fim da Copa do Mundo, mudanças em cargos da CBD passaram a ocorrer por consequência do fracasso brasileiro. Estando num momento de sucessão do cargo de presidente da entidade, ocupada no momento por Rivadávia Corrêa Meyer, outros dirigentes acabaram por se desligar de seus cargos, tendo destaque para as mudanças ocorridas no Conselho Técnico de Futebol da entidade (CTF). É noticiado no *JS* no dia 24 de julho, a partir de uma carta direcionada ao cronista Alfredo Curvello, a renúncia do dirigente José Alves de Moraes e que também o dirigente Canôr Simões Coelho já havia deixado a entidade²²⁶, fato posteriormente²²⁷. O CTF, inclusive, foi motivo de duras críticas dos cronistas do *JS* após o fracasso na Hungria, como podemos ver neste texto de Geraldo Romualdo da Silva:

O que precisa ver, medir, combater, é a ineficácia, a insuficiência abusiva e declarada de determinados organismos superados, ultrapassados, do football brasileiro. Como é o caso desse Conselho Técnico da CBD, que nada faz, nunca fez nada, e neste instante, sentido a brasa na sola dos pés, faz-se de anjo e procura transferir todas as culpas e todas suas responsabilidades para o pobre do selecionador!²²⁸

Essas críticas, porém, não foram unânimes. Ainda que dentro do *JS* a maior parte dos jornalistas fizessem críticas contundentes à CBD e ao CTF, houve casos de quem os defendesse ou, no mínimo, discordasse da aspereza das reclamações da crônica em geral²²⁹, como é o caso do próprio Alfredo Curvello, membro da CBD e do CTF, e de Mário Filho, em crônica no dia 5 de agosto²³⁰. O fato de Curvello pertencer ao quadro da CBD e, ao mesmo tempo, ser cronista do *JS*, mostra mais uma vez a íntima relação do jornal com a política esportiva brasileira e a utilização deste espaço de autoridade, que é o jornal em si, para a defesa de posicionamentos particulares e específicos, como fica plenamente exemplificado em sua

²²⁴ *Jornal dos Sports*, “Queremos seleção permanente...”, 16 de julho de 1954, nº 7629, p. 5.

²²⁵ *Jornal dos Sports*, “Um aspecto do problema”, 8 de agosto de 1954, nº 7649, p. 13.

²²⁶ *Jornal dos Sports*, “Renuncia Alves de Moraes”, 24 de julho de 1954, nº 7636, p. 7.

²²⁷ *Jornal dos Sports*, “‘Copa Rio Branco’ ou um torneio internacional, em junho/julho”, 28 de agosto de 1954, nº 7665, p. 9.

²²⁸ *Jornal dos Sports*, “Agora é tarde para o Conselho jogar a culpa sobre o técnico sozinho”, 25 de julho de 1954, nº 7637, p. 11.

²²⁹ *Jornal dos Sports*, “À margem da confusão”, 1 de agosto de 1954, nº 7643, p. 13.

²³⁰ *Jornal dos Sports*, “Delenda C.B.D”, 5 de agosto de 1954, nº 7646, p. 5.

crônica do dia 8 de agosto, na qual ele se defende de certas acusações feitas por outros cronistas em relação a sua atuação e estadia na Suíça.

Conseguimos, dessa forma, observar como a visão dos jornais vai se modificando a partir do momento em que os resultados esperados na competição não acontecem. Se, no momento de eliminatórias e durante a Copa do Mundo, os jornais faziam poucas críticas aos dirigentes efetivamente ligados à Seleção Brasileira, após a derrota tais críticas se multiplicam. Podemos entender que a escolha de não realizar críticas contundentes antes da eliminação se dava por conta da visão de que o sucesso na Copa do Mundo dependia de um grande esforço coletivo, inclusive dos setores midiáticos, que deveriam também mostrar apoio incondicional à Seleção Brasileira e sua missão de conquistar a Copa do Mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo comparativo realizado entre *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* sem dúvidas mostrou-se um caminho bastante interessante para debatermos a cobertura midiática de um evento tão importante como a Copa do Mundo. É fundamental entendermos que os dois veículos de mídia citados devem ser compreendidos como entidades que ao mesmo tempo que fazem parte de uma mídia dominante em suas praças, também possuem características únicas que as definem e diferenciam.

O *paulistanismo* tão presente n' *AGE*, por exemplo, é uma característica definidora de tal jornal, sem a qual seria impossível compreender de forma ampla suas posições, suas crônicas e suas abordagens nas notícias. Da mesma forma, a proximidade com os dirigentes das entidades dominantes do esporte brasileiro fazia com que o *JS* fosse um espaço de excelência para a realização de discussões sobre os rumos tomados pelas instituições, ainda mais pelo fato de o jornal carioca priorizar, em suas páginas, os textos opinativos, sendo um importante espaço de debates e discordâncias.

Ainda assim, apesar de possuírem suas diferenças, tais diários também possuíam muitas características comuns, colocando-os em proximidade quando defendiam os mesmos pontos de vista. Uma destas aproximações, por exemplo, aconteceu na defesa que os jornais fizeram do treinador Zezé Moreira durante todo o período preparatório da Seleção para a Copa do Mundo, por exemplo. Ainda que Zezé fosse um treinador identificado com o futebol carioca, e mesmo que *AGE* tenha mostrado de forma constante não ser adepta do estilo de jogo mais tático pregado pelo técnico, os dois jornais encararam a missão patriótica de estarem ao lado da Seleção para a Copa do Mundo, sabendo que era necessário o esforço de todos os setores da sociedade para que a Seleção pudesse ter sucesso em sua empreitada.

Um ponto de análise interessante também foi o relativo aos debates entre o *futebol arte* e o *futebol força*. O *futebol arte* era visto por ambos os jornais como uma característica intrinsecamente brasileira, porém era um estilo de jogo que divergia da visão do treinador Zezé Moreira. Enquanto o *futebol arte* se caracteriza pelo jogo ofensivo, individualista, com maior valorização da técnica, a forma de jogar pregada por Zezé Moreira era mais parecida com o *futebol força*, que valoriza mais o jogo defensivo, coletivo, tático e disciplinado. Apesar disso, como vimos, era parte do papel da imprensa defender o treinador, ainda que este fugisse do estilo clássico de futebol tido como brasileiro. Assim, podemos acompanhar a forma com que

os jornais fizeram a defesa do estilo de jogo de Zezé Moreira, mesmo que algumas vezes esse estilo desagradasse os torcedores e a crítica esportiva.

Nesse assunto, pudemos observar como *AGE*, ao mesmo tempo em que criticava as “táticas modernas”, apoiava o treinador brasileiro, destacando sua figura de liderança e seus resultados impecáveis na fase de preparação para a Copa do Mundo. Já o *JS* fazia uma defesa ainda maior do treinador, exaltando o sistema de jogo adotado pela Seleção Brasileira e a forma moderna com que Zezé Moreira preparava a equipe. Porém, como o *JS* se caracterizava como um jornal com maior espaço de divergência, era comum que víssemos textos que criticavam as táticas modernas, sem que isso atingisse Zezé Moreira. Em muitas das vezes, o autor desses textos foi Thomaz Mazzoni, na alcunha de *Olimpicus*, principal cronista esportiva do diário paulista.

Outro ponto de convergência de visões foi na tentativa de não-responsabilização dos jogadores brasileiros pelo resultado da eliminação. Primeiramente foram elencados diferentes motivos para a derrota, tais como a arbitragem ruim ou mal-intencionada, ou um suposto conluio europeu com o objetivo de prejudicar o futebol sul-americano. As análises, em ambos os jornais, dificilmente se propuseram a analisar os fatores internos do jogo de futebol para debater a eliminação. Pelo contrário, buscaram no extracampo e nas explicações que encaram o futebol como metáfora da sociedade as principais justificativas para a derrota.

Apesar, porém, de haver um esforço para que os jogadores passassem relativamente ilesos da derrota, as explicações foram canalizadas para o campo psicológico, revivendo as memórias da Copa de 1950, tão frequentemente lembradas pelos jornais, com destaque para o *JS*. Até mesmo determinados estereótipos que os jornais buscaram combater antes e durante a competição, como uma suposta falta de fibra moral dos atletas brasileiros, acabou sendo usado para as justificativas da derrota. Os jornais admitiam: o problema brasileiro não era relativo à técnica do jogo, e sim, a forma com que o jogo era encarado por jogadores e torcedores.

Dentro dessa perspectiva, até mesmo o nacionalismo e patriotismo foram questionados. Antes e durante a Copa do Mundo, a defesa da pátria era um dos assuntos mais caros aos diários, com diversos textos celebrando a importância de defender as cores do Brasil, a raça brasileira, o povo, a nação. Fica claro que a vitória na Copa do Mundo era um projeto político nacional, na qual todas as entidades estavam envolvidas e precisavam contribuir, inclusive a crônica esportiva, que deveria ser otimista em relação ao desempenho do selecionado. Após o final da Copa, com o fracasso brasileiro e a vitória da Alemanha, era

necessária uma nova perspectiva para a questão. Afinal, a Nação Brasileira, o povo, o país, não podem ser efetivamente derrotados em seu projeto político apenas por conta de um jogo de futebol. Nesse momento, diversos são os textos que buscam tal afastamento, deixando claro que a vitória pertenceria ao Brasil, enquanto a derrota era fardo apenas dos atletas, comissão técnica e dirigentes do esporte.

Por fim, o papel dos dirigentes esportivos ocupou espaço privilegiado tanto nos diários como em nosso trabalho. Os textos com críticas e exaltações a essas pessoas tinham frequência quase diária nos jornais, que promoviam inclusive debates entre esses importantes atores, com destaque para o espaço do *JS* em tais momentos. Nesse sentido, dois casos chamam mais a atenção. O primeiro é o de Manuel Vargas Neto, então presidente do Conselho Nacional de Desportos e colunista do diário carioca. Vargas Neto frequentemente se utilizou deste espaço para responder as críticas que recebia de diferentes setores da sociedade, incluindo *AGE*, que muitas vezes questionava não apenas as decisões do dirigente, mas também o acusava de desfavorecer as entidades paulistas em suas decisões no CND. O dirigente e cronista utilizava tal espaço para atuar politicamente, defendendo seus próprios interesses nas disputas pelo poder do esporte brasileiro.

O segundo caso é o de Alfredo Curvello, também cronista do *JS* e membro do Conselho Técnico de Futebol da CBD. Em suas crônicas, Curvello também defendeu de forma intensa as resoluções de tal conselho, responsável por tomar as decisões acerca da campanha brasileira na Suíça, e que após a derrota para a Hungria, tornou-se o principal alvo de críticas de toda a mídia esportiva. Assim como Vargas Neto, Curvello utilizou deste espaço privilegiado para defender os próprios interesses e atuar politicamente com relação às entidades diretivas do esporte brasileiro.

Acreditamos que ao escolher esses dois importantes jornais esportivos, foi possível entendermos melhor as nuances da construção de uma narrativa, que precisou ser constantemente ajustada a partir do momento em que os resultados em campo não condisseram com as expectativas criadas pelos diários. De forma alguma, porém, acreditamos que esses jornais dão conta de explicar toda a cobertura midiática da Copa do Mundo, pois a mídia esportiva não possui uma homogeneidade que permita minimamente tal conclusão. Seria interessante, por exemplo, que em futuros trabalhos buscássemos veículos de mídia de diferentes posicionamentos políticos e de outras regiões do Brasil que não Rio de Janeiro e São Paulo, com o objetivo de investigarmos se ocorreriam um maior nível de discordância de opiniões e até mesmo um apoio mais crítico à Seleção Brasileira.

Por fim, entendemos que um trabalho com um recorte mais longo pode ser ainda mais esclarecedor quanto à construção da narrativa da derrota, suas contradições e suas consequências. Como pudemos observar, apenas o período da competição é demasiadamente curto para entendermos algumas das discussões que são postas na Copa do Mundo, sendo tanto o período anterior ao campeonato, como também o período posterior e suas repercussões, fundamentais para obtermos uma visão ampla das disputas geradas pela Copa. Acreditamos que uma pesquisa que busque dar conta de todo um período de quatro anos, de uma Copa a outra, pode ser extremamente interessante ao dar prosseguimento aos debates da Copa anterior e visualizar como estes reverberaram na preparação da Copa seguinte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. “**Com o brasileiro não há quem possa!**”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CALDAS, Waldenyr. **O Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. Coautoria de Manoel José Gomes Tubino, Claudio Macedo Reis. São Paulo: IBRASA, 1990.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COELHO, Fabiano. O conceito *representação* e sua contribuição à análise do *Jornal Sem Terra*. **Fronteiras e Debates, Macapá**, v. 1, n. 2, p. 165 – 176, 2014.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Sentimento e política no futebol alemão – construções da “nação” em 1990 e 2006. **História: Questões e Debates**. Curitiba, n. 57, p. 53 – 99, 2012.

CORSETTI, Berenice. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. **UNirevista**, v. 1, n. 1, p. 32 - 46, 2006.

COSTA, Felipe Rodrigues da; TAVARES, Otavio; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; FERREIRA NETO, Amarílio. Batalha de Berna (1954): a luta pelos sentidos de identidade no campo de futebol. **Movimento**. Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 155-168, jan./mar. de 2015.

COSTA, Leda Maria da. **Os vilões do futebol: jornalismo esportivo e imaginação melodramática**. Curitiba: Appris, 2020.

COUTO, André Alexandre Guimarães. Uma arena de notícias: a fundação do *Jornal dos Sports* e seus primeiros cronistas. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, XIV., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UniRio, 2010.

_____. Os Cronistas do *Jornal dos Sports* (1950 – 1958): subjetividade, clubismo e denunciismo. **FuLiA / UFMG**, v. 2, n. 3, set.-dez., 2017.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n.23, p. 87 – 118, 1999.

DOMINGUES, José Maurício. Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 10(2): 209-234, outubro de 1998.

DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo**: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

EINSENBERG, Christiane. From political ignorance to global responsibility: the role of World Soccer Association (FIFA) in international sport during the Twentieth Century. **Journal of Sport History**, v. 32, n. 3, p. 379 – 393, 2005.

FLORENZANO, José Paulo. Quando éramos exóticos: futebol e alteridade. **Revista USP**. São Paulo, n. 117, p. 39-52, 2018.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball Mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938, p.4.

_____. Prefácio à primeira edição: O negro no futebol brasileiro. IN: RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GEBARA, Ademir. História do Esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; FIGUEIREDO, Ricardo Lucena. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 5 – 29.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. **A história política do futebol olímpico (1894-1988)**. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2018.

GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. As relações entre o COI e a FIFA e a formação da Copa do Mundo de futebol. In: GIGLIO, Sérgio Settani; SILVA, Diana Mendes Machado da (org). **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014, p. 17 – 27.

GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspense e história”. In: **XXIII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, Gramado, 2002.

_____. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n.16, 2011.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor de rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **O Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012, p. 80 – 106.

_____. A invenção do Fla-Flu: breves apontamentos. **Ludopédio**, São Paulo, v. 95, n. 9, 2017.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CHAIM, Aníbal Martinot. Ordem e progresso nas arquibancadas: o jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime político do Estado Novo (1937 – 1945). **Revista História**, São Paulo, n.179, 2020.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Cásper Líbero e o exercício do jornalismo nas páginas d'*A Gazeta*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXI., 1998, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo; 1998.

IANNI, Octávio. A sociologia e o mundo moderno. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1(1): 7 – 27, 1.sem. 1989.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar discursos institucionais**. Uberlândia: EDUFU, 2018.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bacellar (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 111 – 153.

MACHADO, Felipe Morelli. **Bola na rede e o povo nas ruas!:** o Brasil na Copa de 1938. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MARANHÃO, Tiago. “Apolíneos e dionisiacos” – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. **Análise Social**, vol. XLI, n. 179, 2006.

MELO, Victor Andrade de; Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro no século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **O Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p. 21 – 51.

_____. Entre a evidência e a especulação: a “origem” do futebol no Rio de Janeiro e em Niterói. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020 p. 152 – 165.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manoel Casquinha Malaia dos. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7Letras; FAPERJ, 2013.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40. In: COSTA, Márcia Regina da; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; D'ALLEVEDO, Silvia Carbone; SANTOS, Marco Antônio S. (orgs). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999. p. 214 - 239.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo:** história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, nº 11, p. 260-299, jan/jun 2004.

SILVA, Diana Mendes Machado da. “No Brasil, jogador de futebol nasce feito”: a Copa de 1958 e o futebol popular em *A Gazeta Esportiva*. In: GIGLIO, Sérgio Settani; SILVA, Diana Mendes Machado da (org). **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014, p. 28 – 36.

SILVA, Eliazar João da. **A Seleção Brasileira de Futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional**. 2004. 335 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004.

STYCER, José Maurício. Líbero, Mazzoni e a criação de *A Gazeta Esportiva*. In: ENCONTRO DA ALESDE, I., 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008.

TAVARES, Ana Beatriz Correia; VOTRE, Sebastião Josué. Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do Derby. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.37, n. 3, p. 258 – 264, ago. 2015.

TAVOLARO, Sérgio Barreira de Faria. Freyre, DaMatta e o lugar da natureza na “singularidade brasileira”. **Lua Nova**, São Paulo, 83: 217-257, 2011.

_____. Gilberto Freyre e nossa “Modernidade Tropical”: entre a originalidade e o desvio. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, no 33, p. 282-317, mai./ago. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade e o jornal: *A Gazeta Esportiva* e os sentidos da modernidade na primeira metade do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **O Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012, p. 52 – 79.